



# REVISTA

DE EXTENSÃO UENF

*Estendendo conhecimento  
para o bem-estar social*

v. 1 n. 2 • abril • 2015





**REVISTA**  
DE EXTENSÃO UENF

**Estendendo conhecimento  
para o bem-estar social**

v. 1 n. 2 • abril • 2015



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE  
FLUMINENSE DARCY RIBEIRO (UENF)**

**Reitor**

Dr. Silvério de Paiva Freitas

**Vice Reitor**

Dr. Edson Corrêa da Silva

**Pró-Reitor de Extensão**

Dr. Paulo Roberto Nagipe da Silva

**Editor Responsável**

Dr. Alcimar das Chagas Ribeiro (UENF)

**Comitê Editorial**

Dr. Alcimar das Chagas Ribeiro (UENF)

Dr. Fábio da Costa Henry (UENF)

Dr. Jonas Alexandre (UENF)

Dra. Maria Clareth Gonçalves Reis (UENF)

Dr. Paulo Roberto Nagipe da Silva (UENF)

Dr. Renato Da Mata (UENF)

Dr. Ronaldo Novelli (UENF)

Dr. Sérgio Arruda de Moura (UENF)

**Quadro de Avaliadores**

Dr. Alcimar das Chagas Ribeiro (UENF)

Me. Erica Costantini Pacheco (UENF)

Ma. Fúlvia D'Alessandri (UENF)

Me. George André Rodrigues Maia (UENF)

Dra. Gudelia Guilhermina Morales de Arica (UENF)

Dr. Gustavo Smiderle (UENF)

Lic. Lidia Larrubia (UENF)

Dr. Manuel Antonio Molina Palma (UENF)

Dr. Mauro Macedo Campos (UENF)

Dr. Milton Erthal (IFF)

Lic. Teresa Cristina Assed Estefan Gomes (UENF)

Dr. João Carlos de Aquino Almeida (UENF)

**UENF - Universidade Estadual do Norte Fluminense  
Darcy Ribeiro, PROEX - Pró-Reitoria de Extensão**

Revista de Extensão UENF / Pró-Reitoria de Extensão  
Universitária da Universidade Estadual do Norte  
Fluminense Darcy Ribeiro. - v. 1, n. 2 (abr. 2015)  
Campos dos Goytacazes, RJ.

Periodicidade Quadrimestral  
ISSN 2359-1226 (versão eletrônica)

**PROEX (Pró-Reitoria de Extensão)**

Avenida Alberto Lamego, n. 2000  
Parque Califônia - Campos dos Goytacazes, RJ  
CEP: 28013-602  
Tel: (22) 2739-7007  
E-mail: [extensaouenf@outlook.com](mailto:extensaouenf@outlook.com)

# SUMÁRIO

## Contents

- 07 **EDITORIAL**  
EDITORIAL
- ARTIGOS**  
ARTICLES
- 11 **Pré-Acadêmicos Populares, Inclusão Social e Qualificação Profissional: O Exemplo do Vestibular Solidário (Vs) da Universidade Federal de Pernambuco (Ufpe)**  
*Popular pre-academic, social inclusion and professional qualification: An example of Vestibular Solidário (VS) of the Federal University of Pernambuco (UFPE)*  
Ronilze Santiago Gomes da Silva  
Alisson Michel Silva Valença  
Rodrigo Alcântara Carneiro
- 25 **O Assistente Social no Espaço Escolar: Produção de Conhecimentos para o Fortalecimento da Cidadania**  
*The social worker in schools: production of knowledge to strengthen citizenship.*  
Valdenice José Raimundo  
Elizabeth Cabral  
Ana Cláudia Galvão  
Jacirelle Alves Grilho
- 39 **O Incentivo à Leitura no Ensino Fundamental através de uma Biblioteca com Saber e Sabor**  
*The Reading Incentive in Elementary School through a Library with Know and Flavor*  
Bianka Pires André  
Camille Auatt da Silva  
Rosilani Balthazar Silva

- 55 **Análise das construções ideais para a suinocultura em comparação com as construções do Assentamento Josué de Castro**  
*Analysis of ideas constructs for pig husbandry compared to the constructions of the settlement Josué de Castro*  
Thiago Locatelli dos Santos  
Alcimar das Chagas Ribeiro
- 69 **Avaliação da Qualidade de Carcaças de Bovinos Abatidos em Campos Dos Goytacazes/RJ**  
*Beef Carcass Quality Assessment Slaughtered in Fields of Goytacazes/RJ*  
Elaine Cristina Alcantara da Silva  
Fábio da Costa Henry

#### RELATOS DE EXPERIÊNCIA

#### EXPERIENCE REPORT

- 91 **Marketing Verde e Suas Aplicações na Indústria da Moda**  
*Green Marketing and it's Applications in the Fashion Industry*  
Brenda Giovana Brum  
Daniella Costantini das Chagas Ribeiro
- 107 **Desafios e Possibilidades da Atuação do Orientador Educacional na Prática Educativa**  
*Challenges and Possibilities of Guidance Counselor in Educational Practice*  
Erica Costantini das Chagas Ribeiro Pacheco
- 123 **“Quem Ama Cuida e Educa”: A Experiência com um Grupo de Pais de uma Creche Municipal no Interior da Bahia**  
*“Who Loves Cares and Educates”: Experience with a Parent Group of a Municipal Nursery Within the Bahia*  
Áurea Lina Angélica Batista Oliveira  
Daniely Martins dos Santos Ferraz  
Patrícia Serra dos Reis Rios  
Edi Cristina Manfroi

## EDITORIAL

### Editorial

É com imensa satisfação que apresentamos a segunda edição da Revista de Extensão da UENF. Convidamos os leitores para um passeio, de natureza multidisciplinar, na trajetória de um conjunto de disciplinas que, com suas contribuições, fortalecem as reflexões sobre a evolução sistêmica do ambiente sócio cultural.

Nesta edição o tema educação se coloca em evidência, apresentando contribuições no contexto da gestão, onde a reflexão sobre o papel do orientador educacional no trabalho pedagógico é levantado a partir de experiências fundamentais na educação infantil.

Ainda na fase da educação infantil, são dispostos os resultados sobre a investigação de práticas educativas e parentais saudáveis e

autoritativas, por grupos de profissionais de caráter multidisciplinar.

Uma outra discussão importante apresenta os resultados de uma experiência de incentivo a leitura no ensino fundamental, através da montagem de uma biblioteca.

Em uma experiência concreta de integração disciplinar, a investigação sobre o papel de cursos “pré-vestibular social”, apresenta resultados fundamentais que vão além da preparação acadêmica do aluno, mostrando a construção de benefícios sociais, acadêmicos e de fortalecimento do processo de integração entre os participantes.

No fechamento da presente temática, educação e cidadania são tratadas no processo de produção de conhecimento, a partir das atividades práticas do Serviço Social.

Discussões em uma segunda área, de cunho mais tecnológico, apresentam resultados da investigação sobre a estrutura de instalações zootécnicas mais adequadas para a criação de suínos e a comparação com as instalações em operação no assentamento Josué de Castro em Morro do Coco - Campos dos Goytacazes. O esforço ocorre no contexto do projeto de geração de biogás e energia elétrica a partir de dejetos de suínos.

Ainda no campo tecnológico a preocupação com o melhoramento genético bovino e

com a atividade de assistência rural, pode ser verificada nas discussões sobre a avaliação da qualidade da carne na região Norte Fluminense e, conseqüentemente, na determinação do padrão da carcaça bovina.

Finalmente, a temática da sustentabilidade, através do marketing verde, pode ser vista na discussão sobre a avaliação do consumo sustentável no ramo de confecção em um relato de experiência em sala de aula.

Desejo a todos uma excelente leitura!

*Alcimar das Chagas Ribeiro*  
*Editor responsável*

# ARTIGOS

ARTICLES



# Pré-acadêmicos Populares, Inclusão Social e Qualificação Profissional: o exemplo do Vestibular Solidário (VS) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

*Popular pre-academic, social inclusion and professional qualification: An example of Vestibular Solidário (VS) of the Federal University of Pernambuco (UFPE)*

Ronilze Santiago Gomes da Silva<sup>1</sup>, Alisson Michel Silva Valença<sup>2</sup>, Rodrigo Alcântara Carneiro<sup>3</sup>

## RESUMO

O presente estudo busca analisar a importância social e acadêmica dos pré-vestibulares populares sob diferentes perspectivas, com ênfase na inclusão social das pessoas que participam como alunos desses cursos e da qualificação profissional daqueles que integram as equipes que trabalham nesses projetos tomando como exemplo o Vestibular Solidário (VS) da UFPE. Para esse objetivo, foi realizado um levantamento bibliográfico em língua portuguesa em periódicos nacionais, além de material interno do VS. Os estudos indicam que os pré-acadêmicos populares possuem um caráter formador que excede a questão da preparação para o vestibular, no qual ao participar dessa modalidade de ensino o aluno se integra num grupo que possui necessidades semelhantes, ou seja, jovens de camadas populares que buscam ingressar no ensino superior público, reafirmando a demanda educacional contemporânea para esse grupo que enfrenta significativas dificuldades de acesso à educação superior. Além disso, as investigações apontam que há uma crescente qualificação da experiência profissional e acadêmica de graduandos ao participar desses projetos. Portanto, os pré-acadêmicos populares estimulam a participação comunitária dos discentes, docentes e funcionários das Universidades, proporcionando a inclusão social dos alunos desses pré-vestibulares.

**Palavras-chave:** Pré-acadêmicos populares; Inclusão Social; Qualificação Profissional; Vestibular Solidário.

## ABSTRACT

This study aims to analyze the social and academic importance of the popular pre university courses from different perspectives, with emphasis on social inclusion of people who participate as students of these, and professional qualifications of those who work on these projects, by using the example of Vestibular Solidário (VS) from UFPE. For this purpose, we have performed a literature review in Portuguese in national journals, and VS inner material. Studies indicate that the popular pre university courses have an upbringing that exceeds the question of preparation for the exam, in which to participate in this type of education, the student joins a group that has similar needs, that is, the lower classes of young people want to go the public university, reaffirming the contemporary educational demand for this group that faces difficulties in access to higher education. In addition, investigations show that there is an increasing qualification of professional and academic experience of undergraduate students by participating in these projects more often. Therefore, the popular pre university courses stimulate community participation of students, professor and staff of universities, providing the social inclusion of these pre-university students

**Keywords:** Popular Pre-academic; Social Inclusion; Professional Qualification; Vestibular Solidário.

<sup>1</sup>Especialista em Educação, servidora técnico-administrativo em educação da UFPE, colaboradora do VS. ronilize.santiago@ufpe.br

<sup>2</sup>Graduando de Psicologia e bolsista de apoio acadêmico da UFPE, colaborador do VS. alisson.valenca@hotmail.com

<sup>3</sup>Graduando de Ciências Biológicas Licenciatura da UFPE, professor e coordenador do VS. roalcantara92@gmail.com

## Introdução

Ingressar numa Instituição de Ensino Superior pública é a meta de vários jovens brasileiros que já concluíram ou que estão em processo de conclusão do ensino médio em todo Brasil. Estudantes de diversas classes sociais, vindos de escolas públicas e privadas, buscam passar no processo seletivo dessas instituições com o intuito principal de poder atender a demanda do mercado de trabalho com profissionais qualificados, demanda essa que teve um aumento significativo nas últimas três décadas, conforme Zago (2006, p. 229). As Universidades federais e estaduais, bem como, os Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFETs) e os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs) por suas estruturas e tradições são o alvo da maioria dos concluintes, por diversos fatores, dentre eles, a maior absorção pelo mercado de trabalho e o fato de cursar uma graduação sem pagar mensalidades podem ser destacados, de acordo com as investigações de Teixeira e Silva (2009, p.3).

Os alunos vindos de escolas públicas possuem uma significativa desvantagem quando comparados aos alunos vindos de escolas particulares. Além da estrutura nas instituições de ensino fundamental e médio particulares ser mais sólida, devido ao investimento privado que é feito, os

alunos dessas instituições, em sua maioria, têm a possibilidade de participar de algum curso pré-vestibular ou cursos de disciplinas isoladas para uma melhor preparação para os exames do vestibular. Outro fator que influencia a discrepância desses dois grupos é a qualificação e a remuneração dos professores, que repercute diretamente na formação e capacitação dos alunos (UNESCO, 2004, p.125).

As condições citadas anteriormente condicionam os alunos egressos de escolas públicas a sentirem, além da natural dificuldade de ingresso numa universidade gratuita, uma instabilidade quanto à base necessária para dar continuidade aos estudos na educação superior, pois, neste momento, será exigido do discente uma base que deve ser construída no ensino básico, conforme o Código Civil Brasileiro<sup>1</sup>, lei n. 9.394, capítulo II, art. 22. Isso porque, mesmo conseguindo entrar na universidade, seja ela privada ou pública, o aluno precisará se adaptar a uma rotina de estudos mais densa e em diversas situações, com base no estudo de Filho (2008, p. 46), terá que conciliar suas funções acadêmicas com atividades remuneradas para compor a renda familiar.

Os pré-acadêmicos populares, que são gratuitos ou cobram um valor simbólico, assumem papéis de catalizadores na questão do déficit da estrutura de aprendizagem dos alunos das classes populares tanto quan-

titativamente quanto qualitativamente. Pois, ao possibilitar que esses alunos complementem a preparação para o vestibular, esses cursos sanam algumas necessidades provenientes ensino básico que podem ter ficado pendentes, o que os favorecerá quando posteriormente estiverem num curso de graduação, além da própria facilitação do ingresso desses alunos nas IES públicas ou Escolas Técnicas públicas (VASCONCELOS; LIMA, 2004, p.72).

O presente estudo buscará analisar no contexto dos pré-acadêmicos solidários, tanto a questão a aprovação no vestibular para os alunos vindos escolas públicas, quanto à importância geral desses cursos para esse aluno que busca sua inserção numa universidade pública e posteriormente no mercado de trabalho, proporcionando uma considerável inclusão social. Também, como a participação nesses cursos pode favorecer na qualificação acadêmica e profissional dos discentes que trabalham nesses projetos, além do fortalecimento do elo entre Universidade e Sociedade.

## Metodologia

Para essa investigação foi realizada uma pesquisa bibliográfica dos principais conteúdos envolvidos direta e indiretamente com a temática geral do trabalho. A pesquisa

bibliográfica compreende a busca e a análise do máximo de conteúdo teórico desenvolvido ao longo tempo que tenha alguma relação de proximidade com o objetivo da pesquisa que está sendo desenvolvida, para que dessa forma se tenha o conhecimento, através de diversas perspectivas, do fenômeno que se deseja investigar. Esse conteúdo compreende produções tanto do universo acadêmico como artigos científicos, dissertações e teses quanto produções fora desse universo como jornais impressos, internet e televisão, bem como qualquer veículo de comunicação, sempre com foco no objeto de estudo (LIMA; MIOTO, 2007, p. 38). Köche<sup>2</sup> (1997 apud FERNANDES; GOMES, 2003, p. 14) pontua a questão objetiva da pesquisa bibliográfica, “conhecer e analisar as principais contribuições teóricas existentes sobre um determinado tema ou problema, tornando-se instrumento indispensável a qualquer tipo de pesquisa.”

Na pesquisa em questão, foi realizado um levantamento bibliográfico em língua portuguesa em periódicos nacionais de diversas áreas das Ciências Humanas, em livros e sites, sobre o tema central do trabalho. Também foram utilizados documentos disponibilizados pela Pró-reitoria de Extensão da Universidade Federal de Pernambuco (PROEXT-UFPE) e pela Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e Cultura (UNESCO). Além da pesquisa biblio-

<sup>2</sup>KÖCHE, J. C. Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e prática da pesquisa. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

<sup>1</sup>BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)> Acesso em: 06. mar. 2013.



gráfica, foram utilizados os dados coletados pelos colaboradores do Pré-acadêmico Vestibular Solidário da UFPE no ano letivo de 2013.

## A Universidade promovendo a Inclusão Social através dos Pré-vestibulares Populares

Os cursos pré-vestibulares comunitários (CPVCs) surgiram por volta da década de 80, todavia, foi na década de 90 que houve um crescimento significativo desse tipo de curso em todo o Brasil. Esses projetos surgiam com o objetivo principal de democratizar o ensino superior no país, possibilitando aos jovens de grupos sociais que geralmente tinham relevantes dificuldades no acesso à educação superior, uma alternativa para ter uma preparação mais consolidada para os processos seletivos das universidades públicas. Essa configuração ainda permanece semelhante na contemporaneidade, isso porque, assim como os cursos da década de 90, os cursos atuais continuam com características similares, como por exemplo, a facilidade de pagamento, por se cobrar uma taxa simbólica ou nem haver essa cobrança e ter a base principal da organização desses projetos alicerçados no trabalho voluntário (ZAGO, 2008, p.152).

O surgimento de novos CPVCs tem sido

constantes e uma significativa parte desses cursos são projetos de extensão universitária desenvolvida por discentes e docentes das IES, que participam da organização e estruturação desses cursos na maioria das vezes de forma voluntária. Em muitos casos os discentes dessas IES são ex-alunos desses CPVCs e retornam na condição de graduandos para auxiliar outras pessoas, também vindas das classes populares, a alcançarem o ingresso numa Instituição de ensino pública, sendo essa semelhança um fator motivador para esses discentes participarem ativamente de projeto como os CPVCs (ZAGO, 2009, p. 258). Conforme Carvalho (2006, p. 309), o vínculo desses discentes universitários com esses cursos facilita o acesso a políticas públicas de permanência na universidade, como bolsas de permanência, auxílio transporte e auxílio alimentação, já que esses discentes também são provenientes das classes populares. Além disso, pode ocorrer também o reconhecimento da carga horária dedicada ao curso como prática docente ou atividade de extensão universitária.

Diversas universidades estruturam programas de atuação para incentivar projetos que visam à inclusão social através do ensino, e mais especificadamente através da preparação de alunos das classes populares para o ingresso nas universidades públicas, como é o caso do Programa Edu-

cação Inclusiva e Formação Permanente da Universidade Federal de Pernambuco. Esse programa busca realizar associações com outras universidades, com o Governo do Estado de Pernambuco, com a Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco (FACEPE) e com o próprio Ministério da Educação do Brasil para apoiar ações que tenham como objetivo auxiliar o acesso de jovens egressos das escolas públicas à universidade. Atualmente, 16 pré-acadêmicos populares estão vinculados à Pró-reitoria de Extensão da UFPE, esses cursos funcionam dentro dos centros acadêmicos da universidade, em escolas públicas conveniadas ou em sedes próprias<sup>3</sup>.

## A qualificação acadêmica e profissional dos graduandos e pós-graduandos na participação dos CPVCs

Além de favorecer os estudantes vindos das escolas públicas de diversas formas, o espaço compartilhado nos pré-acadêmicos comunitários e as experiências vivenciadas nesse âmbito solidifica significativamente a qualificação acadêmica e profissional dos graduandos e graduados que trabalham na estrutura desses projetos. Mesmo que trabalhando de forma não remunerada, como ocorre na maioria das vezes, os profis-

sionais e estudantes que participam dos pré-vestibulares comunitários obtêm práticas e experiências docentes que são essenciais para a formação enquanto profissionais e são primordiais para inserção no mercado de trabalho e para possíveis aprovações em seleções de concursos públicos e de mestrado/doutorado, visto que, nessas avaliações geralmente são imputadas pontuações para as experiências profissionais do candidato.

Graduandos das licenciaturas ao integrarem as equipes responsáveis pela realização dos CPVCs ganham experiências que contribuirão para a sua atuação como profissionais na área de educação, pois, essa participação pode ser aproveitada como uma prática docente, um estágio ou uma atividade de extensão. Esse reconhecimento das tarefas realizadas nos pré-vestibulares populares é essencial para estimular novos alunos a participarem desses projetos, isso porque, além da própria experiência prática adquirida em sala de aula o reconhecimento através de carga horária computada ou de certificados das universidades oficializam o trabalho realizado (CANDAUI, 2008, p. 46). Havendo também, em algumas situações o pagamento de uma bolsa fixa paga ao aluno durante o período de participação nos cursos. Há várias universidades que possuem programas de assistência estudantil ao alunado proveniente das classes sociais menos favorecidas, os incentivos geral-

<sup>3</sup> Disponível em: <[www.ufpe.br/proext](http://www.ufpe.br/proext)>  
Acesso em: 07. mar. 2013.



mente são em forma de bolsa permanência e alguns auxílios como o de transporte, de alimentação e de moradia, conforme Vargas (2011, p. 153), frequentemente é cobrado do aluno uma carga horária a ser dedicada em alguma atividade acadêmica além das aulas e muitos alunos utilizam seus horários dedicados ao pré-acadêmico popular para a obtenção e mantimento desse incentivo.

Além da participação de graduandos e pós-graduandos da área de educação, há também nos pré-vestibulares comunitários a participação constante de alunos que cursam uma graduação que não está ligada diretamente à atividade de docência. Isto é, alunos de cursos de Enfermagem e Engenharia que participam das atividades dos cursos ministrando disciplinas próximas a sua área ou matérias que não são ligadas diretamente ao seus cursos, como alunos de Medicina que atuam como professores e/ou monitores de Espanhol (MORAES; OLIVEIRA, 2006, p.128).

Tanto alunos que ao se formarem irão trabalhar efetivamente com o ensino, como é o caso dos licenciandos, quanto os alunos que não trabalharão diretamente como professores, têm a oportunidade ao trabalhar num curso pré-acadêmico popular de exercerem funções sociais que favorecem tanto o próprio aluno quanto o coletivo, pois o discente integra um grupo que favorece o desenvolvimento social e a participação

comunitária. Como afirma Perdigão<sup>4</sup> (2005 apud MORAES; OLIVEIRA, 2006, p. 130) sobre o projeto de CPVC promovido pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar):

*Esse projeto tem uma função social, constitui-se em uma ação política consciente, e o trabalho do professor (independentemente de estar inserido neste projeto ou não) também é uma ação política e uma de suas principais funções é democratizar a aprendizagem em sala de aula, porque só assim poderá se constituir em uma ação educativa efetivamente inclusiva.*

### Pré-acadêmicos populares realizando sonhos e modificando vidas

A funcionalidade desses pré-acadêmicos não é apenas fazer com que seus participantes conquistem uma vaga numa universidade, para assim ter acesso ao ensino superior, mas também desenvolver o intelecto daquele que participa do mesmo, aguçando seu senso-crítico, analisando a forma como se enxerga o mundo. Essa estrutura direciona o aluno a não atuar apenas com um caráter de reprodução de ideias, mas como criador de novos pensamentos (NASCIMENTO, 2002, p.3).

O objetivo principal desses pré-vestibulares versa em torno da promoção educacional como fator de transformação

social, uma vez que é através da educação que se consegue a “ascensão econômica e social”, sendo essas altamente almejadas pelas camadas populares da sociedade brasileira, conforme os estudos de Nascimento (2009, p. 57). D’Avila e Soares (2003, p. 106) apontam que, a realidade não só dos participantes desses pré-acadêmicos, mas também toda a sua família, é afetada e modificada, direta ou indiretamente, sendo essa situação semelhante nos outros preparatórios para o vestibular, seja ele popular ou particular.

A partir do momento que um aluno, ou ex-aluno, da escola pública ingressa num desses “prés” passa a ter sua vida completamente modificada. Essa mudança se dá, inicialmente, através da adoção a uma nova rotina, a qual passa a ser voltada única e exclusivamente aos estudos, mesmo os que trabalham, passam a dedicar todo seu tempo livre aos estudos. Isso é decorrente da rigorosa realidade estudantil imposta pelo sistema do vestibular. A falta de direcionamento e informação presente em grande parte das escolas da rede pública de ensino faz com que os alunos choquem-se ainda mais ao depararem-se com toda essa rigidez.

Após a modificação de sua vida há a modificação do meio em que vive, pois sua dedicação é enormemente perceptível em seu convívio social, inclusive porque o

estudante busca recuperar o “tempo perdido”, os assuntos não estudados e o déficit já fixado em sua educação. Isso o faz abdicar de inúmeras atividades, que antes lhe eram costumeiras, para dedicar-se à luta por uma vaga numa universidade, preferencialmente pública. Inicialmente, ele pode ser taxado como um estranho para o meio no qual vive, mas assim que seu objetivo é alcançado, passa a ser tido como um modelo de ascensão profissional, social e econômica (OLIVEIRA, 2006, p.2).

Com a aprovação do estudante no processo de ingresso através do vestibular, seu meio social, composto por parentes, amigos ou conhecidos, passa a perceber que a realidade vivida é o reflexo das atitudes tomadas no decorrer da vida e principalmente das etapas que precederam esse momento, ou seja, os momentos de dedicação aos estudos. Esse período de abdicção de desejos em prol da realização dessa meta é de extrema importância, projetos como os pré-acadêmicos populares fomentam os desejos de realização desses sonhos além de direcionarem para os caminhos de concretização do mesmo (SANGER, 2003, p.80).

## Pré-acadêmico Vestibular Solidário: Contribuições na inclusão social e formação inicial de professores

O pré-acadêmico Vestibular Solidário (VS) é um projeto de extensão implantado no Centro de Educação da UFPE com apoio da Pró-reitora de Extensão (PROEXT). Ações desenvolvidas por pré-acadêmicos da Universidade Federal de Pernambuco oferecem aos alunos da rede pública aulas preparatórias voltadas para os vestibulares estaduais e nacionais, tornando-os mais competitivos e preparados para ingressar no ensino superior. Ratificando essa afirmativa, no artigo 206 da Constituição Federal da República Federativa do Brasil (BRASIL, 2005) lê-se a seguinte declaração:

O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

*I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola (...). Uma pesquisa realizada no ano de 2009 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontou alguns pontos que o ensino médio enfrenta, (BRASIL, 2009, p. 39) "As dificuldades encontradas em relação a este nível estão no acesso, na permanência, no desempenho e na conclusão do curso, atualmente considerado essencial, para quase todas as funções produtivas."*

As escolas públicas brasileiras enfrentam problemas que vai da organização até o

comportamento dos alunos em sala de aula. O mau desempenho da maioria dos estudantes do Ensino Médio da rede pública dificulta o acesso ao ensino superior. A política das cotas minimizou tal realidade, mas sem incidência na defasagem de conteúdos disciplinares. O acesso a uma educação que prepara para a passagem do Ensino Médio para o Ensino Superior ainda é privilégio de uma minoria concentrada nas escolas de alto custo da rede privada de ensino.

No projeto VS, os estudantes recebem apoio pedagógico por meio de aulas expositivas e/ou dialogada, aulas extraclases, simulados específicos e gerais, e um evento intitulado Aulão Temático que é aberto ao público externo. Cada aluno vinculado no ano de 2014 recebeu carteira de estudante para garantir a assiduidade e a permanência com o benefício da meia passagem no serviço de transporte público de passageiro. Todas as atividades são planejadas e realizadas por discentes de graduação, da Universidade Federal de Pernambuco e outras IES. O projeto é coordenado por 2 docentes da UFPE com a colaboração de 1 servidor técnico administrativo.

No ano de 2013 o Vestibular Solidário inscreveu 31 alunos para a realização do ENEM, 2ª fase da Covest e tradicional da Universidade de Pernambuco. Desse número, 26 alunos conseguiram a aprovação nas instituições públicas, que contabiliza 83.8%

de aprovações no ano de 2013 conforme gráfico abaixo:

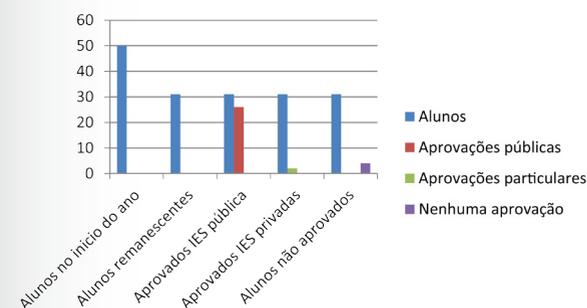


Gráfico 01: Aprovações dos estudantes do VS em 2013

Os índices de aprovação mostram que os espaços de aprendizagens criados a partir do Pré-Acadêmico Vestibular Solidário cumpre seu objetivo primário. Também mostra um posicionamento da Universidade através da extensão no enfrentamento do ciclo de exclusão que alijava alunos de baixa renda do ingresso nas Universidades públicas, inclusive em cursos antes considerados de elites como Medicina, Direito e Engenharia.

Outro fator relevante neste panorama é a atuação dos professores. No ano de 2006, o Centro de Educação em parceria com a PROEXT realizou dois seminários de formação continuada para professores dos cursos pré-acadêmicos. De acordo com a professora formadora, alguns professores afirmaram que não tinham dom para ensinar. Mas,

alguns estudantes ao falar de suas práticas, mencionaram ter descoberto na formação inicial o seu papel político diante do cenário da educação nacional, o que lhes motivava a querer aprender a ensinar. (CRUZ, 2013). Também se identificou que apesar das incipientes significações acerca da docência, alguns expressaram emotivamente seu compromisso com a escola pública e a sociedade.

Segundo Guimarães e Borba (2007) muitas são as discussões sobre elementos essenciais à formação de professores, e, em consequência disso, os cursos de licenciaturas tem passado por várias reformas, sendo fundamental o desenvolvimento de saberes científicos, pedagógicos e da experiência. Nas reformas curriculares mais recentes dos cursos de graduação, a LDB conferiu maior importância às atividades de extensão através do PNE 2001-2010, destinando a estas 10% da creditação curricular.

O princípio fundador das universidades brasileiras é a indissociabilidade entre pesquisa, ensino e extensão. No que diz respeito à relação ensino e extensão, a atual política nacional de extensão reafirma a extensão universitária como processo acadêmico definido e efetivado em função das exigências da realidade, indispensável na formação do estudante, colocando-o como protagonista na obtenção de competências necessárias à atuação profissional e de sua formação ci-

dadã. Neste sentido, a extensão universitária através deste projeto, tem se constituído como um espaço propício para formação e exercício destas competências.

## Considerações Finais

A busca incessante por melhores condições de vida, pelo crescimento pessoal e profissional estimula jovens de diversas classes sociais a quererem estudar nas melhores Instituições de Ensino, todavia, o limitado número de vagas dessas IES, na comparação com a totalidade de postulantes, gera o grande desafio que é ser aprovado num vestibular, principalmente quando se trata das melhores Universidades. Nessa busca, caminhos como a participação de um pré-acadêmico popular se tornam alternativas interessantes para jovens que não possuem condições econômicas de frequentar um curso particular. Porém, ao ingressar num pré-vestibular comunitário esse indivíduo se aproxima da realidade de vida de diversas pessoas que possuem dificuldades semelhantes.

A construção mútua do conhecimento e o enfretamento das dificuldades comuns se tornam parte do cotidiano desses cursos, não apenas dos que participam como alunos, mas também, dos indivíduos que fazem parte das equipes como professor, monitor

ou qualquer outra função nesse contexto. Esses indivíduos, tanto os que trabalham na organização do curso quanto os alunos, interagem não apenas com o objetivo da preparação para um processo seletivo, mas sim, de encontrar meios de solidificar a inclusão social usando os espaços dos CPVCs como canais para esse propósito.

Portanto, a troca de conhecimentos e experiências vivenciadas em ambientes como esses, produzem ganhos que excedem o campo acadêmico, como a preparação para o vestibular e para a educação superior, e tangem questões sociais como a inclusão social de pessoas das classes menos favorecidas e a participação de profissionais e graduandos nessas ações que são favoráveis tanto as suas formações profissional e acadêmica, quanto à estruturação de uma sociedade na qual a desigualdade social é cada vez menos presente.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. 35. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE]. Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira 2009. Rio de Janeiro: IBGE, 2009. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/>

indicador esminimos/sinteseindicsoais2009/indic\_sociais2009.pdf>. Acesso em: 01. nov. 2014.

CANAU, V. M. F. Os desafios pedagógicos na formação docente dos CPVCs. In: CARVALHO, J. C. B.; FILHO, H. A.; COSTA, R. P. (Orgs.). *Cursos pré-vestibulares comunitários: espaços de mediações pedagógicas*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2008, 288p.

CARVALHO, J. C. B. *Os cursos pré-vestibulares comunitários e seus condicionantes pedagógicos*. Cadernos de Pesquisa. Rio de Janeiro, v. 36, n.128, p. 299-326, 2006.

D'AVILA, G. T.; SOARES, D. H. P. *Vestibular: Fatores Geradores de Ansiedade na "Cena da Prova"*. Revista Brasileira de Orientação Profissional. Florianópolis, v.4, n.1, p. 105-116, 2003.

FERNANDES, L. A.; GOMES, J. M. M. *Relatório de pesquisa nas Ciências Sociais: Características e modalidades de investigação*. ConTexto. Porto Alegre, v.3, n.4, p. 1-23, 2003.

FILHO, A. T. *Ensino Superior Noturno no Brasil: Estudar para Trabalhar ou Trabalhar para Estudar?*. Pensamento & Realidade. São Paulo, v.22, n.1, p. 43-65, 2008.

LIMA, T. C. S.; MIOTO, R. C. T. *Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica*. Rev. Katál. Florianópolis, v.10, n.esp, p. 37-45, 2007.

MORAES, A. C.; OLIVEIRA, R. M. M. A. *Cursos pré-vestibulares populares e aprendizagem da docência: alguns encontros*. Praxis Educativa. Ponta Grossa, v.1, n.2, p. 125-144, 2006.

NASCIMENTO, A. *Universidade e Cidadania: O movimento dos Cursos Pré-Vestibulares Populares*.

Revista Lugar Comum: Estudos de Mídia, Cultura e Democracia. Rio de Janeiro, n. 17, 2002.

NASCIMENTO, E. P. *Jovens e educação superior: as aspirações de cursos pré-vestibulares populares*. São Paulo: USP, 2009. 150f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

OLIVEIRA, E. S. G. *Acesso ao ensino superior no Brasil: Dificuldades, anseios e sugestões dos alunos*. In: BIENNALE DE L'ÉDUCATION ET DE LA FORMATION, 8., 2006, Lyon. Anais... Lyon: INRP, 2006, p. 1-4.

SANGER, D. S. *Para além do ingresso na universidade – radiografando os cursos pré-vestibulares para negros em Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS, 2003. 184f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

TEXEIRA, A. M. F.; SILVA, V. A. *Caminhos de jovens em busca da universidade: "Destinos" que não se cumprem*. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUANDOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 32., 2009, Caxambu. Anais... Caxambu: ANPED, 2009, p. 1-16.

UNESCO. *O perfil dos professores brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam*. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2004. 225 p.

VARGAS, M. L. F. *Ensino superior, assistência estudantil e mercado trabalho: Um estudo com egressos da UFMG*. Avaliação. Campinas, v.16, n.1, p. 149-163, 2011.

VASCONCELOS, S. D.; LIMA, K. E. C. *Inclusão social e acesso às universidades públicas: o programa "Professores do Terceiro Milênio"*. Estudos em



Avaliação Educacional. São Paulo, n. 29, p. 67-86, 2004.

ZAGO, N. *Do acesso à permanência no ensino superior*: percursos de estudantes universitários de camadas populares. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v.11, n.32, p. 226-237, 2006.

ZAGO, N. *Cursos pré-vestibulares populares*: limites e perspectivas. Perspectiva. Florianópolis, v. 26, n.1, p. 149-174, 2008.

ZAGO, N. *Pré-vestibular popular e trabalho docente*: Caracterização social e imobilização. Revista Contemporânea de Educação. Rio de Janeiro, v.4, n.8, p.253-274, 2009.



# O Assistente Social no espaço escolar: Produção de Conhecimentos para o Fortalecimento da Cidadania

*The social worker in schools: production of knowledge to strengthen citizenship*

Valdenice José Raimundo<sup>1</sup>, Elizabeth Cabral<sup>2</sup>, Ana Cláudia Galvão<sup>3</sup>, Jacirelle Alves Grilho<sup>4</sup>

## RESUMO

Este artigo tem como objetivo propor algumas reflexões acerca da produção do conhecimento elaborado a partir das atividades desenvolvidas na prática do Serviço Social no projeto de extensão: Integrando Conhecimento e Promovendo Ações de Cidadania. O projeto, elaborado pelo curso de Serviço Social da Universidade Católica de Pernambuco, é implementado junto aos alunos/as do ensino fundamental do Colégio Liceu de Artes Ofícios de Pernambuco. Suas ações visam despertar uma consciência cidadã que conduza a compreensão da educação para além do ensino formal, ou seja, como aprendizados que poderão ser acessados em diversas situações da vida. Diante disto, o projeto dialoga com os estudantes sobre temas diversos que fazem parte do seu cotidiano não apenas na escola, mas na família, na comunidade etc. A educação, nesse enfoque, é caracterizada como uma área multidisciplinar e que cumpre um papel importante na vida dos indivíduos. É neste contexto que o assistente social encontra-se inserido, contribuindo para que o direito a educação seja garantido. Destacamos ainda que na conjuntura atual de redução dos investimentos na área social, faz-se necessário que os profissionais comprometidos com a educação elaborem estratégias para superação dessa realidade.

**Palavras-chave:** Educação; Cidadania; Direitos.

## ABSTRACT

This article aims to propose some reflections about the production of knowledge drawn from the activities developed in the practice of social work in the extension project: Integrating Knowledge and Promoting Citizenship Shares. The project, prepared by the Social Work course of the Catholic University of Pernambuco, is implemented with the students / the elementary school of the College School of Arts Crafts Pernambuco. Their actions are aimed at awakening a citizen consciousness that leads to understanding of education beyond formal education, that is, as learning that may be accessed in various situations of life. Hence, the project speaks to students on various topics that are part of everyday life not only in school but in the family, community etc. Education, in this approach, is characterized as a multidisciplinary area and plays an important role in the lives of individuals. In this context, the social worker is inserted, contributing to the right to education is guaranteed. We also point out that in the current situation of reduced investment in the social area, it is necessary that professionals committed to education develop strategies to overcome this reality.

**Keywords:** Education; Citizenship; Rights.

<sup>1</sup>Doutora em Serviço Social. Professora da Universidade Católica de Pernambuco  
valjrbr@yahoo.com.br

<sup>2</sup>Graduanda em Serviço Social  
bethcabral2011@hotmail.com

<sup>3</sup>Graduanda em Serviço Social  
matos\_aninha@hotmail.com

<sup>4</sup>Graduanda em Serviço Social  
jacirelle@gmail.com

## Introdução

O presente artigo elabora reflexões sobre a educação a partir da experiência do curso de Serviço Social da Universidade Católica de Pernambuco no projeto de extensão: Integrando Conhecimentos e Promovendo Ações de Cidadania, desenvolvido na Escola Liceu de Artes e Ofícios de Pernambuco, para alunos/as do ensino fundamental. A abordagem teórica aqui apresentada parte do real, do concreto, para alcançar como resultado o conhecimento teórico, sendo este uma fiel reprodução intelectual do movimento do real, pois entendemos que “a realidade é dinâmica e que para conhecê-la será preciso sempre retornar a ela percebendo as determinações que assume” (MONTAÑO E DURIGUETO, 2011 p. 34). Assumir a perspectiva educacional, por meio desta orientação é considerar a contribuição que esta pode oferecer para a transformação da sociedade. Traz ainda à luz o entendimento dos elementos centrais, do saber específico da profissão de Serviço Social, para a formação dos sujeitos em uma perspectiva crítica, para o exercício e fortalecimento da cidadania. O campo educacional é uma área multidisciplinar, o que significa que demanda a atuação de vários profissionais inseridos em diversos campos do conhecimento.

*O vínculo entre a produção de conhecimento em Serviço Social e o processo sócio-histórico gerou, por sua vez, a capacidade de interlocução entre pesquisadores provindos do Serviço Social com aqueles ligados a outros saberes. Ampliou-se a inserção e a interlocução interdisciplinar, e com elas, a construção do reconhecimento científico dessa ‘nova’ perspectiva de análise do real.*  
(YAZBEK, 2007, p.18)

Posto isto podemos afirmar que o conhecimento produzido pelo Serviço Social, certamente, contribuirá para outros profissionais sensíveis à proposição de uma educação para além da perspectiva mercadológica.

## O Serviço Social na produção de conhecimentos: uma breve reflexão

A produção de conhecimentos no Serviço Social, assim como a própria profissão, sofreu diversas influências filosóficas ao longo da história. O debate sobre a pesquisa e a produção de conhecimentos iniciou-se na década de 70, quando os profissionais entraram em um *processo de questionamentos* a respeito do fazer profissional diante do conjunto das transformações socioeconômicas vivenciadas pelo Brasil em plena ditadura militar. O processo que desencadeou os questionamentos foi denominado *Movimento de Reconceituação*. Segundo Faleiros

(1981) esse movimento consistiu na crítica ao positivismo e ao funcionalismo, bem como na incorporação da visão marxista na história e estrutura do Serviço Social. O processo de Reconceituação serviu de estímulo para a produção do conhecimento acerca das diversas expressões da questão social, a partir da tomada crítica do legado marxista na profissão.

*“Os assistentes sociais trabalham com a questão social nas suas mais variadas expressões quotidianas, tais como os indivíduos as experimentam no trabalho, na família, na área habitacional, na saúde, na assistência social pública, etc. Questão social que sendo desigualdade é também rebeldia, por envolver sujeitos que vivenciam as desigualdades e a ela resistem, se opõem. É nesta tensão entre produção da desigualdade e produção da rebeldia e da resistência, que trabalham os assistentes sociais, situados nesse terreno movido por interesses sociais distintos, aos quais não é possível abstrair ou deles fugir porque tecem a vida em sociedade. [...] a questão social, cujas múltiplas expressões são o objeto do trabalho cotidiano do assistente social”*

(IAMAMOTO, 1997, p.14).

Ao se apropriar do marxismo os profissionais passaram a assumir uma consciência crítica, rompendo com a alienação que o Serviço Social brasileiro carregava desde a sua origem, criando novos meios para sua prática e buscando atender aos interesses dos seus usuários.

A década de 80 possibilitou uma maior produção teórica, sobretudo, no campo das políticas sociais, sendo marcado pelo amadurecimento desse processo. A aproximação com as lutas sociais dos trabalhadores permite que o Assistente Social reconheça a centralidade na autonomia do sujeito.

*Somente conhecendo a sua identidade de classe, as reivindicações coletivas de seus membros, as dificuldades materiais na produção da existência, é que se poderia reverter o quadro de uma prática impositiva, coercitiva e controlista.*  
(MARTINELLI, 2000, p.174)

Para Yasbek, a produção do conhecimento em Serviço Social ganhou um tom de qualidade, pois procedeu da direção social da prática profissional orientada por um projeto ético-coletivo. “Falo da relação de compromisso entre a prática profissional e os interesses das classes populares, subalternas, exploradas” (YASBEK, 2007, p.18).

No debate contemporâneo, de acordo com Gomes e Diniz (2012), o Serviço Social busca desenvolver uma competência profissional que se fundamente no diálogo com diversas áreas do saber, se paute na ética, considerando-a um espaço para a reflexão filosófica e ainda na utilização de instrumentos profissionais reconhecendo a instrumentalidade como sendo própria do Serviço Social.

Segundo o CFESS, a definição da prática

dos assistentes sociais nos diversos campos de atuação profissional, incluindo a área de educação, é aquela em que o profissional:

*[...] atua no âmbito das relações sociais, junto a indivíduos, grupos, famílias, comunidades e movimentos sociais, desenvolvendo ações que fortaleçam sua autonomia, participação e exercício da cidadania, com vistas à mudança nas suas condições de vida. Os princípios de defesa dos direitos humanos e justiça social são elementos fundamentais para o trabalho social, com vistas à superação da desigualdade social e de situações de violência, opressão, pobreza, fome e desemprego.*

(CFESS, 2011).

Nos termos de Fourez (1995), a prática científica e a produção de conhecimento constituem-se “numa formidável criação da história humana”, e a sua inserção, tanto na vida individual como na coletiva, está relacionada com determinados projetos individuais e de sociedade. No caso do serviço social seu projeto ético-político dialoga com os interesses da classe trabalhadora e o conhecimento por ele produzido advém das relações estabelecidas com esses usuários.

*A competência crítica implica a postura cognoscitiva que permite entender que a produção do conhecimento vai muito além da relação sujeito/objeto, que envolve a trama das relações socioeconômicas e culturais e permite o distanciamento tanto do absolutismo dogmático como do ceticismo vulgar. Finalmente, a criativi-*

*dade tem a ver com atitude. Além de tudo isso, requer o reconhecimento que os produtos do conhecimento são bens de toda a humanidade e, assim devem ser usufruídos por todos.*

(SILVA et al., 2005, p. 71-72)

Para o Serviço Social a produção de conhecimento na contemporaneidade só poderá ser efetivada a partir da categoria histórica. Entretanto, se faz necessário que os pesquisadores possuam o compromisso com um projeto que reconheça o conhecimento como base fundamental na construção dos destinos da humanidade e da história.

### Produção de conhecimento e cidadania

O homem é um ser teleológico e essa capacidade é o que o torna diferenciador de outra espécie. O conhecimento é um instrumento de estratégia humana, testemunhando sua imprescindibilidade e sua irreversibilidade em nossa história, podendo assim, evoluir de forma que transforme e construa história. Construção essa que está ligada as atividades humanas em sua historicidade de projetar, planejar e prever o que se pretende realizar.

Essa capacidade inerente aos seres humanos dá a eles a possibilidade de produzir conhecimento a partir do vivido. De acordo

com Severino (2002) o conhecimento é elemento específico fundamental na construção do destino da humanidade. Daí a relevância e a importância da educação, processo mediante o qual o conhecimento se produz, se reproduz, se conserva, se sistematiza, se organiza, se transmite e se universaliza.

O papel da educação precisa ser contínuo e expressamente retomado e redimensionado. O compromisso ético-político do assistente social com a educação deve relacionar-se com a realidade histórico-social em que nos encontramos. É também por exigência ética que a educação deve se realizar como investimento intencional sistematizado na consolidação das forças construtivas das mediações existenciais dos homens. Entretanto, o investimento na formação e na atuação profissional do educador não pode restringir-se a uma suposta qualificação puramente técnica. Precisa ser também política, expressar sensibilidade às condições histórico-sociais da existência dos sujeitos envolvidos na educação.

*O futuro da sociedade brasileira está na dependência da sua transformação em uma sociedade menos excludente. E nesse processo, a educação, diretamente vinculada à produção econômica e à dinâmica política, terá papel relevante no compromisso de responder aos desafios da alta modernidade. Construir o futuro implica investir na educação, na perspectiva de uma*

*política educacional intrinsecamente voltada para os interesses humanos da sociedade, visando à superação intencional e planejada de suas forças de exclusão social.*

(SEVERINO, 2002 p.123).

A educação possui o compromisso com a preparação de cidadãos para a vida, atribuição esta que decorre de sua natureza intrínseca como processo construtor do conhecimento, única ferramenta de que o homem dispõe para a realização de sua existência histórica.

As concepções de educação e de cidadania estão interligadas e não se restringem às experiências no âmbito escolar, vão além da transmissão de conhecimentos. Dão-se no entendimento da construção coletiva da identidade profissional e sociocultural, na relação com a comunidade, com a partilha de saberes, de participação, de promoção da autonomia popular, de acesso às tecnologias, participação política e constante qualificação profissional.

### Extensão: espaço de troca

O projeto de extensão, aqui abordado, foi criado pelo curso de Serviço Social da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), a partir de uma demanda da instituição de ensino Liceu de Artes e Ofícios de Pernambuco.



Analisar a importância da prática de extensão no âmbito da educação é, em primeiro momento, perceber, que sua perspectiva é indissociável da pesquisa e que ambas se inserem na práxis do Serviço Social, acentuando como função pedagógica a troca de saberes científicos do âmbito acadêmico que perpassa o espaço da comunidade, partilha e transforma a realidade social propondo um novo pensar, um novo fazer. Segundo Severino (2002):

*O conhecimento é o diferenciador do agir do humano em relação ao do agir de outras espécies, é a grande estratégia da espécie, mesmo suas formas enviesadas, como ocorre nos casos do senso comum, da ideologia, o conhecimento já se revela como instrumento estratégico dos homens [...] por isso, quando falamos das transformações na esfera da humanidade, estamos necessariamente falando de história e não mais de evolução. História porque mudanças vão se suceder, não mais por consequências de determinismos transitórios, mecânicos, que supostamente governam os fenômenos do mundo.*  
(SEVERINO, 2002, p.119)

As experiências vivenciadas pelo Serviço Social na escola inspiram a produção de conhecimento, considerando que a escola é um espaço para a promoção de uma educação laica, que defenda uma sociedade livre de todo tipo de preconceito, pois sabemos que o educar para o exercício ativo da cidadania, traz uma concepção estratégica de

superação da injustiça e da desigualdade social.

A Escola Liceu de Artes e Ofícios de Pernambuco atende cerca de 1.070 (mil e setenta alunos/as) de diversas comunidades da Região Metropolitana da cidade do Recife. Sua clientela é formada por crianças e adolescentes de diversas camadas sociais.

Um dos objetivos da instituição é assegurar a melhoria da qualidade do ensino em consonância com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB, 9394/96) e com as diretrizes das políticas educacionais do Estado de Pernambuco, contribuindo para a formação de cidadãos críticos e conscientes, capazes de interagir, de forma coletiva, enfrentando os desafios do mundo moderno, pautados nos valores éticos e morais, assim como aprimorar e fortalecer o processo ensino-aprendizagem através de uma metodologia de projetos com participação efetiva dos alunos, visando atingir os indicadores de desempenho propostos pela referida política.

Atualmente são desenvolvidos no Liceu diversos projetos considerando temas que são transversais. Neste contexto se insere o projeto do Serviço social, cujas temáticas nele trabalhadas são suscitadas das demandas sociais, fruto das expressões da questão social, que são revertidas em demandas institucionais.

Temáticas como: violência, vulnerabilidade ao uso de drogas, desrespeito,

indisciplina e baixo rendimento escolar são situações presentes no cotidiano dos alunos que participam do projeto de extensão.

As metodologias aplicadas permitem uma aprendizagem libertária e emancipatória, a fim de construir reflexões de como enfrentar os desafios que se apresentam no dia a dia. O projeto proporciona o conhecimento sobre valores éticos e morais que perpassam a vida em sociedade, levando-os a compreender a complexidade da realidade social.

A experiência no projeto nos conduz a perceber o quanto é possível contribuir com a vida dos alunos/as. São perceptíveis, após a implementação do projeto, o desenvolvimento de ações que correspondem às reflexões abordadas nas atividades. São posturas que demonstram mais respeito aos professores, bem como ao espaço escolar. Tais situações evidenciam a promoção de ações de cidadania por parte do projeto e possibilitam aos docentes, gestores e profissionais que atuam na escola pesquisar e aprofundar conhecimentos nessa área.

### **Fortalecimento da cidadania: um desafio ao Serviço Social contemporâneo**

O Serviço Social como profissão e área de conhecimento insere-se no cenário

educacional brasileiro na década de 30 e se caracteriza como uma profissão histórica na sociedade. Desde os seus primórdios esta profissão atravessa momentos de reconfigurações, decorrentes das mudanças de caráter social, político, econômico e cultural do país, enquanto efeitos da força do sistema capitalista-neoliberal vigente. As transformações provocadas pelo neoliberalismo abalam de forma significativa o reconhecimento da educação enquanto direito universal, e interferem no processo de busca pela consolidação dos direitos sociais e da cidadania.

Entende-se que a educação voltada à cidadania, deve associar-se, sobretudo, à vida em sociedade e comprometer-se profundamente com os direitos humanos. Apesar da multiplicidade de conceitos sobre a cidadania e direitos humanos, esses valores existem para consolidar as bases humanas da sociedade e, portanto, para enfrentar todas as formas de desrespeito, preconceito e violência aos sujeitos detentores desses direitos.

É importante enfatizar que a educação que se configura enquanto política pública, que pretende desenvolver o senso crítico do aluno, deve apreender e considerar sua realidade social, cultural e econômica, assumindo um papel de leitura global da realidade na qual o educando encontra-se inserido. Essa análise remete a importância



do trabalho conjunto do Serviço Social com outras áreas profissionais, pois “O empenho ético-político dos assistentes sociais somente se potencializará se advier de uma articulação com outras categorias e com os movimentos que se solidarizam com a luta geral dos trabalhadores” (NETTO, 2005).

Esse é um dos desafios que se apresenta no fazer pedagógico do assistente social no ambiente escolar - o exercício da partilha de conhecimentos entre os diferentes profissionais: professores, gestores, equipe pedagógica, psicólogos e outros profissionais que devem atuar em conjunto, com base em uma proposta interdisciplinar, pois, dessa maneira, os conteúdos interagem como forma de complementação.

A interdisciplinaridade aqui deve ser compreendida como uma ponte para o melhor entendimento das disciplinas entre si ou entre outras áreas de saber. Um ponto positivo e fundamental ao conhecimento mútuo.

Outro aspecto também importante a considerar nessa reflexão diz respeito à Constituição Federal de 1988, instrumento normativo da democracia nacional, que introduziu novas relações entre o Estado e a sociedade, instituindo o Estado Democrático de Direito no país, como aponta Raichellis (2006, p. 9):

*A promulgação da Constituição de 1988 representou, ao menos no plano jurídico, a promessa de afirmação e extensão dos direitos sociais em nosso país, em consonância com as transforma-*

*ções sócio-políticas e o agravamento da crise social, que exigiam respostas prontas do Estado.*

O Código de Ética Profissional dos assistentes sociais de 1993, ferramenta histórica de extrema relevância, apresenta alguns princípios que expressam o projeto ético-político do Serviço Social, responsável por direcionar o saber e o fazer da profissão, tendo a liberdade como eixo fundamental do “ser social” (IAMAMOTO, 2011, p. 24). Em consonância com esses princípios, o projeto profissional assume um compromisso radical com a cidadania, com a efetivação dos direitos humanos, com a recusa dos preconceitos, entre outros.

Barroco (2004, p. 40), elucida que “o Código de 1993 é o primeiro Código de Ética do Serviço Social a explicitar o compromisso ético-político com os direitos humanos”. Oliveira (2003, p. 10-11), por sua vez, afirma que o assistente social é chamado a consolidar a cidadania: “É ele o elo mais forte entre o indivíduo e os seus direitos humanos fundamentais”.

O pensar sobre a relação do assistente social com a educação tem sido uma tarefa que se intensifica consideravelmente nos dias atuais. Grande número de profissionais, nos diferentes espaços de debate, em eventos internacionais, interestaduais ou locais, em grupo de pesquisas e extensão, analisa a temática, principalmente pelo recente pro-

cesso de reaproximação do Serviço Social à área educacional em todo o país.

O surgimento de problemáticas na cena educacional contemporânea conduz à necessidade de refletir em torno dos aspectos sociais que repercutem de forma negativa no desempenho dos alunos, fazendo com que a equipe pedagógica necessite recorrer ao profissional de Serviço Social.

A contribuição do assistente social junto aos profissionais da educação reflete-se em identificar os fatores sociais, culturais e econômicos que determinam os processos que mais afligem o campo educacional no atual contexto. Sua atuação consiste em fazer o enfrentamento das expressões da questão social que surgem na escola, problemas que dificultam a aprendizagem do aluno e o seu desenvolvimento escolar. (NOVAIS et al 2001, p.12).

Tonet dialoga com Libâneo, ao inferir sobre os objetivos da educação que, segundo ele, para que se caracterize como uma educação de qualidade deve ser considerada como emancipação humana, no sentido crítico de liberdade plena, não apenas a preparação para o mercado de trabalho:

*Um dos “objetivos para uma educação básica de qualidade” é a “Formação para a cidadania crítica isto é, um cidadão-trabalhador capaz de interferir criticamente na realidade para transformá-la e não apenas para integrar o mercado de trabalho”*

*(TONET, s/d p.12 apud LIBÂNEO, 1998 p.192).*

Neste sentido, o Serviço Social adentra na escola, com o objetivo de contribuir com as ações de inclusão social, centrado no fortalecimento da cidadania e na emancipação dos sujeitos, em parceria com outros profissionais, trabalhando com a educação, com a consciência e a perspectiva de que as pessoas tornem-se plenamente autônomos, sujeitos e não objetos de sua própria história.

De acordo com Santos (2011) apud Amaro (1997) os educadores e assistentes sociais compartilham desafios semelhantes, e tem a escola como ponto de encontro para fazer o enfrentamento dessa demanda. O papel do assistente social na escola incide sobre o modo de viver e de pensar da comunidade escolar, a partir das situações vivenciadas no cotidiano da escola e dialogando com a consciência dos seus usuários, criando alternativas de enfrentamento das desigualdades e promovendo cidadania.

*É diante de todo esse processo crítico-reflexivo no cenário atual, que se situa o profissional de Serviço Social, ao lidar no cotidiano com as expressões da questão social, em busca de efetivar os direitos humanos e consolidar a cidadania*

*(AQUINO e MACIEL, s/d.).*

Essa prática pode proporcionar o fortalecimento da profissão e a produção de outros conhecimentos que vão enriquecer o potencial de cada sujeito envolvido, impulsionando-os a apreender novas formas de



enfrentamento às expressões da questão social que surgem de forma contextualizada na escola.

O assistente social encontra no espaço escolar um campo fértil, não só para o ensino-aprendizagem de habilidades acadêmicas, mas também para formas de interação mútua que o possibilita levar o aluno a crescer, respeitar-se e respeitar os outros. O profissional tem em suas mãos a possibilidade de elaborar objetivos e procedimentos que busquem promover a cidadania e melhorar as relações interpessoais dos alunos.

Iamamoto (2011) afirma que o desafio é re-descobrir alternativas e possibilidades para o trabalho profissional no cenário atual, traçando horizontes para a formulação de propostas que façam frente à questão social e que sejam solidárias com o modo de vida daqueles que a vivenciam, não só como vítimas, mas como sujeitos que lutam pela preservação e conquista da sua vida, da sua humanidade.

Essa postura requer do profissional uma profunda investigação sobre as ações implementadas por meio de políticas públicas para enfrentar o desafio de consolidar a cidadania e os direitos humanos, pois conforme o pensamento de Azevedo (1997, p.15) “a ampliação das oportunidades educacionais é considerada um dos fatores mais importantes para a redução das desigualdades”.

O assistente social trabalha com ações

educativas, pautado por estratégias que visam à efetivação da cidadania e não apenas na solução de problemas, utilizando-se de sua dimensão político-pedagógica, podendo apresentar uma ampliação do conceito de educação considerado na sociedade atual. Desta maneira, destacam-se algumas atribuições em que, segundo Martins (1999), a prática do Serviço Social se concretiza na escola:

- Melhorar as condições de vida e sobrevivência das famílias e alunos;
- Ampliar o acervo de informações e conhecimentos, a cerca do social na comunidade escolar;
- Estimular a vivência e o aprendizado do processo democrático no interior da escola e com a comunidade;
- Fortalecer as ações coletivas;
- Efetivar pesquisas que possam contribuir com a análise da realidade social dos alunos e de suas famílias (MARTINS, 1999, p.70).

Portanto, o assistente social deve ser capaz de inovar, variar suas técnicas educativas, buscar qualidade, ser comprometido, ter bom relacionamento com os alunos/as. Deve orientá-los a uma boa convivência em sociedade, valorizar sempre as questões sociais e éticas como dignidade, caráter, coletividade, bondade e honestidade.

Assim, coloca-se como desafio ao profissional de Serviço Social realizar sua prática pedagógica no sentido de conscientizar os sujeitos na busca dos direitos sociais de cidadania e pela educação como ferramenta crucial de emancipação humana, conduzindo-os a refletir, oportunizando-os a se perceberem enquanto sujeitos, protagonistas de sua própria história, desmistificando ideologias conservadoras da educação como instrumento de adaptação ao sistema capitalista.

## Considerações conclusivas

Diante das reflexões expostas no presente trabalho, podemos perceber o quanto a tradição marxista colaborou com a construção do projeto ético político da profissão, demandando ao assistente social um posicionamento crítico em sua prática profissional. O fazer profissional do assistente social se dá através da intervenção nas diversas problemáticas sociais existentes nos mais variados ambientes das sociedades. Para tanto, necessita-se ter uma competência crítica e investigativa bastante aguçada. Diante da difícil e complexa realidade do mundo atual e dos limites da reflexão pedagógica existente hoje no país, o assistente social deve contribuir para a construção de uma educação emancipatória e de uma

sociedade para além da lógica capitalista. Entendemos que para alcançar o educando em sua totalidade, é necessário construir, através de estratégias de intervenção, como a proposta do projeto de extensão discutido neste artigo, que abranjam o âmbito socio-educativo de maneira ampla, envolvendo o contexto familiar e as relações e expressões da questão social que perpassam o processo de ensino-aprendizagem e que, sobretudo, reflitam e produzam conhecimentos sobre a perspectiva coletiva de participação, autonomia e cidadania como plenitude de liberdade e, portanto, contribuam para a construção de uma educação efetivamente emancipatória.

## REFERÊNCIAS

- AMARO, Sarita Teresinha Alves. *Serviço Social na escola: o encontro da realidade com a educação*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1997.
- AZEVEDO, Janete M. Lins de. *A educação como política pública* - Campinas SP. Autores Associados, 1997.
- AQUINO, Maura Avarenga; MACIEL, Fabrícia Cristina. *Direitos humanos e cidadania: um desafio ao serviço social contemporâneo*. Disponível em <<http://www.funorte.com.br/files/servico-social/14.pdf>>. Acessado em 26/02/2015.
- BARROCO, Maria Lúcia Silva. A inscrição da ética e dos direitos humanos no projeto ético político do Serviço Social. *Serviço Social e Sociedade*, São Paulo, n. 79, 2004.



BOURGUIGNON, J. A. A particularidade histórica da pesquisa no Serviço Social. Revista Katálysis, Florianópolis, v. 10, p. 46-54, 2007.

CFESS. *Proposta do CFESS para definição de Serviço Social*. Disponível em: <www.cfess.org.br> Acesso em: 04/03/2015.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. *O Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional*. 21. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FALEIROS, V. de P. "Metodologia do trabalho social", 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1981.

FOUREZ, G. *A Construção das ciências*. São Paulo: UNESP, 1995.

FRAGA, Cristina Kologeski. A atitude investigativa no trabalho do assistente social. *Revista Serviço Social e Sociedade*. São Paulo, n. 101, p. 40-64, jan./mar. 2010 Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ssoc/n101/04.pdf>> Acesso em: 04/03/2015.

GOMES, N. A; DINIZ, C. A. S. *Teoria e prática no serviço social: uma reflexão sobre a identidade profissional do assistente social e os desafios contemporâneos*. Disponível em: <<http://www.cress-mg.org.br/arquivos/simposio/pdf>> Acesso em 04/03/2015.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. *O Serviço Social na contemporaneidade: dimensões históricas, teóricas e ético-políticas*. Fortaleza, CRESS –CE, Debate n. 6, 1997.

MARTINELLI, Maria. Lúcia. *Serviço Social: Rompendo com a alienação*. In Serviço Social: identidade e alienação. São Paulo, Cortez, 2000.

MONTAÑO, Carlos. DURIGUETTO, Maria Lúcia. *Estado, classe e movimentos sociais*. São Paulo: Cortez, 2011.

MARTINS, Eliana Bolorino Canteiro. O Serviço Social na área da Educação. In: *Revista Serviço Social & Realidade*. V 8 N° 1. UNESP, Franca: São Paulo, 1999.

NOVAIS. L. C. C et al. *Serviço Social na educação: Uma inserção possível e necessária*. Brasília, CFESS, 2001.

OLIVEIRA, Cirlene Aparecida Hilário da Silva. *A prática do Assistente Social no contexto institucional: um estudo na área da Saúde em Franca/SP*. São Paulo, 2003.

RAICHELLIS, Raquel. *O serviço social no Brasil*. Disponível em: [www.cfess.org.br/pdf/raquel\\_agenda2006.pdf](http://www.cfess.org.br/pdf/raquel_agenda2006.pdf). Acesso em: 25 de fevereiro de 2015.

SANTOS, André Michel dos. As contribuições do Serviço Social para a realidade escolar do Brasil. Disponível em: <<http://meuartigo.brasile scola.com/educacao/as-contribuicoes-servicosocial-para-realidade-escolar-.htm> > Acesso em 25/02/2015.

SEVERINO, Antônio J. *Educação, sujeito e história*. São Paulo: Olho d'Água, 2002.

\_\_\_\_\_, Antônio J. *Educação e universidade: Conhecimento e construção da cidadania*. Interface - Comunicação, Saúde, Educação, v6, n10, p.117-24, fev 2002.

SILVA, M. O. S. et al. *A pesquisa, a produção e a divulgação de conhecimento dos programas de pós-graduação na área de serviço social*. In: CARVALHO, D. B. B.;

SILVA, M. O. S. (Org.). *Serviço social, pós-graduação e produção de conhecimento no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2005. p. 69-131.

TONET, I. *Educação, cidadania e emancipação humana*. Disponível em: <[http://ivotonet.xpg.uol.com.br/arquivos/EDUCACAO\\_CIDADANIA\\_E\\_EMANCIPACAO\\_HUMANA.pdf](http://ivotonet.xpg.uol.com.br/arquivos/EDUCACAO_CIDADANIA_E_EMANCIPACAO_HUMANA.pdf)> Acesso em: 28/02/2015.



# O Incentivo à Leitura no Ensino Fundamental através de uma Biblioteca com Saber e Sabor

*The Reading Incentive in Elementary School through a Library with Know and Flavor*

**Bianka Pires André<sup>1</sup>, Camille Auatt da Silva<sup>2</sup>, Rosilani Balthazar Silva<sup>3</sup>**

<sup>1</sup> Doutora em Educação,  
Professora da Universidade  
Estadual do Norte Fluminense  
(UENF)  
biankapires@gmail.com

<sup>2</sup> Mestranda em Cognição e  
Linguagem pela UENF  
camilleauatt@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Mestranda em Cognição e  
Linguagem pela UENF  
rosilanibalta@hotmail.com

## RESUMO

Este artigo tem o objetivo de divulgar o trabalho realizado com alunos do ensino fundamental de uma escola em Campos dos Goytacazes através de um Projeto de extensão que visou montar uma biblioteca escolar. O Projeto contou como uma ação extensionista por meio da montagem da biblioteca, assim como uma ação investigativa, por meio do interesse em analisar o tipo de relacionamento que estes alunos desenvolviam com a leitura antes e depois da abertura da biblioteca. Para a realização do projeto extensionista organizamos todo o espaço destinado a ser um ambiente leitor para os alunos. E para o lado mais empírico, realizamos observação nas salas de aula, aplicação de questionário, além de atividades lúdicas com os alunos.

**Palavras-chave:** Biblioteca; Leitura; Alunos.

## ABSTRACT

This article aims to promote the work with elementary students at a school in Campos dos Goytacazes through an extension project that aimed to ride a school library. The Project counted as an extension action through the library assembly, as well as an investigative action, through the interest in analyzing the type of relationship they developed with students reading before and after the library opening. To carry out the extension project organized all the space intended to be a player environment for students. And for the empirical side, we conducted observation in classrooms, questionnaire, and play activities with students.

**Keywords:** Library; Reading; Students.

## Introdução

O acesso ao aprendizado da leitura apresenta-se como um dos múltiplos desafios da escola e, talvez, como o mais exigido e valorizado pela sociedade. Todavia, no auge da segunda década do século XXI nos deparamos com uma sociedade aonde a cultura letrada vem perdendo espaço para a cultura da imagem. Essa preferência imagética tem feito com que principalmente os nossos jovens leiam cada vez menos.

A leitura costuma estar presente na vida de qualquer indivíduo antes mesmo dele perceber a sua importância. Quando criança, a leitura de mundo já é feita, pois o ser humano já nasce com esse instinto desbravador e curioso, sendo assim, nada escapa aos seus olhos. De acordo com Kato (1990), “Leitura é condição essencial para que se possa compreender o mundo, os outros, as próprias experiências, e (...) torna-se imperativo que o aluno desenvolva habilidades linguísticas para que possa ir além da simples decodificação das palavras” (Kato, 1990, p.26). Entretanto, essas habilidades só vão ser desenvolvidas nos nossos jovens se eles tiverem acesso e incentivo por parte dos pais e professores, os principais responsáveis por fornecer essa formação leitora.

Um leitor não apenas realiza a decodificação das palavras, ele vê além delas. Segundo Paulo Freire (2009), a compreensão

crítica do ato de ler não consiste simplesmente na decodificação das palavras, mas é aquela que favorece a leitura de mundo, aumentando assim a capacidade do sujeito em perceber e se estabelecer neste mundo (Freire, 2009). Neste sentido, a leitura é colocada como um meio de inclusão social, sendo necessária para a formação crítica e ética dos alunos.

Para tanto, o acesso e o gosto pela cultura letrada deve ser despertado por meio das famílias e das escolas nos alunos e alunas. No âmbito escolar, a prática pedagógica deve ter como objetivo a formação de leitores e não só decodificadores.

Considerando o momento em que estamos vivendo, onde o mundo digital se confunde com o real, faz-se necessário utilizar desses novos meios para que o aprendizado da leitura significativa seja alcançado possibilitando que eles vivenciem novas experiências. Sendo assim, é indiferente se os alunos leem pela internet ou em formato impresso, o importante é que eles tenham um bom relacionamento com a leitura e passem por experiências diversas proporcionadas pela mesma.

Desse modo, o presente artigo tem como objetivo apresentar as experiências que alunos e alunas do Ensino Fundamental de uma Escola Municipal de Campos dos Goytacazes – RJ têm com a leitura, através da pesquisa realizada por meio de um projeto

de extensão desenvolvido durante o ano de 2013 e divulgar alguns resultados do tipo de relacionamento que os alunos estabelecem com o ato de ler.

## Metodologia

O presente estudo teve como propulsor o projeto de pesquisa “Saber e Sabor: o relacionamento dos alunos do Ensino Fundamental com a leitura”, financiado pela FAPERJ. Este projeto foi realizado durante o ano de 2013 em uma escola localizada na área central de Campos dos Goytacazes – RJ, com os alunos do 6º ao 9º ano, pertencentes ao turno da manhã que faziam um total de 396 alunos do total de 765 matriculados. Somada a ação investigativa com o objetivo de identificar a relação dos alunos com a leitura, o projeto também teve uma ação prática de melhoria escolar onde uma biblioteca foi revitalizada. Além das atividades lúdicas realizadas ao longo do ano a fim de observar qual a relação existente com a leitura e, de certa forma, fomentar o gosto pela mesma, após um período de observação do cotidiano escolar no início do projeto, um primeiro questionário foi aplicado. Após as atividades realizadas somada a revitalização da biblioteca, um segundo questionário foi aplicado com o objetivo de confrontar os dados obtidos, mostrando-nos se as ações

realizadas na escola geraram alguma alteração na relação dos alunos com o livro e o ato de ler. Para a pesquisa contabilizamos apenas os alunos que haviam feito os dois questionários previstos para o estudo. No primeiro questionário tivemos a participação de 254 alunos, no segundo 202, e na média final apenas foram contabilizados os dados de 161 alunos participantes.

## Os alunos e as atividades

Os alunos tinham idades compreendidas entre 10 e 18 anos. O percentual de alunos mais velhos entre 16 e 18 era de repetentes e totalizava 10% da amostra (16 alunos). A maioria dos alunos estava com seus 14 anos (22% - 36 alunos), seguidos dos de 13 anos (18% - 29 alunos), dos de 15 anos (14% - 22 alunos), dos de 12 anos (13% - 20 alunos), dos de 11 anos (11% - 18 alunos) e os de 10 anos (1,2% - 2 alunos).

Vale a pena destacar que o perfil dos alunos deste Centro Educativo estava caracterizado por um público que vivia em distintas partes rurais e urbanas de Campos, por isso estudavam em uma escola localizada na região central da cidade. As famílias geralmente eram numerosas, e a renda dos pais, tendo em vista as profissões descritas no questionário, não era muito alta.

Algumas turmas eram compostas só de





zemos uma ponte com as poesias e também com a vida pessoal deles perguntando o que eles planejavam par ao futuro;

- Baú da imaginação – Para esta atividade levamos um baú com objetos e cada aluno sorteava um objeto. Em grupos de 4 ou 5, eles tinham que escolher um conto e recontá-lo utilizando os objetos. Foi uma tentativa de realizar uma atividade dinâmica onde os alunos pudessem trabalhar a leitura de um conto em equipe, proporcionando-os o contato com diferentes tipos de contos, além de incentivar a escrita e imaginação. Ficamos muito surpresas com a capacidade criativa de alguns grupos;

- Concurso literário – Nossa última atividade foi tinha o enfoque na produção textual. Fizemos um concurso literário no final do ano para toda a escola com direito a banca examinadora e medalhas de participação. Apenas 15 alunos participaram com seus textos, mas a qualidade dos mesmos foi muito boa. O turno da manhã inteiro esteve presente e foi um momento de confraternização. A aluna vencedora escreveu um conto com aproximadamente 3 páginas.

A mudança de comportamento dos alunos ao longo das atividades era algo notório. No início eles se mostravam desestimulados e desinteressados em desenvolver o que



**Figura 03:** Tenda da leitura e quebra-cabeça musical  
**Fonte:** dados da pesquisa

era proposto, mas ao começarem a realizar mesmo que a contragosto, se envolviam e terminavam perguntando quando e qual seria a próxima. Ao fim de cada atividade, um bate papo era proposto e muitas discussões interessantes aconteceram.

Percebemos ao longo das atividades que faltava incentivo por parte da escola e

professores para a realização de atividades mais dinâmicas, que envolvessem os alunos de uma forma diferente e mais prazerosa, não deixando de ensiná-los. A aula meramente expositiva diariamente não é atrativa, assim como a não apresentação de tipos textuais diversos, debates sobre livros, revistas ou o estímulo a produção textual não forma leitor. Segundo Lerner (2006),

*Aprende-se a ler por meio de muitas leituras, do conhecimento de diversos autores, de vários setores da cultura escrita, etc. Tudo isso depende de jornadas longas. É um processo em espiral, no qual se volta a certos conteúdos sob uma nova perspectiva. Há aspectos que ocorrem simultaneamente e necessitam de diferentes situações para que sejam apropriados.*

(Lerner, 2006, p.16)

Para a autora, o relacionamento com a leitura também precisa de tempo para ser solidificado, necessita de “longas jornadas”. A variedade de material lido e a frequência que os mesmos são lidos fazem parte desse processo, são quase peças de um quebra-cabeça que vão se juntando e formam um leitor.

Sendo assim, apesar de trabalhosa, a formação de um aluno leitor é um exercício diário, bem como o despertar do interesse para a aprendizagem. O professor ainda é peça fundamental em sala, suas atitudes e atividades propostas podem ser determinantes para o êxito ou fracasso de um aluno.

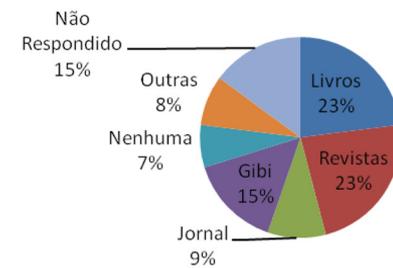
## Análises e resultados

Para conhecer o relacionamento que os alunos do Ensino Fundamental estabeleciam com a leitura, realizamos observações do cotidiano escolar, observações durante a realização das atividades propostas, aplicamos os questionários e posteriormente analisamos todo este material de forma qualitativa.

A observação e interação com os alunos no ambiente escolar e durante as atividades nos deu base para a análise dos dados, juntamente com os resultados dos questionários tabulados a partir do programa estatístico SPSS. Para André (2000), o uso de diferentes métodos de coleta de dados favorece a variedade da informação em situações diversas, possibilitando uma melhor triangulação posterior dos dados (André, 2000, p.57).

Desse modo, para saber um pouco sobre o relacionamento dos alunos com a leitura foi perguntado sobre tipo de leitura praticado por eles, conforme apresentado no gráfico abaixo.

## Que tipo de leitura você costuma fazer?



Pelo gráfico pode-se notar que o tipo de leitura preferida dos alunos são livros e revistas na mesma proporção, seguido dos gibis. Apesar deste último ser considerado um tipo de leitura voltada para o público infantil, os alunos demonstram muito interesse por eles, talvez pelo fato de ser uma leitura fácil, rápida e divertida.

Muitas vezes a escola critica o fato dos alunos lerem gibis ou mesmo estas revistas juvenis como *Capricho* ou *Toda Teen*, e se esquece de que o importante é que eles se aproximem do mundo da leitura e descubram seu estilo literário. Ninguém começa sua trajetória de leitura por “Casa Grande Senzala”, “Lusíadas”, “Ilíadas” ou “Odisseia”. A trajetória começa com pequenos textos, gradativamente, até se chegar aos maiores. Por isso, o importante é o tipo de relacionamento que vai se desenvolvendo ao longo de suas experiências escolares.

De acordo com Duran (2009), é importante que o ato de ler,

[...] não apenas enfatize o papel do leitor ou do texto, mas que aceite que o produto da relação entre leitor e texto é o sentido da leitura. Isso quer dizer que a interação entre texto e leitor ocorre de maneira a se retomarem ora a perspectiva do leitor, ora a do texto, conforme a necessidade para cada situação de leitura.

(DURAN, 2009, p. 4)

Repetimos essa mesma pergunta do gráfico 1 no segundo questionário que foi aplicado ao final do projeto, quando todas as atividades já tinham sido realizadas e a biblioteca já se encontrava revitalizada e em funcionamento. Através do gráfico a seguir, nota-se uma alteração nos resultados.

## Que tipo de leitura você costuma fazer?

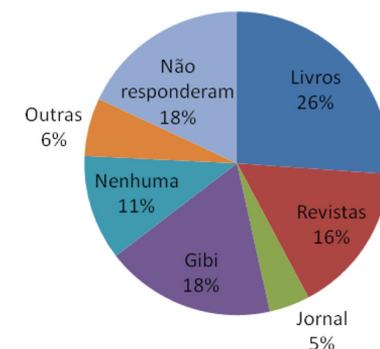


Gráfico 02: Q2

Fonte: dados da pesquisa

Os dados obtidos neste segundo gráfico nos mostram que o tipo de leitura favorita

continuou sendo a de livros (26%), porém os gibis agora ocupam o segundo material mais lido, representando 18%. Essa mudança no resultado pode ser justificada pela presença da biblioteca na escola onde é oferecido livros diversos e os adorados gibis. O gráfico aponta também o declínio do número de alunos que costuma ler revista, que reduziu de 23% (Q1) para 16% (Q2). A redução também pode ser justificada pela presença da biblioteca na escola, pois pode ser que a partir do momento que passou a ter na instituição um espaço onde é ofertado livros e há a possibilidade de fazer empréstimo dos mesmos, os alunos que antes liam revistas mudaram o tipo de material lido. Porém, o gráfico 2 também demonstra um aumento de 4% no número de alunos que afirma não ter o costume de ler nenhum material, bem como um aumento de 3% nos alunos que não responderam.

A alteração apontada entre os alunos que talvez passaram a ler mais livros ao invés de ler revistas pode ser relacionada com o acesso a materiais diversos que a biblioteca proporcionou, sendo assim, enfatiza-se a ideia de como o acesso é importante.

Para continuar conhecendo o tipo de literatura que os alunos tinham mais acesso, perguntamos sobre autores e obras que eles já tinham ouvido falar e que estavam relacionados à literatura brasileira clássica, literatura brasileira atual, clássicos da lite-

ratura universal e novos clássicos da literatura universal moderna como os chamados best-sellers”.

Autor	Sim	Não
<b>Monteiro Lobato</b>	<b>123</b>	<b>38</b>
Clarice Lispector	39	122
Shakespeare	28	133
<b>Maurício de Souza</b>	<b>72</b>	<b>89</b>
Thalita Rebouças	36	125
Castro Alves	33	128
Gonçalves Dias	34	127
<b>Jorge Amado</b>	<b>93</b>	<b>68</b>
Fernando Pessoa	44	117
<b>Stephanie Meyer</b>	<b>9</b>	<b>152</b>

Tabela 01: Autores que já ouviram falar

Fonte: dados da pesquisa

Nesta primeira tabela o resultado não causou muita surpresa, pois era esperado que Monteiro Lobato fosse o autor mais conhecido entre eles. Por ser um autor da literatura infantil brasileira e sua obra ter virado o programa Sítio do Pica-pau Amarelo que foi reeditado em dois momentos depois de sua estreia em 1977. A primeira reedição foi em 2001 com uma roupagem toda nova e, em 2010, houve outra reedição, mas desta vez em forma de série animada, formato digital, completamente diferente do programa original que foi exibido até o final de 1986. Atualmente o programa parou de ser exibido, porém a propaganda de um site do Sítio passa na televisão até hoje. Sendo assim, era de se esperar que os alunos se lembrassem do autor.

O autor Jorge Amado ocupa a segunda posição entre os autores mais conhecidos e talvez a mídia também seja a responsável por tê-lo tornado conhecido entre os jovens, pois há alguns poucos anos, em 2012, a Minissérie Gabriela escrita pelo autor foi ao ar na Rede Globo. Lembrando que este questionário foi aplicado no início de 2013, então é fácil de estabelecer tal relação com o resultado. Maurício de Souza ocupa a terceira colocação, o que causa um pouco de impacto se levarmos em consideração o quanto a maioria gosta de gibi. Entretanto, o mais surpreendente desse resultado é que apenas 9 alunos diz conhecer a autora Stephanie Meyer. O motivo de tal surpresa se encontra justamente na obra mais conhecida pelos participantes da pesquisa, como pode ser visto na tabela a seguir.

Obras	Sim	Não
<b>Crepúsculo</b>	<b>136</b>	<b>25</b>
Capitães de Areia	22	139
Sonho de uma Noite de Verão	31	130
<b>Navio Negroiro</b>	<b>40</b>	<b>121</b>
A Hora da Estrela	16	145
A Moreninha	14	147
A Cabana	25	136
<b>O Pequeno Príncipe</b>	<b>75</b>	<b>86</b>
Dom Casmurro	15	146
O Cortiço	27	134

A contradição entre as informações das tabelas está no fato de que, se por um lado a

autora Stephanie Meyer é menos conhecida entre os adolescentes da escola pesquisada, por outro lado, seu livro “Crepúsculo” é o mais conhecido entre os mesmos adolescentes. Este tipo de contradição mostra parte do pouco relacionamento que os alunos possuem com aspectos simples que envolvem a leitura como saber o nome do autor de um livro que esteve muito comentado na mídia nos últimos anos. Talvez, o conhecimento deles em relação ao livro “Crepúsculo” esteja muito mais relacionado ao filme, que ao livro propriamente.

O livro “O Pequeno Príncipe” é a segunda obra mais conhecida entre os alunos e por se tratar de um clássico, talvez eles já tenham ouvido falar sobre esse livro através de seus pais e/ou familiares. Ocupando a terceira colocação entre as obras mais populares entre os alunos está “Navio Negroiro”, o que é um resultado curioso visto que é uma obra do autor Castro Alves, autor pouco apontado na tabela 1. Não é possível justificar por meio de que os alunos têm conhecimento dessa obra, tendo em vista que se trata de um clássico que ultimamente as escolas não têm trabalhado mais. O que é confirmado quando se observa que “O Cortiço”, “A Moreninha” e “Dom Casmurro” são bem desconhecidos pelos alunos.

Independente dos autores e obras conhecidas, o importante é termos presente que uma trajetória de leitura geralmente come-

ça de forma tímida. À medida que o leitor vai lendo textos que por interesse próprio, vai navegando por novos caminhos, fazendo viagens que o permite descobrir novos mundos, este próprio relacionamento (leitor, autor, texto) faz com que o leitor tenha curiosidade tanto em saber o nome do autor e conhecer mais sobre sua vida, assim como o leva a ler mais livros deste mesmo autor ou escolher estilos próximos de leitura.

Para Barthes, existe um entrelaçamento perpétuo entre leitor e texto de forma que o sujeito se desfaz da mesma maneira que uma aranha se dissolve em sua própria teia (Barthes, 2002). Esta construção apontada por Barthes permite que o sujeito, através da leitura, possa se reconstruir em suas experiências, se situar no contexto social e poder reescrever sua história. E dentro do contexto dos alunos do Ensino Fundamental, seria muito importante eles poderem se perceber como sujeitos sociais que são capazes de, em qualquer momento, mudar o rumo de suas vidas.

Prosseguindo nossa análise, perguntamos se a escola e/ou os professores incentivavam a leitura e os dados apontam que o incentivo era feito com certa frequência, 41% dos alunos responderam que esse estímulo ocorre sempre e 44% deles disseram que às vezes são incentivados a praticar a leitura. Por outro lado, 11% dos alunos afirmaram que esse incentivo não acontece.

Sabe-se que mais importante que ter os livros ou materiais impressos ao alcance das mãos, é importante receber o incentivo para que o contato com os mesmos seja estabelecido. Em uma realidade familiar onde a presença dos livros, o acesso a materiais impressos e o hábito da leitura é tímido, cabe à escola assumir esse papel de propulsor do incentivo ao hábito de ler. No contexto escolar, o profissional mais próximo aos alunos é o professor e de acordo com Lerner (2002)

*Para que a instituição escolar cumpra com sua missão de comunicar a leitura como prática social, parece imprescindível uma vez mais atenuar a linha divisória que separa as funções dos participantes na situação didática. Realmente para comunicar às crianças os comportamentos que são típicos do leitor, é necessário que o professor os encarne na sala de aula, que proporcione a oportunidade a seus alunos de participar em atos de leitura que ele mesmo está realizando, que trave com eles uma relação ‘de leitor para leitor’.*

(Lerner, 2002, p. 95)

Sendo assim, a escola e principalmente a sala de aula precisam estar envolvidos em uma atmosfera onde a leitura é vista, incentivada e praticada naturalmente. Estando intrinsecamente inserida no processo de ensino-aprendizagem, a leitura se torna significativa para os alunos e futuros leitores. Portanto, ter modelos de leitura, como exemplos de professores que gostam de ler

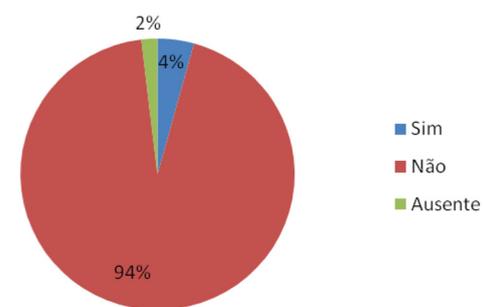
**Tabela 02:** Obras que já ouviram falar  
**Fonte:** dados da pesquisa



e realmente o façam, pode influenciar de forma expressiva no relacionamento, no canal de abertura que será estabelecido entre os alunos e os livros. O fato de ser um sujeito-leitor faz com o que o mesmo, muitas vezes, tenha consciência da importância da sua figura como exemplo para os alunos, fazendo com que tenha dimensão da influência que sua atitude pode causar neles. Professores que compartilham o seu amor pela leitura com os alunos têm grandes chances de desenvolver o interesse dos mesmos pelos livros (Johns e VanLeirsburg, 2001). Portanto, o incentivo a leitura se faz necessário também no curso de formação dos professores, com o objetivo de estimulá-los a ler e principalmente conscientizá-los do poder formador que eles têm, independente da disciplina ministrada, apenas dando o exemplo. O professor como sujeito-leitor naturalmente indicará livros e estimulará seus alunos a também viverem novas experiências a partir da leitura.

Entretanto, os resultados indicam que isto não acontece na realidade pesquisada, visto que ao serem questionados de forma mais prática se os professores já havia os levado para realizar alguma atividade na biblioteca, o resultado foi preocupante como é possível observar no gráfico a seguir:

**Algum professor já te levou à biblioteca para fazer atividades de leitura?**



**Gráfico 03: Q3**  
**Fonte: dados da pesquisa**

Entende-se que muitas vezes a problemática da leitura está relacionada ao pouco acesso que os alunos têm aos livros, e em alguns casos também seus professores. Mas o que fica difícil de entender e aceitar, é que depois de ter uma estrutura toda montada na escola e, sem nenhuma participação direta dos professores, no sentido de colaboração, não haver empenho em melhorar a prática docente e fomentar um melhor desempenho dos alunos. Para Kramer (2001), “É impossível tornarmos nossos alunos pessoas que leem e escrevem se nós mesmos, professores, não temos sido leitores...” (Kramer, 2001, p.103). Pode-se perceber através da afirmação de Kramer, que talvez muitos professores não trabalhem com a leitura, independente da matéria que lecionem, justamente porque fora da escola também

não são leitores.

A relação pessoal do professor com a leitura pode influenciar de forma significativa o alunado, pois este, independente de sua vontade, é uma referência em sala de aula. Sendo assim, podemos notar que são vários os sujeitos que estão presentes na discussão e, tentativa de encontrar soluções para a questão da falta de habilidade dos alunos com a leitura. Como destacado por Orlandi (1988), a leitura não é um problema só da escola ou da família, é também uma problemática social. Dessa forma, a união entre família, escola e comunidade se faz fundamental para que os exemplos sejam dados e os jovens os sigam, tendo a chance de modificar seu futuro e quem sabe, ser o exemplo para outro jovem, tornando-se um ciclo onde com o passar dos anos, o hábito de ler estará presente naqueles que estão em casa, na escola ou em outro ambiente formador.

## Conclusão

Vivemos em uma sociedade letrada onde o saber ler se faz necessário para realizarmos diversas atividades corriqueiras do dia-a-dia. Entretanto, o conceito de leitura abordado neste trabalho vai além da simples decodificação das palavras, o conceito de leitura aqui trabalhado é o da leitura

significativa, onde há troca entre o texto e o leitor. Este tipo de leitura é de extrema importância para o desenvolvimento do aluno na escola, sendo uma grande aliada no processo de ensino e aprendizagem, além de contribuir para a formação social e pessoal do alunado. A troca que acontece entre leitor e material escrito pode proporcionar o desenvolvimento pessoal, cidadão e influenciar na relação existente entre leitor e sociedade. Esse benefício de transformação da leitura é muito importante, sobretudo quando nos referimos aos jovens, pois o contato com livros variados, histórias variadas e então experiências variadas pode mudar o rumo da vida deste adolescente.

A partir do que foi exposto e discutido neste trabalho, é possível concluir que a grande maioria dos alunos pesquisados não tem experiências suficientes com a leitura, a ponto destas gerarem alguma mudança significativa neles. Diante dos resultados apresentados é possível observar que pouca modificação foi constatada e entre os diversos fatores já citados, pode se destacar que o interesse pela leitura continua sendo em poucos alunos e talvez a justificativa para isso seja, em parte, porque nem sempre os professores ou gestores se envolvem e assumem a responsabilidade de incentivar a leitura.

Pode-se dizer que atingimos àqueles que já tinham motivação literária ou gostavam

de ler por algum pretexto além da escola, oferecendo-lhes atividades dinâmicas e um espaço com exemplares diversos para serem explorados. Contudo, caso houvesse a participação e empenho de toda a escola, muitos outros alunos poderiam ser iniciados na leitura. Uma vez que, em sala, assim como foi observado no início do projeto, ao longo do ano quase não se discutia sobre leitura, sobre a biblioteca ou sobre a participação no concurso literário.

Nesse sentido, a falta de experiências dos alunos com a leitura é causada por diversos fatores que transcendem a eles. A realidade familiar onde vivem é só o início dessa soma que tem como resultado jovens decodificadores e não leitores.

Em uma família onde a leitura não é valorizada e a presença de materiais impressos e exemplos é escasso, o resultado é a falta do estímulo familiar, isto é, a falta do “ambiente alfabetizador” tão importante para a construção do hábito da leitura. Soma-se a isso, uma escola onde além da estrutura oferecida não ser atraente e convidativa para o estudo, tem professores e funcionários que desacreditam na capacidade dos alunos, não dando o seu melhor para mudar a realidade vivida por eles, pelo contrário, legitimando aquela realidade. Ao longo do ano, lidamos com alunos que demonstraram grande potencial, mas por falta de incentivo, pelas constantes aulas meramente expo-

sitivas, não participavam das aulas, não se interessavam em aprender e mostravam-se desacreditados com a possibilidade de um futuro melhor.

Sendo assim, a formação leitora é um processo demorado e carece de dedicação e paciência. Mesmo que não seja iniciado na infância, em qualquer fase da vida o aluno pode-se tornar um leitor ativo, basta que o incentivo seja constante, que exista o exemplo para instigar a conhecer o novo, se relacionar e se aventurar com as palavras, vivendo assim, novas experiências.

## REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli Eliza D. A. de. *Etnografia da prática escolar*. 5ª Ed. São Paulo: Papyrus, 2000.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. 3. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.
- DURAN, Guilherme Rocha. *As concepções de leitura e a produção do sentido no texto*. Revista Prolíngua – ISSN 1983-9979. Volume 2, número 2 – Jul./Dez. De 2009.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo : Paz e Terra, 2011.
- JOHNS, Jerry L.; VANLEIRSBURG, Peggy. Incentivando o Hábito da Leitura: Considerações e Estratégias. In: CRAMER, Eugene H.; CASTLE, Marrietta. *Incentivando o Amor pela Leitura*. Porto Alegre : Artmed, 2001. p. 105-119.

KATO, Mary. *No Mundo da Escrita*. São Paulo: Ática, 1990.

KRAMER, Sônia. *Leitura e escrita como experiência- notas sobre o seu papel na formação*. In: ZACCUR, E. (Org.) *A magia da linguagem*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A; SEPE, 2001.

LERNER, Delia. *É preciso dar sentido à leitura*. Nova Escola. São Paulo: Abril, 2006.

LERNER, Delia. *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ORLANDI, E. P. *A história do sujeito leitor: uma questão para leitura*. Campinas: Letras de hoje, 1988.



# Análise das Construções Ideais para a Suinocultura em Comparação com as Construções do Assentamento Josué de Castro

*Analysis of ideas constructs for pig husbandry compared to the constructions of the settlement Josué de Castro*

**Thiago Locatelli dos Santos<sup>1</sup>, Alcimar das Chagas Ribeiro<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Estudante de Engenharia de Produção – UENF, Campos dos Goytacazes RJ.  
locatelli.thiago@gmail.com

<sup>2</sup>Professor do Laboratório de Engenharia de Produção da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro - UENF  
professoralcimar@gmail.com

## RESUMO

O presente artigo apresenta uma comparação entre as instalações zootécnicas presentes no Assentamento Josué de Castro para a criação de suínos com as construções ideais usadas na suinocultura industrial, segundo a literatura corrente. Visa a analisar a situação da atividade no Assentamento e propõe melhorias em suas construções, proporcionando, assim, uma melhor qualidade de vida para os suínos.

**Palavras-chave:** suinocultura; construções; qualidade de vida.

## ABSTRACT

This paper presents a comparison between breeding facilities present in the Settlement Josué de Castro for the production of pigs with the ideal constructs used in industrial pig farming, according to the current literature. Aims to analyze the situation of the activity in settlement and proposes improvements to their buildings, thus providing a better quality of life for pigs.

**Keywords:** pig husbandry; constructions; quality of life.

## Introdução

A suinocultura é o ramo da zootecnia que trata da criação de suínos com vistas a produção de carne e derivados.

A carne suína consolidou-se como a mais importante fonte de proteína animal do mundo após 1978. A produção mundial cresceu numa taxa anual de 3,1% nos últimos 46 anos. Neste período, a produção foi acrescida em 75,2 milhões de toneladas.

Segundo FÁVERO et al. (2015), os 10 maiores países produtores são:

China	43,95%
Estados Unidos	9,95%
Alemanha	4,98%
Espanha	3,54%
Brasil	3,26%
Vietnã	2,55%
França	2,28%
Polônia	2,15%
Canadá	1,89%
Rússia	1,87%

Esse trabalho é baseado em dados e informações obtidos pela Embrapa Suínos e Aves – CNPSA, e tem como objetivo analisar as

estruturas físicas destinadas a criação de suínos, comparando as instalações modernas, segundo a Embrapa Suínos e Aves - CNPSA, com a construção feita no Assentamento Josué de Castro, para a produção de biogás a partir do excremento suíno.

## A Suinocultura no Brasil

A produção de carne suína existe no Brasil desde o Brasil colônia e sua carne e banha vêm sendo utilizadas pela população brasileira desde então, tendo inicialmente apresentado um maior dinamismo em Minas Gerais, nas regiões de garimpo. No final do século XIX e início do século XX, com a imigração europeia para os estados do Sul, a suinocultura ganhou um novo aliado. Imigrantes vindos principalmente da Alemanha e da Itália trouxeram para o Brasil novos hábitos alimentares, dentre os quais o consumo de carne de porco. Além disso, trouxeram consigo técnicas de manejo e criação de suínos bem como padrões próprios de processamento e industrialização da carne suína e derivados.

Segundo dados da Central de Inteligência de Aves e Suínos, até o início do século XXI, enquanto a produção mundial cresceu a uma taxa de 3,3% ao ano, a produção nacional cresceu 2,6%. Somente a partir da última década do século XX, depois

da abertura comercial que possibilitou o crescimento das exportações nacionais por meio do incremento de tecnologias no setor, é que a suinocultura nacional reverteu esta situação, tendo crescido a uma taxa anual de 5,7%, enquanto no resto do mundo este crescimento foi de somente 2,2%.

Com o crescente aumento da suinocultura no mundo e, principalmente no Brasil, faz-se necessário o estudo sobre instalações zootécnicas e conforto térmico em suinocultura. Com uma melhora na qualidade de vida dos porcos por meio de instalações apropriadas desde o seu nascimento até o abate, passando, inclusive, pela reprodução, eles irão engordar mais em menor tempo, produzindo mais carne e gerando acréscimos significativos no lucro ao produtor.

## Importância econômica

A produção mundial de carne suína em 2001 foi de 83.608 mil toneladas e, segundo a FAO, o crescimento anual de consumo de carnes no mundo até o segundo semestre de 2015 deve ficar em torno de 2%. Considerando ser a carne suína a mais produzida no mundo, uma parcela significativa deste percentual deverá ser atendida via expansão da atividade suinícola.

No Brasil, a expansão da produção voltou-se para as regiões produtoras de grãos

do Sudeste e Centro-Oeste, sem no entanto caracterizar migração ou mesmo redução da atividade na Região Sul.

Com base na análise dos problemas e potencialidades dos grandes produtores mundiais, fica claro que o Brasil apresenta amplas possibilidades de se firmar como grande fornecedor de proteína animal nos próximos séculos. Estudos recentes mostram que a indústria suinícola brasileira apresenta o menor custo de produção mundial, cerca de US\$0,55/kg, e produz carcaças de qualidade comparada a dos grandes exportadores. Dessa forma, pode-se dizer que o mercado internacional sinaliza para o crescimento das exportações brasileiras, com possibilidades de abertura de novos mercados como o do NAFTA, China, África do Sul, Chile e Taiwan. A abertura do Mercado Europeu para a carne suína brasileira deverá merecer atenção especial devido ao crescimento necessário da produção para atender ao novo comércio, assim como também o ingresso no Japão que é o maior importador mundial.

Dados do Embrapa Suínos e Aves – CNPSA (2014) indicam que com o aquecimento da economia brasileira e o aumento do poder aquisitivo da população podem elevar o consumo atual que gira em torno de 12 kg/habitante/ano, estimulando o setor produtivo e exercendo pressão sobre os preços pagos por quilo de suíno vivo



Observando o consumo de carne suína no Estado de Santa Catarina, com cerca de 23 kg/habitante/ano, percebe-se que há espaço para o aumento do consumo em nível nacional. Deve-se ressaltar que o maior consumo de carne suína em Santa Catarina se deve ao fato da colonização alemã. Logo, o aumento do consumo em nível nacional só poderá ser atingido com o auxílio de estímulo ao consumo de carne suína em escolas e propagandas veiculadas no rádio e televisão.

**Tabela 02:** Temperatura de conforto para diferentes categorias de suínos

Categoria	Temperatura de conforto (°C)	Temperatura crítica inferior (°C)	Temperatura crítica superior (°C)
Recém-nascidos	32 - 34	-	-
Leitões até a desmama	29 - 31	21	36
Leitões desmamados	22 - 26	17	27
Leitões em crescimento	18 - 20	15	26
Suínos em terminação	12 - 21	12	26
Fêmeas gestantes	16 - 19	10	24
Fêmeas em lactação	12 - 16	7	23
Fêmeas vazias e machos	17 - 21	10	25

## Construções

O tipo ideal de edificação deve ser definido fazendo-se um estudo detalhado do clima da região e/ou do local onde será implantada a exploração, determinando as

mais altas e baixas temperaturas ocorridas, a umidade relativa do ar, a direção e a intensidade do vento. Assim, é possível projetar instalações com características construtivas capazes de minimizar os efeitos adversos do clima sobre os suínos.

## Homeotermia

Os suínos são animais homeotérmicos, capazes de regular a temperatura corporal. No entanto, o mecanismo de homeostase, é eficiente somente quando a temperatura ambiente está dentro de certos limites. Portanto é importante que as instalações tenham temperaturas ambientais próximas às das condições de conforto dos suínos, conforme mostra a Tabela 2. Nesse sentido, o aperfeiçoamento das instalações com adoção de técnicas e equipamentos de condicionamento térmico ambiental têm superado os efeitos prejudiciais de alguns elementos climáticos, possibilitando alcançar bom desempenho produtivo dos animais.

Para manter a temperatura interna da instalação dentro da zona de conforto térmico dos animais, aproveitando as condições naturais do clima, alguns aspectos básicos devem ser observados, como: localização, orientação e dimensões das instalações, cobertura, área circundante e sombreamento.

## Localização

A área selecionada deve permitir a localização da instalação e de sua possível expansão, de acordo com as exigências do projeto, de biossegurança e daquelas descritas na proteção ambiental.

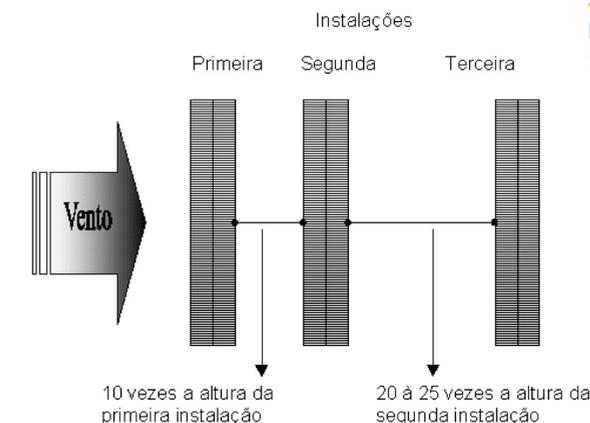
O local deve ser escolhido de tal modo que se aproveitem as vantagens da circulação natural do ar e se evite a obstrução do ar por outras construções, barreiras naturais ou artificiais. A instalação deve ser situada em relação à principal direção do vento. Caso isto não ocorra, a localização da instalação, para diminuir os efeitos da radiação solar em seu interior, prevalece sobre a direção do vento dominante.

Escolher o local com declividade suave, voltada para o norte, é desejável para boa ventilação. No entanto, os ventos dominantes locais, devem ser levados em conta, devendo-se prever barreiras naturais.

É recomendável dentro do possível, que sejam situadas em locais de topografia plana ou levemente ondulada, contudo é interessante observar o comportamento da corrente de ar, por entre vales e planícies, nestes locais é comum o vento ganhar grandes velocidades e causar danos nas construções.

O afastamento entre instalações, deve ser suficiente para que uma não atue como bar-

reira à ventilação natural da outra. Assim, recomenda-se afastamento de 10 vezes a altura da instalação, entre as duas primeiras a barlavento, sendo que da segunda instalação em diante o afastamento deverá ser de 20 à 25 vezes esta altura, como representado na Figura 1.



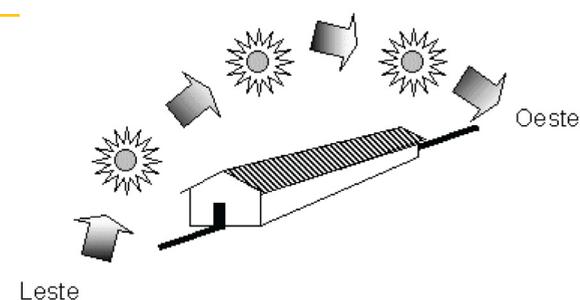
**Figura 01:** Esquema da distância mínima entre instalações

## Orientação

O sol não é imprescindível à suinocultura. Se possível, o melhor é evitá-lo dentro das instalações. Assim, devem ser construídas com o seu eixo longitudinal orientado no sentido leste-oeste, conforme mostra a Figura 2. Nesta posição nas horas mais quentes do dia a sombra vai incidir embaixo da cobertura e a carga calorífica recebida pela instalação será a menor possível. A temperatura do topo da cobertura se eleva, por isso é de grande importância a escolha

do material para evitar que esta se torne um coletor solar. Na época da construção da instalação deve ser levada em consideração a trajetória do sol, para que a orientação leste-oeste seja correta para as condições mais críticas de verão. Por mais que se oriente adequadamente a instalação em relação ao sol, haverá incidência direta de radiação solar em seu interior em algumas horas do dia na face norte, no período de inverno.

**Figura 02:** Orientação da instalação em relação à trajetória do sol



## Largura

A grande influência da largura da instalação é no acondicionamento térmico interior, bem como em seu custo. A largura da instalação está relacionada com o clima da região onde a mesma será construída, com o número de animais alojados e com as dimensões e disposições das baias. Normalmente recomenda-se largura de até 10 m para clima quente e úmido e largura de 10 até 14 m para clima quente e seco.

## Pé direito

O pé direito da instalação é elemento importante para favorecer a ventilação e reduzir a quantidade de energia radiante vinda da cobertura sobre os animais. Estando os suínos mais distantes da superfície inferior do material de cobertura, receberão menor quantidade de energia radiante, por unidade de superfície do corpo, sob condições normais de radiação. Desta forma, quanto maior o pé direito da instalação, menor é a carga térmica recebida pelos animais. Recomenda-se como regra geral pé-direito de 3 a 3,5 m.

## Comprimento

Segundo ABREU *et al.* (2000) o comprimento da instalação deve ser estabelecido com base no Planejamento da Produção, assim como também para evitar problemas com terraplanagem e sistema de distribuição de água.

## Cobertura

O telhado recebe a radiação do sol emitindo-a, tanto para cima, como para o interior da instalação. O mais recomendável é escolher para o telhado, material com

grande resistência térmica, como a telha cerâmica. Pode-se utilizar estrutura de madeira, metálica ou pré-fabricada de concreto.

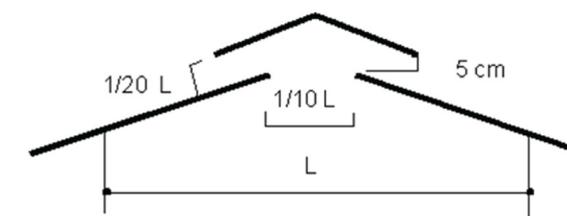
Sugere-se a pintura da parte superior da cobertura na cor branca e na face inferior na cor preta. Antes da pintura deve ser feita lavagem do telhado para retirar o limo ou crostas que estiverem aderidos à telha e facilitar assim, a fixação da tinta.

A proteção contra a radiação recebida e emitida pela cobertura para o interior da instalação, pode ser feita com uso de forro. Este atua como segunda barreira física, permitindo a formação de camada de ar junto à cobertura e contribuindo na redução da transferência de calor para o interior da construção.

Outras técnicas para melhorar o desempenho das coberturas e condicionar ótima proteção contra a radiação solar, tem sido o uso de isolantes sobre as telhas (poliuretano), sob as telhas (poliuretano, poliestireno extrusado, lã de vidro ou similares), ou mesmo forro à altura do pé-direito.

O lanternim, abertura na parte superior do telhado, é altamente recomendável para se conseguir adequada ventilação, pois, permite a renovação contínua do ar pelo processo de termossifão resultando em ambiente confortável, como mostra a Figura 3. Deve ser em duas águas, disposto longitudinalmente na cobertura. Este deve permitir abertura mínima de 10% da largura

(L) da instalação, com sobreposição de telhados com afastamento de 5% da largura da instalação ou 40 cm no mínimo. Deve ser equipado, com sistema que permita fácil fechamento e com tela de arame nas aberturas para evitar a entrada de pássaros.



**Figura 03:** Esquema para determinação das dimensões do lanternim

## Áreas circundantes

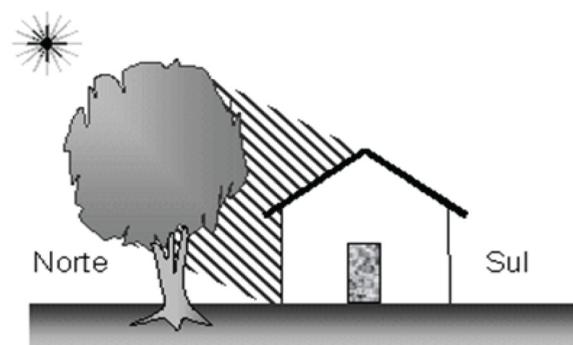
A qualidade das áreas circundantes afetam a radiação. É comum o plantio de grama em toda a área delimitada das instalações pois reduz a quantidade de luz refletida e o calor que penetra nos mesmos, além de evitar erosão em taludes aterros e cortes. Esta grama deve ser de crescimento rápido que feche bem o solo não permitindo a propagação de plantas invasoras. Deverá ser constantemente aparada para evitar a proliferação de insetos.

## Sombreamento

O emprego de árvores altas produz micro clima ameno nas instalações, devido a

projeção de sombra sobre o telhado. Para as regiões onde o inverno é mais intenso as árvores devem ser caducifólias. Assim, durante o inverno as folhas caem permitindo o aquecimento da cobertura e no verão a copa das árvores torna-se compacta sombreando a cobertura e diminuindo a carga térmica radiante para o interior da instalação. Devem ser plantadas nas faces norte e oeste da instalação e mantidas desganhadas na região do tronco, preservando a copa superior, como mostra a Figura 4. Desta forma a ventilação natural não fica prejudicada. Entretanto, deve-se fazer verificação constante das calhas para evitar entupimento com folhas.

**Figura 04:** Uso de árvores como sombreiro



## Instalações

O sistema de produção de suínos compreende as fases de pré-cobrição e gestação, maternidade, creche, crescimento e termi-

nação. Os aspectos construtivos das instalações diferem em cada fase de criação e devem se adequar às características físicas, fisiológicas e térmicas do animal.

## Pré-cobrição e gestação

Nessas instalações ficarão alojadas em baias coletivas, as fêmeas de reposição até o primeiro parto e as porcas a partir de 28 dias de gestação. Em boxes individuais, ficarão as fêmeas desmamadas até 28 dias de gestação. Os machos ficarão em baias individuais.

As instalações para essa fase são abertas, com controle da ventilação por meio de cortinas, contendo baias para as fêmeas reprodutoras em frente ou ao lado das baias para os machos. As baias das porcas em gestação podem ter acesso a piquetes para o exercício.

Aconselha-se o uso de paredes laterais externas e internas, ripadas com placas pré-fabricadas em cimento ou outro material para obter-se boa ventilação natural no interior dos prédios.

**Tabela 03:** Recomendações para orientação de projetos para as fases de gestação, pré-cobrição e de macho

Baias	Área recomendada (m <sup>2</sup> /animal)
Gestação individual (box/gaiola)	1,32
Leitoas em baias coletivas	3
Macho	6
	Número de animais por baia
Gestação coletiva/reposição/pré-cobrição	6 a 10
Área de piquete por fêmea	200 m <sup>2</sup>

## Maternidade

É a instalação utilizada para o parto e fase de lactação das porcas que, por ser a fase mais sensível da produção de suínos, deve ser construída atentando com muito cuidado para os detalhes. Qualquer erro na construção poderá trazer graves problemas, como excesso de umidade (empoçamento de fezes e urina), esmagamento de leitões e calor ou frio em excesso que provocam, como consequência, alta mortalidade de leitões. Na maternidade deve-se prever dois ambientes distintos, um para as porcas e outro para os leitões. Como a faixa de temperatura de conforto das porcas é diferente daquela dos leitões, torna-se obrigatório o uso do escamoteador para os leitões.

## Creche

Creche é a edificação destinada aos leitões desmamados. Deve-se prever a instalação de cortinas nas laterais para permitir o manejo adequado da ventilação.

As baias devem ser de piso ripado ou parcialmente ripado. Pisos parcialmente ripados devem ter aproximadamente 2/3 da baia com piso compacto e o restante (1/3) com piso ripado, onde os leitões irão defecar, urinar e beber água.

É necessário dispor de um sistema de aquecimento, que pode ser elétrico, a gás ou a lenha, para manter a temperatura ambiente ideal para os leitões, principalmente nas primeiras semanas após o desmame. Em regiões frias é recomendado o uso de abafadores sobre as baias, com o objetivo de criar um microclima confortável.

Além do agrupamento correto dos leitões e da adequação de espaço para os animais, é importante que nesta fase inicial de crescimento, o leitão tenha condições de temperatura e renovação de ar compatíveis com as suas exigências. Sabe-se que um leitão desmamado precocemente necessita de um ambiente protegido e que um número excessivo de animais em pequenas salas causam problemas de concentração de gases nocivos e odores desagradáveis. Recomenda-se a construção de baias para 4 a 5 leitegadas, respeitando-se a uniformi-

dade dos leitões nas baias, em salas com um sistema de renovação de ar, preferentemente com ventilação natural.

As instalações podem ser abertas, com cortinas para permitir uma boa ventilação amenizando o estresse calórico. É indispensável o uso de forro como isolante térmico e cortinas laterais para proporcionar melhores condições de conforto.

### Crescimento e Terminação

Essa edificação destina-se ao crescimento e terminação dos animais desde a fase que vai da saída da creche até a comercialização.

O piso das baias pode ser totalmente ripado ou 2/3 compacto e 1/3 ripado. O piso totalmente ripado é o mais indicado para regiões quentes, porém, é o de custo mais elevado. A Figura 5 nos mostra o exemplo de uma baia com piso totalmente ripado. O piso parcialmente ripado, isto é, constituído de

30% da área do piso da baia em ripado sobre fosso, é construído em vigotas de concreto e o restante da área do piso (70%) compacto em concreto.

O manejo dos dejetos deve ser do lado de fora da edificação e por sala para possibilitar maior higiene e limpeza.

A declividade do piso da baia deve situar-se entre 3% e 5%.

As paredes laterais podem ser ripadas, em placas pré-fabricadas em cimento ou outro material, para facilitar a ventilação natural.

As instalações nesta fase necessitam de pouca proteção contra o frio (exceto correntes prejudiciais que podem ser controladas por meio de cortinas), e de grande proteção contra o excessivo calor, razão pela qual devem ser bem ventiladas, levando em consideração a densidade e o tamanho dos animais. Nesta fase há uma formação de grande quantidade de calor, gases e dejeções que poderão prejudicar o ambiente. Para se ter uma ventilação natural apropriada, as instalações devem possuir área por animal de 0,70, 0,80 e 1,00 m<sup>2</sup> para piso totalmente ripado, parcialmente ripado e compacto, respectivamente.

**Tabela 04:** Coeficientes técnicos indicados para a creche

Área recomendada por leitão	
Piso totalmente ripado	0,30 m <sup>2</sup>
Piso parcialmente ripado	0,35 m <sup>2</sup>
Altura das paredes das baias	0,50 m a 0,70 m
Declividade do piso	5%



**Figura 05:** Baia com piso totalmente ripado

### Condições no assentamento Josué de Castro

No Assentamento em questão, a produção de suínos para a produção do biogás está sendo feita através de uma construção com, ao todo, 12 baias de 36m<sup>2</sup>. Os porcos ficam aglomerados, com aproximadamente 12 animais por baia e o piso das baias é totalmente de concreto compacto. A construção é arejada e respeita a posição do sol (Leste-Oeste), para que o sol não entre diretamente na construção. As baias são quadradas com aproximadamente 6 m de lado. O pé direito possui aproximadamente 2,5 m e a cobertura é feita com telhas claras de amianto, evitando assim a absorção do calor. A área circundante é composta por terra, deixando o ambiente mais quente. Não há árvores em torno da construção para proporcionar o sombreamento e não

há baias específicas para os períodos de vida dos suínos. A Figura 6 mostra como é a construção no Assentamento.



**Figura 06:** Construção no Assentamento Josué de Castro

### Conclusão

Após a realização do estudo sobre as construções ideais para a criação de suínos, é possível constatar que a construção no Assentamento Josué de Castro precisa evoluir em alguns aspectos.

É evidente que o projeto ainda está em fase inicial, mas para evitar o retrabalho e, assim, obter melhores resultados econômicos e financeiros, é fundamental que haja um investimento de melhoria enquanto grande parte das obras ainda está em fase inicial.

Sendo assim, é proposto, através do Quadro 1, algumas melhorias em relação a construção para a criação de suínos no Assentamento.

Melhorias	Justificativas
Construção de baias com, no mínimo, 10 m de comprimento.	A largura do instalação está relacionada com o clima da região onde a mesma será construída, com o número de animais alojados e com as dimensões e disposições das baias.
Utilização da cobertura no formato lanternim.	Permite a renovação contínua do ar pelo processo de termossifão resultando em ambiente confortável.
Realizar o plantio de grama em toda a área delimitada das instalações.	Redução da quantidade de luz refletida e o calor que penetra nos mesmos.
Realizar o plantio de árvores no entorno das construções.	O emprego de árvores altas produz micro clima ameno nas instalações, devido a projeção de sombra sobre o telhado.
Construir instalações de acordo com as fases de vida dos suínos.	Os aspectos construtivos das instalações diferem em cada fase de criação e devem se adequar às características físicas, fisiológicas e térmicas do animal.

## REFERÊNCIAS

ABREU, P. G. de; ABREU, V. M. N. *Sistema de distribuição de água na suinocultura: dimensionamento e equipamentos*. Concórdia: Embrapa Suínos e Aves, 2000. 25p. (Embrapa Suínos e Aves. Circular Técnica, 24).

EMBRAPA, C. (2015). *A suinocultura no Brasil*. [Online] Cnpsa.embrapa.br. Disponível em: [http://www.cnpsa.embrapa.br/cias/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5:origem-dos-suinos&catid=4:suinos-publico&Itemid=19](http://www.cnpsa.embrapa.br/cias/index.php?option=com_content&view=article&id=5:origem-dos-suinos&catid=4:suinos-publico&Itemid=19) [Acessado em 18 Fev. 2015].

FÁVERO, J., KUNZ, A., GIROTTO, A., MONTICELLI, C., DEON KICH, J., FÁVERO, J., LUDKE, J., MORAES, N., DE ABREU, P. e R. S. DA SILVEIRA, P. (2015). *Construções*. [Online] Sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br. Disponível em: <http://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Suinos/SPSuinos/construcao.html> [Acessado em 17 Fev. 2015].

# Avaliação da Qualidade de Carcaças de Bovinos Abatidos em Campos dos Goytacazes/RJ

*Beef Carcass Quality Assessment Slaughtered in Fields of Goytacazes/RJ*

Elaine Cristina Alcantara da Silva<sup>1</sup>, Fábio da Costa Henry<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Médica Veterinária autônoma

<sup>2</sup>Laboratório de Tecnologia de Alimentos/CCTA/UENF

## RESUMO

O Brasil é detentor do maior rebanho comercial de bovinos, seguido dos Estados Unidos da América. O principal efetivo de bovinos encontra-se nos Estados de Mato Grosso (12,9%), Minas Gerais e Mato Grosso do Sul com (11,1%) e Goiás com (10,1%). Combinando os dados com os obtidos através dos inquéritos da Pesquisa da Pecuária Municipal e Pesquisa Trimestral do Abate de Animais, foi verificada uma taxa de abate de 22,36%. A classificação e tipificação objetivam disciplinar a comercialização da carcaça e da carne dos bovinos, podendo funcionar como elementos de harmonização da organização e linguagem entre os elos da cadeia produtiva. O presente trabalho teve o objetivo de avaliar a qualidade da carne dos animais produzidos na região Norte e Noroeste Fluminense e determinar o padrão da carcaça produzida no matadouro frigorífico situado na cidade de Campos dos Goytacazes –RJ. Os animais abatidos na região Norte e Noroeste Fluminense são na maioria adultos, com ausência de cobertura de gordura, conformação côncava e com peso das carcaças abaixo de 250 kg. Estes dados demonstram a necessidade da imediata implantação de um programa de melhoramento genético animal em conjunto com um programa de assistência técnica rural.

**Palavras-chave:** Qualidade da carne, carcaça, bovino

## ABSTRACT

Brazil is having the largest commercial herd of cattle, followed by the United States of America. The main number of cattle is in the states of Mato Grosso (12.9%), Minas Gerais and Mato Grosso do Sul with (11.1%) and Goiás with (10.1%). Combining the data with those obtained from the surveys of search Municipal Livestock and Quarterly Survey of Animal Slaughter, a slaughter rate of 22.36% was observed. Classification and classification aim to control the marketing of carcass and meat of cattle and can act as matching elements of the organization and language among the links in the production chain. This study was the overall objective to stimulate higher meat quality and promote the growth of marketing inspected meat and as a specific objective to assess the quality of lamb meat produced in the North and Northwest Fluminense and determine the standard of housing produced in the refrigerator slaughterhouse located in Campos dos Goytacazes RJ. Animals killed in the North and Northwest Fluminense region are mostly adults, with no fat cover, concave conformation and carcass weight below 250 kg. These data demonstrate the need for the immediate implementation of an animal genetic improvement program with a rural technical assistance program.

**Keywords:** Meat quality, carcass, beef

## Introdução

O Brasil é detentor do maior rebanho comercial de bovinos, seguido dos Estados Unidos da América (FAO, 2008). O principal efetivo de bovinos encontra-se nos Estados de Mato Grosso (12,9%), Minas Gerais e Mato Grosso do Sul com (11,1%) e Goiás com (10,1%) (IBGE, 2008). Combinando os dados com os obtidos através dos inquéritos da Pesquisa da Pecuária Municipal e Pesquisa Trimestral do Abate de Animais, foi verificada uma taxa de abate de 22,36% (IBGE, 2008).

Carcaça bovina pode ser entendida como o animal abatido, sangrado, esfolado, eviscerado, desprovido de cabeça, patas, rabadão, glândulas mamárias (nas fêmeas), verga (exceto suas raízes) e testículos (nos machos) (BRASIL, 1989).

A classificação ou tipificação de carcaças é uma técnica pela qual são avaliados os componentes de qualidade e de quantidade relativos a uma determinada carcaça. Dentre estes componentes o primeiro depende basicamente da carne propriamente dita – relacionado à cor, maciez e textura, e o segundo está relacionado à composição da carcaça – em termos de quantidade obtida de carne, gordura e ossos (OLIVEIRA, 2000).

A classificação e tipificação objetivam disciplinar a comercialização da carcaça e da carne dos bovinos, podendo funcionar como elementos de harmonização da orga-

nização e linguagem entre os elos da cadeia produtiva. O sistema permite, ainda, uma orientação para os pecuaristas no sentido de produzir classes ou tipos de carcaças que atendam as demandas do mercado, ditadas pelo consumidor. Praticamente cada país possui o seu sistema de tipificação de carcaças, existindo inclusive países que adotam dois sistemas: um para exportação e outro para o mercado interno (GOMIDE et al., 2006).

O presente trabalho teve o objetivo geral de colaborar com o avanço da tecnologia de abate de bovinos, visando esclarecer os métodos de classificação e tipificação de carcaças usados para estimular a maior qualidade da carne e promover o crescimento da comercialização da carne inspecionada e como objetivo específico de avaliar a qualidade da carne dos animais produzidos na região Norte e Noroeste Fluminense e determinar o padrão da carcaça produzida no matadouro frigorífico situado na cidade de Campos dos Goytacazes – RJ.

## Revisão de Literatura

### Processamento Tecnológico

O matadouro frigorífico constitui o centro de processamento tecnológico, de defesa sanitária, de preservação de alimentos

perecíveis, de valorização comercial, de geração de empregos e de grandes perspectivas econômicas para o produtor, o industrial e o governo. Ao mesmo tempo, cada operação pode fornecer informações originais de alto valor zootécnico referentes às raças e cruzamentos, bem como a idade dos animais, peso vivo e de carcaça, procedência geográfica, sistema de nutrição, estado higiênico sanitário, rendimentos de carne e subproduto, aproveitamento industrial, valor agregado e a tão almejada iguaria ou recompra (SILVA, 2002). A grande variabilidade de carcaças que chegam aos frigoríficos e a necessidade de atender a diferentes mercados consumidores com exigências específicas tornou imprescindível a classificação de carcaças e a formação de grupos mais uniformes de mercadorias (cortes cárneos) (BELOTO, 2000; OLIVEIRA, 2000).

### Sistemas de tipificação de carcaças

Os sistemas de classificação e tipificação (grading systems) são usados para descrever o valor da carcaça em termos de carne magra, rendimento e grau de qualidade útil para a indústria ou o mercado varejista, premiando a qualidade da carcaça. Embora a classificação e tipificação possam ser

usadas para demonstrar ao mercado o que há de pior ou de melhor qualidade, seu objetivo principal é o de orientar a comercialização, através da segmentação de grupos heterogêneos em grupos homogêneos de qualidade e rendimentos similares (GOMIDE et al., 2006).

### Características da classificação de carcaças

O conceito de classificação consiste em agrupamentos homogêneos, categoria de sexo ou maturidade (classes sem hierarquia). Por outro lado, a tipificação é a diferenciação das classes, incluindo as categorias de classificação, como conformação e espessura de gordura subcutânea. Ainda, o sexo influencia o crescimento dos tecidos da carcaça, afetando sua composição e distribuição. Atribuem-se também a qualidade organoléptica da carne, como cor do músculo e cor da gordura, maciez, suculência e o sabor, os quais contribuem na aparência do produto e aceitação do consumidor (GOMIDE et al., 2006).

A classificação de carcaças precisa ser inicialmente simples para ser implementada com facilidade, mas deve ser obrigatória para tornar-se uma linguagem utilizada pelos segmentos que compõem o setor da carne e levar as informações necessárias



aos consumidores, criando uma demanda que, posteriormente, irá influenciar a produção do gado mais adequado para atendê-la. (FELÍCIO, 2001). A classificação auxilia ainda na padronização de produtos, o que internacionalmente valoriza o produto brasileiro, facilitando e assegurando a qualidade da carne produzida no país (JORGE, 2008).

### Potencial da produção de carne bovina no Brasil

O Brasil tem um potencial extraordinário para exportação e produção de carne bovina, com uma cadeia produtiva envolvendo um rebanho bovino da ordem de 195 a 205 milhões de cabeças, 1,8 milhões de estabelecimentos rurais, 750 indústrias frigoríficas, 90 mil pontos de venda de carne no varejo, gerando 2,7 empregos para cada 100 bois abatidos e é a maior empregadora do país com 7 milhões e 200 mil empregos diretos (MEIRELLES, 1999; PINEDA, 2000).

### Sistema Nacional de Tipificação de Carcaças Bovinas (BRASIL)

O sistema brasileiro de tipificação de carcaças é constituído de duas partes, sendo a primeira uma classificação que segue o modelo descritivo e a segunda, uma tipificação,

que utiliza os parâmetros da primeira parte para reunir as carcaças em tipos ordenados, como se houvesse uma hierarquia entre si, do melhor para o pior (FELÍCIO, 2003). Esse sistema era para ser de identificação codificada, como queria a comissão de 1970 coordenada pelo professor Miguel Cione Pardi, ou de classificação sem hierarquia de classes, como defendia esse autor a partir de 1977, acabou sendo de classes hierarquizadas em tipos conforme as letras da palavra BRASIL (SAINZ, 1996).

O sistema brasileiro de tipificação é estabelecido por avaliações subjetivas da maturidade, conformação, acabamento, análise do sexo e peso da carcaça quente (RESTLE et al., 1997; COSTA et al., 2002; ARBOITTE et al., 2004), juntas essas avaliações compõem a tipificação usando as letras “B-R-A-S-I-L” conforme legislação em vigor na Portaria Ministerial nº 612, de 05.10.1969, publicada no Diário Oficial da União de 10.10.1989. (BRASIL, 1989).

### Novo Sistema de Classificação de Carcaças Bovinas

Um novo sistema de classificação de carcaças adotado pela Instrução Normativa de nº 9 do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, no dia 04 de maio de 2004, deveria ter sido instituído em todo

o território nacional até o dia 31.12.2004. No entanto, devido a problemas de falta de infra-estrutura e de falta de corpo técnico adequado houve adiamento para início de 2006, para que esta regulamentação fosse discutida novamente.

As meias-carcaças, quartos, grandes peças e cortes, serão identificados com os códigos dos parâmetros sexo, maturidade e acabamento mediante aposição de carimbos nas peças com ossos (meias-carcaças, quartos e grandes peças) e de etiquetas nas embalagens dos cortes desossados. Será permitida a utilização do código ® do SISBOV para carcaças, quartos e cortes de carne de gado rastreado (FELÍCIO, 2003).

As identificações serão mantidas até o consumo industrial ou exposição do produto para venda ao consumidor. O classificador emitirá um laudo por lote de animais submetidos à classificação, detalhando o resultado da avaliação da carcaça de cada animal, conforme modelo oficial. O laudo será emitido em quatro vias de igual teor, sendo a primeira destinada ao estabelecimento industrial, que encaminhará uma cópia ao distribuidor e mercado varejista, a segunda ao fornecedor dos animais e a terceira ao encarregado do SIF, sendo a quarta via mantida com o classificador (FELÍCIO, 2003).

Entretanto o novo esquema não deveria ter eliminado o julgamento de conformação

sem colocar em seu lugar uma avaliação do grau de desenvolvimento das massas musculares. Se implantado como está publicado o novo sistema não diferencia carcaças de gado leiteiro daquele de corte, tampouco do gado Zebu com suas cruzas de *Bos taurus*, nem destes últimos com as raças européias continentais. Com a omissão, perde-se um indicador bastante prático do rendimento de desossa (FELÍCIO, 2003).

Quanto ao parâmetro “sexo”, note-se que a designação de Novilhas (F) e Vacas de descarte (FV) é desnecessária, porque as categorias “novilhas” e “vacas” serão formadas no cruzamento do sexo (fêmea) com a maturidade (hoje, até 4d, no futuro 2d, para novilha; 6d e 8d para vaca). Além disso, a vaca, cuja carcaça se avalia no frigorífico, é sempre de descarte, como não poderia deixar de ser. Quanto ao parâmetro “peso da carcaça”, não consta da IN a explicação de como o peso será utilizado na classificação (FELÍCIO, 2003).

Referindo-se ao Brasil, Luchiari Filho (2000) explicou: “A carne bovina é um dos poucos produtos comercializados sem um padrão de classificação ou tipificação definido, com a agravante de que no final todas as carnes acabam se tornando “carne de vaca”. Para poder separar as carcaças por méritos e atributos semelhantes, é necessário uma classificação das mesmas”.

Atualmente, empresas que criaram



as chamadas carnes com “grife”, adotam sistemas próprios para “classificação” e padronização dos cortes, com o objetivo de nichos de mercado mais exigentes com maior poder aquisitivo e disposto a pagar um diferencial de preço.

## Qualidade das Carcaças

A etapa inicial do processo de integração de informações e ações para abastecimento de possíveis demandas envolve a obtenção de um retrato da situação atual da qualidade das carcaças, que permita estimar a qualidade da carne produzida, bem como a sustentabilidade e eficiência da cadeia produtiva da bovinocultura (SORIA, 2005).

O estudo de carcaças permite avaliar a qualidade do produto final de um sistema de produção (COSTA et al., 2002). Segundo Delgado (2000), a qualidade da carcaça relaciona-se indiretamente com aspectos de qualidade da carne bovina. O valor comercial das carcaças bovinas é determinado por um conjunto de características, dentre as quais: peso, cobertura de gordura, rendimento de carcaça e marmoreio (gordura intramuscular) (PEROTTO et al., 1999). Em sistemas de tipificação de carcaças, a quantidade e distribuição de gordura na carcaça são fatores importantes na determinação de seu valor (PERON et al., 1993). A espes-

sura da gordura de cobertura tem recebido maior importância, evitando-se carcaças com cobertura abaixo de 3 mm a acima de 6 mm (RESTLE et al., 2003). Carcaças com espessura menor do que 3 mm acarretam o escurecimento da parte externa dos músculos pelo frio das câmaras frigoríficas nas primeiras 24 horas, além do encurtamento excessivo das fibras musculares pela maior velocidade de resfriamento que afeta negativamente a maciez da carne (JUNQUEIRA et al., 1998).

Segundo Costa et al. (2002), a variação do peso da carcaça é de relevância econômica aos frigoríficos, ao considerar que materiais de pesos diferentes na linha de abate requerem a mesma mão-de-obra e tempo de processamento na desossa. Carcaças com muita gordura subcutânea sofrem toalete mais intenso na linha de abate, o que representa prejuízo duplo ao produtor, devido ao aumento do custo de produção durante a terminação, pela menor eficiência biológica em acumular gordura e em segundo lugar, pela perda do peso da carcaça, uma vez que o excesso de gordura é removido antes da pesagem (SORIA, 2005). Fêmeas de descarte normalmente possuem peso vivo menor, intensa deposição de gordura, menor musculidade e, conseqüentemente, menor porção comestível com maior proporção de ossos na carcaça, em relação aos novilhos (PEROBELLI et al., 1995). Geralmente

as fêmeas descartadas são as que não interessam aos sistemas de produção por deficiência na produção, idade avançada ou mesmo por critérios de seleção, cujo preço pago pela carcaça é reduzido.

Soria (2005) e Perobelli et al., (1995) afirmaram que em países desenvolvidos as fêmeas de descarte são destinadas à produção de carne industrializada, enquanto os cortes nobres, provenientes dos melhores animais, destinam-se à venda no varejo, com valor diferenciado. Todavia, consumidores brasileiros ao adquirir carne bovina dispõem de informações escassas ou mesmo nulas e acabam por comprar um produto de qualidade inferior com o mesmo valor de outro com qualidade superior.

## Material e métodos

### Local e animais

Foram avaliados 400 animais escolhidos aleatoriamente, provenientes da região Norte e Noroeste Fluminense, abatidos no matadouro-frigorífico Fricampos - SIE 1083, localizado na cidade de Campos do Goytacazes – RJ, sendo feita a observação dos animais desde o momento da chegada ao matadouro até o final do abate. Sendo 141 machos, 114 fêmeas e 145 castrados.

Não foi identificado grupo genético, raça

e sistema de criação, ou seja, houve representatividade de animais que comumente são adquiridos pela empresa para abate e processamento.

### Abate

O abate foi realizado sempre pelo horário da manhã, conforme a ordem de chegada, estabelecida pelo responsável técnico do frigorífico. Obedeceu-se as práticas industriais durante todas as etapas, desde os currais e anexos até a sala de matança, instalações frigoríficas e graxaria. Os animais foram abatidos, após todos os cuidados ante mortem que, incluíram o período de repouso, jejum e dieta hídrica de vinte e quatro horas antes do abate. Os procedimentos de insensibilização foram realizados respeitando as normas do Regulamento Técnico de Métodos de Insensibilização para o Abate Humanitário de Animais de Açougue (BRASIL, 2000), o abate foi realizado conforme as normas descritas no Regulamento da Inspeção Industrial e Sanitária de Produtos de Origem Animal (RIISPOA) (BRASIL, 1997). Após a sangria foi realizada a esfolia (retirada da cabeça, das patas e do couro), evisceração, corte e lavagem da carcaça e em seguida a pesagem de cada meia-carcaça quente em balança eletrônica.



## Coleta de dados

Durante a linha de abate foram coletados os dados de cada indivíduo, caracterizando sexo, maturidade, conformação, acabamento e peso de carcaça. Para isso foi utilizada uma planilha de tipificação, identificando as características e os animais de acordo com a sua região de origem. Sendo a coleta dos dados feita no período de julho a outubro de 2009.

## Forma de análise dos resultados

A análise dos dados coletados foi realizada de acordo com a classificação das características encontradas, seguindo a Portaria Ministerial nº. 612 (BRASIL 1989) que classifica os bovinos.

## Regionalização

Os bovinos abatidos pelo frigorífico originam-se principalmente de propriedades rurais do Norte e Noroeste Fluminense, ocorrendo também animais de outras regiões como a Serrana e da Baixada Litorânea. Itaocara com 28% e Cardoso Moreira com 28% do total, seguido de Quissamã com 14% dos animais (Figura 1), as demais cidades forneceram 30% do volume total de animais abatidos.

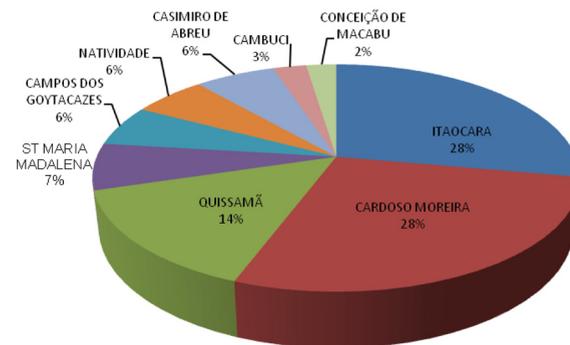


Figura 01: Quantidade de animais separados por região em %

O frigorífico abate diariamente cerca de 150 bovinos e, normalmente, concentra-se a aquisição de animais para abate, preferencialmente, de regiões próximas a sua localização. As prováveis condições que atendem essa situação provêm da proximidade entre produtor/frigorífico para comercialização, da facilidade na logística, da estabilidade financeira contratual do comprador e da oferta de animais do vendedor.

## Resultados e discussão

### Sexo

Analisando os resultados deste trabalho a proporção entre machos (35%) e castrados (36%) foi equilibrada, com uma menor participação de fêmeas (29%) como mostra a Figura 2.

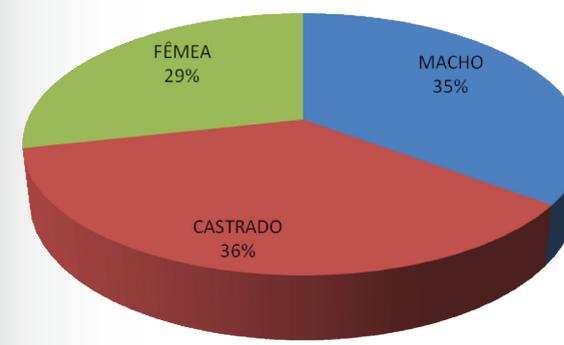


Figura 02: Percentagem de bovinos machos inteiros, castrados e fêmeas abatidos no FRICAMPOS

O alto percentual de fêmeas encontrado deste trabalho denota o quadro atual da redução de exportação (após a ocorrência de focos de febre aftosa em 2005 no MS e PR e devido à atual crise financeira nos países importadores), aumentando a oferta no mercado interno e reduzindo os preços. Segundo Haddad (1999), a comercialização de carne de fêmeas demonstra desorganização da cadeia produtiva de gado de corte. Segundo esse autor, a redução do preço da arroba pelo aumento da oferta de machos reflete negativamente na procura por bezeros. Segundo Dezen (1999), esses ciclos tendem a repetir a cada sete anos.

A castração dos machos foi um manejo tradicionalmente usado pelos produtores de bovinos de corte, visando evitar o efeito dos hormônios androgênicos sobre as características de carcaça e da carne (RESTLE

et al., 1999b), pois animais inteiros apresentam carcaça mais magra, carne mais escura, mais dura e de pior palatabilidade que os castrados (RESTLE et al., 1996). Entretanto, vários trabalhos têm demonstrado que esses mesmos hormônios são responsáveis por maior velocidade de crescimento e melhor conversão alimentar dos animais inteiros em relação aos castrados (RESTLE et al., 1996; RESTLE et al., 1997). Seideman et al. (1982) afirmaram que animais não-castrados produzem carcaças com maior proporção de carne comercializável e com menor teor de gordura. Restle et al. (1997) demonstraram a superioridade do desempenho de animais não castrados, porém, afirmaram que tal superioridade se torna mais relevante em sistemas de produção intensiva, em que se busca o peso de abate em menor tempo. Com a redução da idade de abate, surge nova perspectiva de produção de carne a partir de machos não-castrados. Esse procedimento é adotado há muito tempo em vários países europeus, onde grande parte da carne consumida é proveniente de bovinos não-castrados, abatidos com idade inferior a dois anos (RESTLE et al., 2000a,b). Ítavo (2001 e Silva (2002), ao revisarem o assunto, concluíram que o nível nutricional dos animais influencia a adoção da castração, isto é, quando os animais mantidos sob regime alimentar de bom nível nutricional são abatidos com menos de 24 meses de

idade, a castração é desnecessária. Nesse sentido, a castração seria importante para animais abatidos tardiamente, favorecendo, assim, o manejo, a engorda e a qualidade da carne, no que diz respeito à maciez. Reeves et al. (2004) verificaram maior peso ao abate, maior rendimento de carcaça e maior proporção de músculo na carcaça dos animais não-castrados e maior proporção de gordura na carcaça e maior marmorização na carne dos animais castrados. Apesar de a utilização de animais não-castrados para o abate trazer benefícios para o produtor, devido à maior velocidade de crescimento em relação aos castrados (RESTLE et al., 1999), ainda restam dúvidas com relação às características de carcaça dos mantidos não-castrados (VAZ et al., 1999).

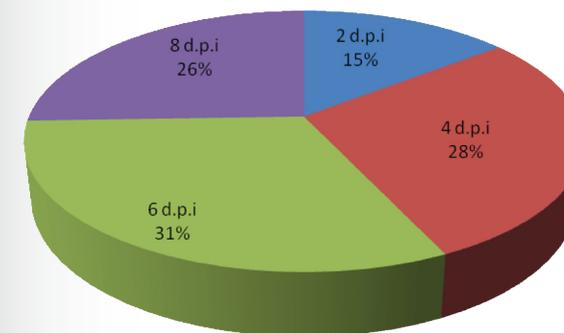
Climaco et al. (2006) observaram que animais não-castrados apresentam maiores pesos e ganhos de peso do que os castrados, sendo abatidos em menor tempo ou idade, porém os pesos e rendimentos dos cortes comerciais das carcaças foram similares entre os dois grupos. Vittori et al. (2006), ao estudarem as características de carcaça de bovinos castrados e não-castrados, verificaram que os animais não castrados apresentaram carcaças mais pesadas, com maior rendimento, maior proporção de tecido muscular, porém com espessura de gordura subcutânea semelhante à dos castrados. A terminação de animais com idade variando

entre 12 e 15 meses vem sendo cada vez mais utilizada pelos produtores. Esta prática, além de aumentar o desfrute do rebanho e o giro de capital, propicia o retorno do crescimento do consumo da carne bovina (VAZ et al., 1999b). Tendo em vista que o efeito dos hormônios androgênicos sobre as características de carcaça e da carne é mais marcante em animais abatidos em idade mais avançada (RESTLE et al., 19997). Novilhas apresentam maior rendimento que os machos. Normalmente estas são abatidas com pesos vivos mais leves que os machos e, mesmo assim, apresentam um rendimento ligeiramente superior, devido ao maior acúmulo de gordura em suas carcaças. Vaz et al. (2001) utilizaram vacas de descarte abatidas com diferentes idades, concluindo que a porcentagem de músculo na carcaça diminuiu, à medida que aumentou a idade das vacas, comportamento contrário ao verificado com a porcentagem de gordura, a qual foi mais alta nas vacas abatidas com mais idade.

## Maturidade

O grau de maturidade dos animais abatidos na região Norte Fluminense foi alto (Figura 3). Comparativamente, animais adultos (acima de 4 d.p.i.) corresponderam a mais de 85% dos bovinos, apenas 15% dos animais

poderiam atender às exigências do novilho precoce, ou seja, abatidos com idade de até 30 meses (2 anos e 6 meses).



**Figura 03:** Grau de maturidade dos bovinos abatidos no FRICAMPOS  
\* d.p.i.: dentes permanentes incisivos

Segundo Euclides Filho (2001), a média da idade de abate dos bovinos no Brasil é bem elevado, ao redor dos 3,5 anos, devido ao sistema de criação, predominante, resultando em carcaças de animais com elevado grau de maturidade, redução do giro de capital do produtor e da diminuição da qualidade da carne. A produção de novilhos para o abate em idades de 12 a 14 meses, também chamados super precoces, causa melhoria da qualidade da carne, já que o aumento de idade do animal é o fator que altera mais significativamente a maciez (LAWRIE, 1981; RESTLE et al., 1999). Com a idade avançada, o animal apresentará seus músculos enrijecidos (duros) o que levará à obtenção

de uma carne de qualidade inferior, não havendo mecanismos de produção suficientemente capazes de transformar músculo enrijecido em um corte cárneo de qualidade e com maciez desejada (FERREIRA, 2004). Segundo Ladeira (2006), à medida que a idade do animal aumenta ocorre diminuição na proporção de proteína e aumento da gordura.

Entre as recomendações para redução da variação da maciez, estaria a limitação da idade de abate em 30 meses (KOOMARAIE et al., 2003). O predomínio de animais adultos compromete sistematicamente a qualidade da carne produzida. À medida que os animais envelhecem, ocorre o amadurecimento do tecido conjuntivo, tornando-se termoestáveis pelo maior número de ligações intercruzadas na molécula de colágeno, condição que favorece a produção de carne dura (SORIA, 2005).

A base zebuína do rebanho, pela predisposição a produção de carne menos macia (WHIPPLE et al., 1990). O abate dos animais quando maduros, apresentando mais de 4 d.p.i. (acima de 3,5 anos), compromete a maciez da carne bovina brasileira (SORIA, 2005). A incorporação de fêmeas de descarte ou mesmo matrizes em idade reprodutiva na rotina de abate contribue para produção de carne dura. Entretanto, isso parece não limitar o processo industrial brasileiro, considerando as exigências em carcaças pesadas

pelos frigoríficos, bem como limitações do sistema de produção predominante.

## Acabamento

Neste trabalho 73% das carcaças apresentaram grau de acabamento 1, que corresponde à cobertura ausente, 20% apresentaram acabamento de grau 2, cobertura escassa, variando de 1 a 3 mm de espessura e somente 7% apresentou acabamento de grau 3 variando de 3 a 6 mm de espessura (Figura 4). Com esse baixo acabamento de gordura na quase totalidade dos animais, pode ocorrer aumento do índice de quebra, com o resfriamento rápido, encurtamento das fibras, com menor temperatura durante o resfriamento, ocorrendo menor ação glicídica muscular, maior pH e pouca ação da calpaína, enzima responsável pela maciez da carne, antagonicamente a calpastatina (SILVEIRA et al., 2001).

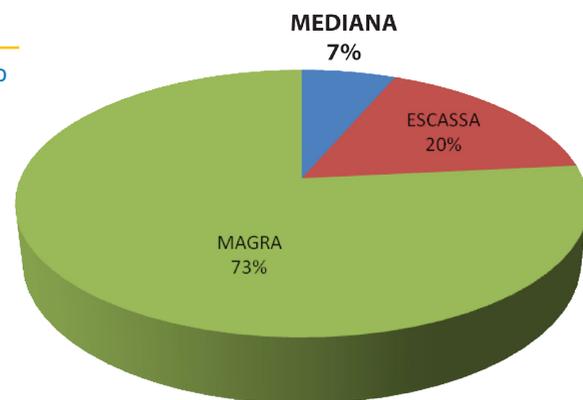


Figura 04: Grau de acabamento de gordura nos bovinos abatidos na FRICAMPOS

Sabe-se que a acidificação ocorre devido à queima dos açúcares no tecido (glicose), o rápido congelamento inibe este processo, mantendo o pH alto, o que por sua vez inibe a calpaína. Na época seca, a qual foi realizada este trabalho, as pastagens encontram-se com baixa disponibilidade e qualidade de forragem, resultando em animais com baixa cobertura de gordura. Segundo Shorthore (1990), para a produção de carne consistentemente macia, dentre os critérios mínimos, são fundamentais a idade de abate e a gordura de cobertura.

A indústria frigorífica brasileira tem como baliza a compra de carcaças com pelo menos 3 mm de gordura subcutânea, para proteger a superfície muscular durante o processo de resfriamento da carcaça e de conservação da carne (JUNQUEIRA et al., 1998).

No Brasil, a escassa produção de animais jovens e razoável proporção de carcaças com pouca cobertura pode ser revertida, pois o país dispõe de domínio científico e tecnológico (EUCLIDES FILHO, 2001).

## Conformação

A conformação dos animais abatidos foi de 23% retilíneos e 77% côncavos (Figura 5).

Segundo Brondani (2002), a conformação geralmente está associada a outras carac-

terísticas que também expressam a musculabilidade, como o peso de carcaça, a área do músculo *Longissimus dorsi* (AOL), a espessura do coxão, o perímetro do antebraço, a relação músculo:osso e a porção comestível. Como a conformação é uma avaliação subjetiva da expressão muscular, levando em conta principalmente a cobertura muscular do traseiro, onde estão localizados os cortes de maior valor comercial, as carcaças com melhor conformação são preferidas pelos açougues e supermercados, pois produzem cortes com melhor aparência e tendem a apresentar menor proporção de osso e maior porção comestível (ABRAHÃO et al., 2005).

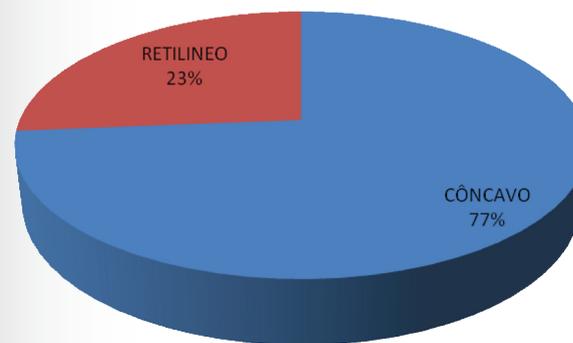


Figura 05: Conformação das carcaças dos bovinos abatidos no FRICAMPOS

## Pesos das Carcaças

Segundo Soria (2005), a indústria na tentativa de reduzir custos operacionais busca processar carcaças mais pesadas, porém

pesos elevados implicam em alta quantidade de gordura subcutânea, que reduz o rendimento da porção comestível. Para o produtor, aumenta o custo e perde em peso de carcaça, após o toailete pela retirada do excesso da gordura, antes da pesagem. Segundo esse autor, o mercado nacional normalmente penaliza carcaças com menos de 15 @ ou 230 kg. Carcaças pesando abaixo de 200 kg foram observadas em considerável percentual (39%), (Figura 6) provavelmente decorrente da exclusiva alimentação em pastagens tropicais, sem manejo adequado e ausência de suplementação alimentar.

De acordo com Ferreira (2004), em estudo sobre os fatores produtivos da carne bovina, para os produtores rurais ligados à produção de bovinos de corte, um dos fatores mais importantes é o peso vivo do animal, pois é com base neste fator que os mesmos recebem atualmente, pela venda de seus animais. O peso do animal vivo ou da carcaça bovina relaciona-se com a eficiência produtiva e econômica dos sistemas de produção (SORIA, 2005).

As vacas de descarte normalmente possuem peso vivo menor, intensa deposição de gordura, menor musculabilidade e, conseqüentemente, menor proporção comestível e maior proporção de ossos na carcaça, em relação a novilhos (PEROBELLI et al., 1995). O peso de carcaça que se pratica no momento da comercialização é definido pela in-

dústria, sendo de 240-270 kg (16-18@) para machos. Animais inteiros, para alcançarem ponto adequado de abate, necessitam ser abatidos com pesos mais elevados que animais castrados e que para o mesmo grau de acabamento o grupo genético de maior peso adulto permaneceu mais tempo em confinamento (EUCLIDES FILHO et al., 2001). Arboitte et al. (2004) concluíram que as características quantitativas como rendimento de carcaça fria e espessura de gordura de cobertura aumentam linearmente em relação ao peso de abate, o mesmo ocorrendo com as características métricas: de comprimento de carcaça e de perna, perímetro de braço e espessura de coxão.

Faveret et al. (2002) defenderam que a pecuária brasileira dispõe da carne saborosa e saudável, proveniente basicamente, de animais da raça Nelore ou anelrados, com menor custo de produção, e afirmou que a avaliação apenas pelo peso, como *commodity*, está com os dias contados.

Os animais avaliados resultaram, numa variação entre 124,0 e 356,0 kg, com maioria (34%) de 200-249 kg (Figura 10), próximos da média brasileira de 210 kg (EUCLIDES FILHO, 2001). Segundo esse autor, a intensificação do sistema de produção, com investimento em pastagens, suplementação e confinamento, aumentaria para 230 ou 240 kg.

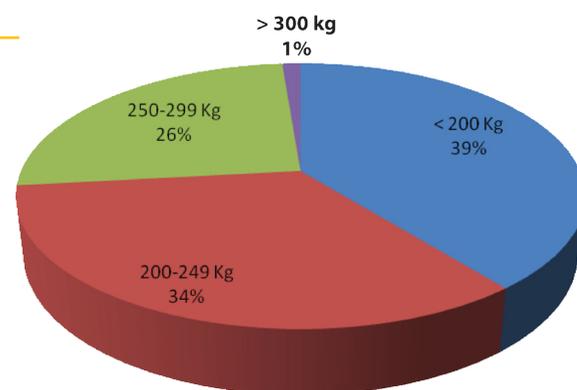
Os animais abatidos na região Norte e Noroeste Fluminense são na maioria adultos, com ausência de cobertura de gordura, conformação côncava e com peso das carcaças abaixo de 250 kg.

Sendo a maioria tipificada se enquadrando na classificação L, pior classificação.

Esse resultado pode ter correlação com alto número de fêmeas, a época seca a qual o trabalho foi realizado influenciando no peso, conformação e acabamento dos bovinos avaliados.

Estes dados demonstram a necessidade da imediata implantação de um programa de melhoramento genético animal em conjunto com um programa de assistência técnica rural.

**Figura 05:** Peso dos bovinos abatidos no FRICAMPOS SIE1083



## REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, J. J. S.; MACEDO, L. M. A.; PEROTTO, D.; MOLETTA, J. L.; MARQUES, J. A.; PRADO, I. N.; MATSUSHITA, M.; PRADO, J. M. Características de carcaça de novilhas mestiças confinadas, submetidas a dietas com milho ou resíduo seco de fecularia de mandioca. *Acta Scientiarum*, Maringá, v. 27, n. 4, p. 459-468, 2005.

ARBOITTE, M. Z.; RESTLE, J.; ALVES FILHO, D. C. et al. Características da Carcaça de novilhas 5/8 Nelore 3/8 Charolês abatidos em diferentes estádios de desenvolvimento. *Revista Brasileira de Zootecnia*, Viçosa, v. 33, n. 4, p. 969-977, 2004.

BELOTO, P. B. Tipificação e Rastreabilidade de carcaças. 3º Congresso Brasileiro das raças zebuínas. In: *Anais...* 1998. Uberaba. 2000 p.170-187.

BERG, R. T.; WALTERS, L. E. The meat animal: changes and challenges. *Journal of Animal Science*, v. 57, p.133-146, 1983.

BRASIL, Portaria nº. 612, de 5 de Outubro de 1989. *Sistema Nacional de Tipificação de Carcaças Bovinas*. Ministério da Agricultura, Brasília, 1989. Disponível em: <<http://extranet.agricultura.gov.br/sislegisconsulta/servlet/Visualizaranexo?id=123>> Acesso em: 15 set. 2008.

BRASIL. Ministério da Agricultura e do Abastecimento. Secretaria Nacional de Defesa Agropecuária. *Regulamento de Inspeção Industrial e Sanitária de Produtos de Origem Animal* (Aprovado pelo Decreto no 30.691 de 29 de março de 1952, alterado pelos Decretos nos 1.255 de 25 de junho de 1962, 1.236 de 02 de setembro de 1994, no 1.812 de 08 de fevereiro de 1996 e no 2.244 de 05 de junho de 1997). DIPOA-MAPA, Brasília-DF, 1997, 241p.

BRASIL. Ministério da Agricultura e do Abastecimento. Secretaria Nacional de Defesa Agropecuária. *Regulamento Técnico de Métodos de Insensibilização para o Abate Humanitário de Animais de Açougue*. Instrução Normativa no 3, de 17 de janeiro de 2000 (aprovado pela portaria ministerial no 574, de 8 de dezembro de 1998, processo no, 21000.003895/99-17), 2000.

BRONDANI, I. L. *Desempenho e características da carcaça de bovinos jovens*. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias. (Tese de Doutorado em Zootecnia). Jaboticabal, 2002, 133 p.

CLIMACO, S. M.; RIBEIRO, E. L. A.; MIZUBUTI, I. Y. et al. Desempenho e características de carcaça de bovinos de corte inteiros ou castrados e suplementados ou não durante o inverno. *Acta Scientiae Veterinariae*, v. 28, p. 209-214, 2006.

COSTA, E. C.; RESTLE, J.; VAZ, F. N. et al. Características da carcaça de novilhas Red Angus super precoces abatidos com diferentes pesos. *Revista Brasileira de Zootecnia*, Viçosa, v. 31, p. 417-428, p. 129-138, 2002. (Suplemento).

DELGADO, E. F. Resfriamento e qualidade de carcaça. In: SIMPÓSIO PECUÁRIA 2000 – PERSPECTIVAS PARA O MILÊNIO. Pirassununga, 2000. *Anais...* Pirassununga: USP, FZEA, 2000. (CD-ROM).

DEZEN, S. Aspectos da produção de carne e as tendências do mercado nacional. In: SIMPÓSIO DE REPRODUÇÃO DE GADO DE CORTE, Viçosa, 1999. *Anais...* Viçosa: UFV Universidade Federal de Viçosa, 1999, p. 245-264.

EUCLIDES FILHO, K. Interação genótipo-ambiente-mercado na produção de carne bovina nos trópicos. In: SIMCORTE: SIMPÓSIO SOBRE PRODUÇÃO DE

GADO DE CORTE. Universidade Federal de Viçosa. *Anais...* Viçosa: UFV. p. 93-116. 2001.

FAO. *FAOSTAT*. Rome, 2008a. Disponível em: <<http://faostat.fao.org/site/569/DesktopDefault.aspx?PageID=569>>. Acesso em: 2 set. 2009.

FAVERET FILHO, P.; PAULA, S.R.L. *Cadeia da carne bovina: o novo ambiente competitivo*. BNDES Setorial, n.6, Rio de Janeiro: BNDES, Setembro 2002.

FELICIO, P. E. I Congresso Brasileiro de Ciência e Tecnologia de Carnes, 2001, São Pedro. *Anais...* Campinas: Instituto de Tecnologia de Alimentos/ Centro de Tecnologia de Carnes, 2001. p. 342-355.

FELICIO, P. E. Classificação de carcaça bovina. Parte II. O sistema oficial do Mapa tem uma parte boa e outra inadequada. *Revista ABCZ*, Uberaba, ano 3, n.15 (jul./ago.). 2003,p.154-5.

FERREIRA, M. M. *Fatores Produtivos e Industriais que Interferem na Qualidade da Carne Bovina*. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias. Jaboticabal SP, 2004.

GOMIDE, Lucio Alberto de Miranda, 1958- *Tecnologia de abate e tipificação de carcaças*/ Lucio Alberto de Miranda Gomide, Eduardo Mendes Ramos, Paulo Rogério Fontes. – Viçosa: UFV, 2006.

HADDAD, C. M. A carne bovina do ponto de produção ao consumidor: problemas e propostas de soluções. In: PEIXOTO, A.M.; MOURA, J.C.; FARIA, V.P. (eds.). *Bovinocultura: fundamentos da exploração racional*. Piracicaba: FEALQ. 1999, p. 513-532.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Produção da Pecuária Municipal*, 2008. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 2 nov. 2009.

ÍTAVO, L. C. V.; SILVA, F. F. Aspectos produtivos da castração de bovinos de corte In: SEMANA DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS DA UESB, Itapetinga, *Anais...* Itapetinga, 2001. p. 33-74.

JORGE, A. M., *Tipificação de carcaças e seus benefícios*. FMVZ-Unesp-Botucatu 2008 Disponível em: [http://www.fmvz.unesp.br/andrejorge/Tipif\\_Carc\\_Beneficios.pdf](http://www.fmvz.unesp.br/andrejorge/Tipif_Carc_Beneficios.pdf). > Acesso: 2 set 2008.

JUNQUEIRA, J. O.; ALLEONI, G. O. O ponto de vista da área de ensino e pesquisa. In: WORKSHOP EM QUALIDADE DA CARNE E MELHORAMENTO GENÉTICO DE BOVINOS DE CORTE. São Carlos, 1998. *Anais...* São Carlos: EMBRAPA Pecuária Sudoeste, p. 69-75. 1998.

KOOHMARAIE, M. et al. Understanding and managing variation in meat tenderness. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ZOOTECNIA, 40. Santa Maria. *Anais...* Santa Maria: SBZ. 2003. (CD-ROM)

LADEIRA, M. M.; OLIVEIRA, R. L. Estratégias nutricionais para melhoria da carne bovina. In: II SIMBOI - SIMPÓSIO SOBRE DESAFIOS E NOVAS TECNOLOGIAS NA BOVINOCULTURA DE CORTE, Brasília, 2006. *Anais...*Brasília, 2006. CD-ROM.

LAWRIE, R. *Developments in meat science*. London: Elsevier Applied Science, 1981. 342p.

LUCHIARI FILHO, A. *Pecuária da Carne Bovina*. São Paulo, 134 p, 2000.

MEIRELLES, J. C. de S. Eficiência econômica na produção da carne. *Arquivo do Instituto de Biologia de São Paulo*, v. 66, p. 51, 1999.

OLIVEIRA, A. L. Tipificação de carcaças bovinas: a experiência americana e a brasileira. *Caderno Técnico de Veterinária e Zootecnia*, n. 33, p. 24-46, 2000.

PEROBELLI, Z. V.; RESTLE, J.; MÜLLER, L. Estudos das carcaças de vacas de descarte das raças Charolês e Nelore. *Pesquisa Agropecuária Brasileira*, Brasília, v. 30, n. 3, p. 409-412, 1995.

PERON, A. J.; FONTES, C. A. A.; LANA, R. P.; QUEIROZ, A. C.; PAULINHO, M. F.; SILVA, D. J. medidas quantitativas e proporções de músculos, tecido adiposo e ossos da carcaça de novilhos de cinco grupos genéticos, submetidos à alimentação restrita de *ad libitum*. *Revista Brasileira de Zootecnia*, Viçosa, v. 22, n. 5, p. 813-819, 1993.

PEROTTO, D.; MOLETTA, J. L.; CUBAS, A. C. Características da carcaça de bovinos Canchim e Aberdeen Angus e de seus cruzamentos recíprocos terminados em confinamento. *Ciência Rural*, v. 29, n. 2, p. 331-338, 1999.

PINEDA, N. Reengenharia e Agribusiness na pecuária de corte. *9º Seminário do PMGRN*, 8 de dez de 2000. Ribeirão Preto-SP.

REEVES, J. J.; SHIMOKOMAKI, M.; RIBEIRO, E. L. A. Growth and carcass characteristics of pasture fed LHRH immunocastrated, castrated and intact *Bos indicus* bulls. *Meat Science*, v. 68, p. 285-290, 2004.

RESTLE, J.; GRASSI, C.; FEIJÓ, G.L.D. características das carcaças e da carne de bovinos inteiros ou submetidos a duas formas de castração, em condições de pastagem. *Revista Brasileira de Zootecnia*, Viçosa, v.25, n. 2, p. 334-343, 1996.

RESTLE, J.; FLORES, J. L. C.; VAZ, F. N. et al. Desempenho em confinamento, do desmame ao abate aos quatorze meses, de bovinos inteiros ou castrados, produzidos por vacas de dois anos. *Ciência Rural*, v. 27, p. 651-655, 1997.

RESTLE, J.; KEPLIN, L. A. S.; VAZ, F. N. Características quantitativas da carcaça de novilhos Charolês, abatidos com diferentes pesos. *Pesquisa*

*Agropecuária Brasileira*, Brasília, v. 32, n. 8, p. 851-856, 1997.

RESTLE, J.; BRONDANI, I. L.; BERNARDES, R. A. C. O novilho superprecoce. In: RESTLE, J. (Ed.) Confinamento, pastagens e suplementação para produção de bovinos de corte. Santa Maria: *UFSM*, p.191-214, 1999.

RESTLE, J.; VAZ, F.N.; ALVES FILHO, D.C. Machos não-castrados para a produção de carne. In: RESTLE, J. (Ed.) Confinamento, pastagens e suplementação para produção de bovinos de corte. Santa Maria: *UFMS*, 1999. p. 215-231.

RESTLE, J.; ALVES FILHO, D. C.; FATURI, C. et al. Desempenho na fase de crescimento de machos bovinos inteiros ou castrados de diferentes grupos genéticos. *Revista Brasileira de Zootecnia*, v. 29, p. 1036-1043, 2000a.

RESTLE, J.; VAZ, F. N.; FEIJÓ, G. L. D. Características de carcaça de bovinos de corte inteiros ou castrados de diferentes composições raciais. Charolês x Nelore. *Revista Brasileira de Zootecnia*, v.29, p.1371-1379, 2000b.

RESTLE, J.; VAZ, F. N. Eficiência e qualidade na produção de carne bovina. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ZOOTECNIA, 40, Santa Maria, 2003. *Anais...* Santa Maria: SOCIEDADE BRASILEIRA DE ZOOTECNIA, 2003. (CD-ROM).

SAINZ, R. D. Qualidade das carcaças e da carne bovina. In: Congresso Brasileiro das Raças Zebuínas, 2, 1996, Uberaba. *Anais...* Uberaba: ABCZ, 1996. (não paginado).

SEIDEMAN, S. C.; CROSS, H. R.; OLTJEN, R. R. et al. Utilization of the intact male for red meat production: a review. *Journal of Food Science*, v. 55, p. 826-840, 1982.

SHORTHORE, W. R.; HARRIS, P. V. Effect of age on the tenderness of selected beef muscles. *Journal of Food Science*, v. 55, p. 1-8, 1990.

SILVA, T. J. P. PTA-06016 - *Processamento tecnológico de Carnes e Derivados II*. Texto Didático. 5a ed. Niterói: Curso de Pós Graduação em Medicina Veterinária – Higiene Veterinária e Processamento Tecnológico de Carnes, 2002. 318p.

SILVEIRA, A. C., et al. Produção de novilho superprecoce. In: SIMCORTE – SIMPÓSIO SOBRE PRODUÇÃO DE GADO DE CORTE. Universidade Federal de Viçosa. *Anais...* Viçosa: UFV, 2001, p. 37-54.

SORIA, R. F. *Características de carcaças bovinas obtidas por frigoríficos na região central do Brasil, um retrato espacial e temporal*. Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Piracicaba, 2005 60p. : il. Dissertação (Mestrado).

VAZ, F. N.; RESTLE, J.; PEROTTONI, J. et al. Aspectos qualitativos da carcaça e da carne de machos Hereford, inteiros ou castrados, abatidos aos quatorze meses. In: REUNIÃO ANUAL SOCIEDADE BRASILEIRA DE ZOOTECNIA, 36., 1999, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: SBZ, 1999, p.335.

VAZ, F.N.; RESTLE, J.; BERNARDES, R.A.L.C. et al. Efeito da idade ao abate sobre a qualidade da carcaça e da carne de vacas Charolês, terminadas com suplementação em pastagem cultivada de estação fria. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ZOOTECNIA, 38., 2001, Piracicaba. *Anais...* Piracicaba: Fundação de Estudos Agrários “Luiz de Queiroz”, 2001. p.1535-1537.

VITTORI, A.; QUEIROZ, A. C.; RESENDE, F. D. Características de carcaça de bovinos de diferentes grupos genéticos, castrados e não castrados, em fase de terminação. *Revista Brasileira de Zootecnia*, v. 35, p. 2085-2092, 2006.

WHIPPLE, G. et al. Evaluation of attributes that effect Longissimus muscle tenderness in Bos Taurus and Bos indicus cattle. *Journal of Animal Science*, v. 68, p. 2716-2890,1990.



# RELATOS DE EXPERIÊNCIA

EXPERIENCE REPORT



# Marketing Verde e suas Aplicações na Indústria da Moda

*Green Marketing and it's Applications in the Fashion Industry*

**Brenda Giovana Brum<sup>1</sup>, Daniella Costantini das Chagas Ribeiro<sup>2</sup>**

Tecnóloga em Marketing –  
Sociedade Universitária Redentor  
brenda.brum@hotmail.com

Me. em Cognição e Linguagem –  
Sociedade Universitária Redentor  
professora.daniellac@gmail.com

## RESUMO

O presente relato se propõe e tem como objetivo analisar o consumo com sustentabilidade, observando a temática do Marketing Verde, priorizando essa análise no contexto da Moda e promovendo algumas soluções dentro deste contexto. Tal relato teve como base um estímulo de consciência pessoal e uma proposta realizada em sala de aula, na Faculdade Redentor em Campos dos Goytacazes (RJ). Essa proposta pôde apresentar ideias sustentáveis para reutilização de roupas a fim de reduzir o desperdício através de táticas simples que estão à disposição em nosso cotidiano.

**Palavras-chave:** Sustentabilidade; Moda; Marketing verde.

## ABSTRACT

This report aims to analyze consumption with sustainability, noting the theme of Green Marketing, prioritizing this analysis in the context of Fashion and promoting some solutions within this context. This report was based on a personal awareness stimulus and a proposal in the classroom, in the Redentor Faculty, in Campos dos Goytacazes (RJ). This proposal could provide sustainable ideas for reusing clothes in order to reduce waste through simple tactics that are available in our daily lives.

**Keywords:** Sustainability; Fashion; Green Marketing.

## Introdução

O planeta tem dado inúmeros sinais de que está cada vez mais difícil suportar o ritmo de consumo dos dias atuais. As atitudes inconsequentes do homem tem trazido grandes prejuízos à natureza e consequentemente aos seus semelhantes. As empresas e seus fabricantes tem uma grande parcela de contribuição nos problemas ambientais e sociais ocorridos em nosso planeta com o desenvolvimento de certos produtos, assim como a indústria da moda e o marketing também tem sua parcela de culpa. Porém, o consumidor está cada dia mais atento e mais exigente às práticas empresariais e as consequências sociais e ambientais, contribuindo, assim, para a criação de uma nova política de consumo. Esta situação exige todo tipo de cuidado das empresas com seus consumidores e com seus produtos, então, é preciso buscar formas de se ampliar o desenvolvimento ambiental sustentável na criação de produtos e de se aplicar o marketing verde na propagação e distribuição de seus produtos. Pensando nisso, neste trabalho propõe-se a aplicação destes conceitos sustentáveis no setor de vestuário de moda a partir de uma iniciativa simples e de simples alcance.

## Reflexões sobre moda

Tudo começa através da necessidade do homem em cobrir seu corpo, protegendo-o das agressões da natureza, como do frio e das superfícies ásperas. A partir do momento em que o homem começa se sentir constrangido em estar nu, acontece o pudor. O homem percebe que vestir-se tem o sentido de significação, constituindo, com isso, o caráter de adorno, com motivação social e psicológica, mostrando que a humanidade adotou as vestes como forma de expressão.

Armoni (2007, p. 9), explica que, por séculos, indivíduos e sociedades tem usado o vestuário e outros adornos como forma de comunicação não-verbal para indicar ocupação, posição social, entre outras características sociais.

Já para Palomino (2002, p.14), moda é muito mais do que roupa, é um sistema que integra o simples uso das roupas do dia-a-dia a um contexto maior, político, social, sociológico. Sendo a moda um uso ou costume, além de vestir, é também um conjunto de informações que orientam costumes e comportamentos, que variam no tempo e na sociedade. Inclui, além de roupas e adornos, música, literatura, arquitetura, hábitos, enfim, tudo o que pode mudar com tempo e que, a cada época, é ditado por determinada tendência.

Através de uma análise histórica, vemos

a importância que o vestuário assumiu ao longo dos tempos, visto que os fatos históricos refletem o modo de vestir das pessoas. Pobreza, riqueza, religião, guerras, culturas, ciclos vividos pelo homem influenciam a indumentária (história evolutiva do vestuário) e a modifica com o passar dos anos através de sua real situação. Moda é um processo de difusão social pelo qual um novo estilo é adotado por alguns grupos de consumidores. Por outro lado, uma moda (ou estilo) refere-se a uma combinação específica de atributos (SOLOMON, 2011, p. 617). As pessoas se vestem de acordo com o meio que vivem, e de acordo com aquilo que as favorecem.

Tendo em vista tal reflexão, é possível apontar a moda como uma forma de expressão. A maneira como nos vestimos diz muito sobre nós, é um modo de identificação visual. A moda faz parte da construção da imagem do homem e de sua personalidade, estabelecendo a identidade social do indivíduo para si e para os outros através de sua roupa..

Barthes (1964) considera a moda, como vestuário, uma forma de expressão, embora de caráter visual. A moda como linguagem, é fruto de uma convenção à qual todos se submetem com o objetivo de comunicar. A moda impera em todos os meios de comunicação, nos transformamos de variadas formas para nos ajustarmos a realidade, res-

pondendo aos estímulos que nos rodeiam, nos comunicando através da moda.

A forma como as pessoas vestem-se caracteriza o que o indivíduo quer expressar através de sua imagem, como ele deseja ser percebido pelos outros, mostrando seus gostos, sua classe social, sua personalidade, o que ele realmente é. De acordo com Palomino (2002, p. 14) “moda não é só estar na moda. Moda é muito mais do que a roupa”. Vai muito além do que um pedaço de pano ou uma vestimenta, a forma como estamos vestidos nos afasta e nos aproxima de determinadas pessoas. As pessoas buscam estar de acordo com que estipulado pela sociedade e meio em que vivem, buscam estar na moda. Estar na moda significa que algum grupo de referência avalia positivamente essa combinação (SOLOMON, 2002, p. 617). Embora a moda seja uma forma de expressão pessoal do indivíduo, também funciona como uma simulação, nem sempre o que vestimos faz parte da nossa real personalidade, através dos ditames da sociedade, as pessoas são induzidas a seguir um determinado padrão estipulado pelo mercado de consumo. Conforme Lipovetsky,

*(...) o excesso estético e a gratuidade fantasiosa tornaram-se componentes da moda e uma virtualidade do indivíduo liberto da ordem tradicional do vestuário. O mimetismo da moda não contradiz o individualismo; acolhe-o sob duas grandes formas, visivelmente opostas, mas que*



*admitem sutis graus intermediários e heterogêneos: de um lado, o individualismo apagado da maioria; do outro, o individualismo exibido da extravagância mundana”.*

*(LIPOVETSKY,1989).*

O homem é capaz de se adaptar a realidade por meio dos elementos que compõem o mundo. A identidade é criada, com múltiplas possibilidades, de acordo com reflexos da vida social, a forma como os indivíduos criam seu estilo de vida, a moda esta incluída. Tanto o consumo, quanto o consumismo fazem parte da construção de uma identidade, ambos caracterizam o “eu” de um homem. Através da moda construímos uma imagem perante a nós mesmos e a sociedade. A roupa que vestimos pode dizer muito sobre quem somos, onde frequentamos e com quem nos relacionamos. Mas como diz o ditado, “nem tudo que reluz é ouro”. A indústria da moda leva muitas pessoas a se confundirem, e assim, se vestirem de forma como o meio que elas vivem prega ser a tendência do momento, com isso, fazendo que muitas pessoas percam sua identidade, ou a camuflam, através de roupas que não fazem parte da sua real personalidade.

## O papel do Marketing nesse cenário

É necessária a apropriação do marketing nesta abordagem, pois é uma ferramenta muito importante e poderosa. Antes de entendermos o que é marketing verde é necessário saber o que é o marketing em si. Marketing é um processo de troca que envolve pessoas, bens, e serviços, que tem como objetivo alcançar e satisfazer seus clientes e consumidores, buscando conhecer o que as pessoas querem e precisam e, com base nisso, oferecer os meios para atendê-las e gerar valor. De acordo com Kotler (1994) “marketing é um processo social e gerencial pelo qual indivíduos e grupos obtêm o que necessitam e desejam através da criação, oferta e troca de produtos de valor com outros”. Demonstra-se, assim, sua relevância, ao apresentar ferramentas para estruturar o processo de busca de informações confiáveis que permitam sua utilização no planejamento de marketing, desenvolvendo ofertas de produtos (bens e serviços) de acordo com a demanda do mercado. Segundo Dahlstrom (2011) o marketing é uma função organizacional com um conjunto de atividades que visam favorecer o intercâmbio de bens e serviços, entre pessoas. Reconhecendo que o marketing é uma orientação filosófica, para a prática em negociações e orientações que visam à

satisfação e o valor de seus clientes.

O marketing é a ponte que liga as empresas a seu público, criando mercados para suprir os desejos e as necessidades de seus consumidores. As empresas se utilizam dessa ferramenta, para atender de maneira plena as expectativas de valor do mercado e ter a máxima rentabilidade de seus investimentos, e é aí, que geralmente surgem os problemas, onde o marketing se torna uma ferramenta que não só visa à satisfação do consumidor, mas sim, a satisfação e o lucro total de uma empresa.

Já quando se fala em marketing verde, chegamos a campo de estudo que investiga os aspectos positivos e negativos de acordo com atitudes empresariais, tendo como intenção satisfazer as necessidades dos consumidores com atividades que tenham menos impacto ambiental possível. Com a evolução do marketing e as agravações dos problemas ambientais causados pelas organizações empresarias e seu impacto aos seus consumidores, foram criadas e adotaram-se as definições de marketing verde. Dahlstrom (2011, p.5) “define o marketing verde como o desenvolvimento e a comercialização de produtos destinados a minimizar os efeitos negativos sobre o meio ambiente”. O marketing verde cria um acordo entre as empresas e os consumidores, induzindo ambas as partes a agirem de forma ambientalmente correta, criando

e tentando manter um espírito ecologicamente responsável dentro de cada um. Os consumidores hoje tem uma visão diferente daquela de anos atrás, onde o consumo exacerbado e inconsciente prevalecia. As pessoas hoje têm e buscam informações sobre as empresas e seus produtos, tendo consciência de que suas escolhas influenciam no meio ambiente, e com isso, buscam tomar decisões ecológicas, comprando e se utilizando de empresas, produtos e serviços que sejam amigos do meio ambiente. Para Dahlstrom (2011),

*O marketing verde tem influência positiva sobre vários participantes da economia. O meio ambiente, as economias em desenvolvimento, os consumidores, a estratégia corporativa, o produto, os processos de produção e a cadeia de suprimentos são beneficiados com o marketing verde*

*(DAHLSTROM,2011,p.8).*

Dahlstrom acredita que o marketing verde é uma ferramenta de grande influência, que visa o bem de todos, através de benefícios ambientais, pois, se o planeta vai bem, todos que nele habitam também. O marketing verde tem ajudado na redução dos impactos ambientais, fazendo o consumidor reconhecer que é importante incorporar a preocupação ambiental ao seu caráter e as suas práticas diárias, dentre elas, a escolha de um serviço ou produto. O consumidor



hoje tem consciência de que suas atitudes praticadas dentro da política de um marketing verde trazem resultados positivos não só ao meio ambiente, mas também, a si próprio, como consumidor. E sentem-se importantes, quando se beneficiam do conhecimento e da conscientização de que estão agindo de forma correta e fazendo sua parte na recuperação do nosso planeta, sendo estes a favor de empresas que priorizam a redução da poluição e em vez do aumento de rentabilidade. Os consumidores valorizam a oportunidade de participarem, de estarem associados a empresas e a produtos ecologicamente corretos.

## Sociedade, indústria e consumo

A construção das identidades hoje, com suas inúmeras possibilidades, que decorrem de reflexões da vida e do meio e social, passa pela forma como os indivíduos criam os seus estilos de vida, e a moda a isto esta incluída. Neste contexto de mutações da identidade, cada vez mais provisória e em construção, onde o consumo aparece como uma das formas possíveis de expressão. A decisão de compra é pautada pelo estilo de vida. A partir desse ponto, os grupos de influencia são um importante fator, responsável pela aquisição de novos estilos, modismos e hábitos de consumo pela sociedade. Segundo

Garcia & Miranda (2005), esses grupos podem agir sobre o indivíduo expondo-o a novos comportamentos e estilos de vida, que geram atitudes pessoais e de auto-estima pelo desejo de “pertencer” ao grupo, família, amigos, grupos religiosos, comerciais e, por fim, fazem pressões que afetam a escolha de produtos e marcas. Esse relacionamento do grupo e a forma de influência é comum a todo tipo de consumo. Mas, no caso da moda, existe um grupo de referência maior, composto por estilistas, formadores de opinião e algumas celebridades. Essas pessoas são as responsáveis pela introdução de novidades no mundo da moda, e acabam sendo as responsáveis pela aquisição de novos modismos por parte da sociedade. Existem também determinados grupos que, por se vestirem de forma parecida e possuem gostos e comportamentos parecidos, que são grupos caracterizados por ostentarem, além de uma forma específica de indumentária, gostos e ideias em comum. A influência dessas pessoas, muitas vezes, ultrapassa os limites do grupo e sua moda é copiada por pessoas não adeptas desse estilo de vida. O lançamento desse modismo, desse comportamento adotado é pregado pelas grandes marcas, e a população consome o que este grupo dita por certo período, até que esse grupo indique um novo modismo a se seguir.

Além dos grupos de influência, nos quais a convivência é real e faz parte do cotidiano

das pessoas, existem também os grupos de aspiração, ou seja, aqueles aos quais elas gostariam de pertencer. Nesse caso, o indivíduo se esforça, no ato da compra, a consumir produtos que não correspondem à sua realidade, mas que o identificam com o grupo com o qual ele deseja pertencer. Na tentativa de interagir com esse grupo, a pessoa se submete ao uso de produtos cujos simbolismos constroem e comunicam significados. Dessa forma, conclui-se que os produtos de moda sofrem alta influência dos grupos de referência.

A publicidade é outro fator determinante na venda e no consumo de moda. As marcas investem fortemente em campanhas milionárias e na contratação de top models<sup>1</sup> e artistas do momento na tentativa de vender seus produtos. Fazer a ligação da marca com ícones da moda, do cinema, da música ou da TV é uma estratégia que gera resultados, na maioria das vezes, positivos. Mas, além de estampar personalidades capazes de influenciar o consumidor, a publicidade de moda precisa, investir em um ideal que tenha a cara da marca. A criação de ícones mundiais pela publicidade, com a valorização da imagem e do corpo, da vestimenta, do produto em si, tornando os produtos de influência. Marcas unificadas e estabelecidas no imaginário coletivo do seu público-alvo, tornando-o não só receptivo ao produto, mas fazendo com que o univer-

so simbólico que a marca representa seja absorvido e incorporado por este público como a sua representação icônica.

Com o surgimento de novas tecnologias, televisão, rádio, internet, capazes de fazer com que meios de comunicação atingissem um público maior, criou-se o termo comunicação de massa que vem acompanhado do conceito de indústria cultural. O primeiro tem significado literal, já o segundo quer dizer: a produção de bens de consumo simbólicos que são favorecidos pelo interesse da mídia através dos grandes veículos.

Assim, a massificação das peças, só aconteceu com a inserção de *merchandising* na Rede Globo. A partir de então, as marcas investiram nesse tipo de publicidade, de olho no público garantido das novelas. Dessa forma, a “moda” que conhecemos hoje, através da comunicação de massa, vende costumes pré-fabricados que acabam por se tornar necessidade de todos, ou seja, a indústria cultural, para definir a conversão da cultura em mercadoria, especula sobre o estado de consciência e inconsciência de milhões de pessoas, fazendo das massas mero elemento de cálculo e, abusa da consideração com relação às massas. Segundo Solomon (2011):

*Um subproduto de sofisticadas estratégias de marketing é o movimento em direção a uma cultura global de consumidores, em que pessoas do*

<sup>1</sup>Super modelo: é o nome utilizado para designar as modelos mais requisitadas do mundo da moda



*mundo inteiro encontram-se unidas por sua devoção comum a produtos de uma marca, astros de cinema, celebridades e atividades de lazer”.*

*(SOLOMON, 2011, p.44)*

No entanto, em nossos dias, a autonomia pessoal na indumentária tem de ser levada em conta e por mais que sigamos uma maré de tendências estabelecidas a cada estação, nos vestimos cada vez mais para nós mesmos, em função de nossos próprios gostos, apenas de acordo com a tendência que nos agrada transformando, sutilmente, as imposições da indústria cultural que não está ausente a esta mudança. O imperativo industrial da constante renovação se encarna agora numa política de produtos coerente e sistemática, da diversificação e desmassificação da produção. Hoje, a moda não segue um único padrão e oferece, através de um amplo leque de modelos e versões, infinitas escolhas.

Longe de ser equivalente a uniformização dos comportamentos, dos usos, dos gostos, a indústria da moda caminha ao lado da personalização dos indivíduos e hoje, características variadas são copiadas num universo de milhares de pessoas, combinando elementos que acentuarão por fim nossa personalidade. Mas, a inquietude da comunicação em nossa sociedade fez com a solidão se torne um sentimento em massa, importando, apenas, unir esforços para o

estudo das causas técnicas, científicas, econômicas e sociais que aceleram a evolução do mundo moderno, e para a previsão de situações que poderiam derivar das influências conjugadas. Pois não é ao redor do homem, mas nele mesmo que se impõem as situações decisivas.

Não adianta separar a moda com uma efemeridade e partir para assuntos que saboreiem o intelecto mais profundo, estamos absortos na forma moda, pois o efêmero também, faz parte de nossa essência, num mundo de fantasias onde a realidade se confunde, se perde e é seduzida por um homem “antenado”<sup>2</sup>, moderno e sozinho (MENDONÇA, 2002, 78).

## Consumo versus Consumismo

Além de tudo, torna-se necessário, ainda, refletir a respeito do consumo e consumismo. Embora, segundo um senso comum, os conceitos possam ser confundidos, as duas palavras têm a mesma raiz, mas significados adversos, como também, implicações e motivações diferentes na vida dos indivíduos. Consumo é a aquisição de bens, produtos, para satisfazer necessidades reais, ou seja, consumo de água e alimentos para podermos sobreviver. O uso de roupas também é uma necessidade real, pois além de ser uma

imposição social da vida em comunidade, há a proteção do corpo humano aos fatores climáticos: calor, frio, chuva, neve. Outros produtos e serviços, também, são primordiais para a sobrevivência do homem: transporte, energia elétrica, educação. É a finalização do processo produtivo: produção, distribuição, comercialização, consumo. Consumismo significa o ato ou hábito, de adquirir produtos sem que haja real necessidade, muitas vezes de forma compulsiva, ou seja, o produto adquirido não tem utilidade imediata, supérfluo e, o ato de comprar, na verdade não satisfaz necessidade alguma.

*“Embora a maioria das pessoas relacione vício a drogas, os consumidores podem usar praticamente qualquer produto ou serviço para aliviar (ao menos temporariamente) alguma necessidade ao ponto de a confiança nele tornar-se extrema”*

*(SOLOMON, 2011, p.60)*

Assim, podemos dizer que o consumismo está ligado diretamente à forma de consumo, ao desejo e não necessidade. Em nossos dias, o que vemos é o ser humano refém do consumismo. Antes do evento da Revolução Industrial a relação do homem com o consumo era bem mais tímida, mas, a partir desse momento histórico, houve uma evolução na produção e um maior volume na circulação de bens. Novos processos de produção foram criados e implantados, o que gerou um

grande distanciamento do indivíduo e seu conhecimento relativos a esses processos, ou seja, as pessoas não sabem como os produtos são fabricados, distribuídos, importados ou exportados. A industrialização gerou o desenvolvimento econômico, produtos são fabricados cada vez com mais rapidez e, uma nova cultura de consumo se instalou na sociedade. As pessoas hoje necessitam “ter” para “ser”, e para isso é preciso comprar mais.

Dessa forma, o sistema econômico capitalista se utiliza para o consumo desenfreado e as pessoas são impulsionadas a gastar em excesso, na crença de serem melhores aceitas no meio social, o desejo ultrapassa a necessidade, e nesse contexto, aparece à publicidade estimulando o consumo, convencendo o indivíduo que através da aquisição de bens, serão mais felizes.

Dentro desse conceito do “ter” para “ser”, a moda tem papel fundamental. Você é o que veste, sua roupa diz quem você é ou a forma como quer ser percebido pelo outro, demonstra seus gostos, sua classe social. A moda, embora seja uma forma de expressão de uma personalidade, de expressão individual, também funciona como simulacro sendo submetida aos ditames da sociedade e às imposições do mercado de consumo. Barthes (1964) considera a moda um dos objetos de reflexão da Semiologia e, segundo ele, todo sistema de signos é mediado

<sup>2</sup>Uma pessoa ligada, atualizada, por dentro de todos os acontecimentos da vida. Prá frente, atuante, inteligente, dinâmica. <http://www.dicionarioinformal.com.br/>.

pela linguagem que abrange o exame de linguagens verbais e não-verbais. Nesta “sociedade de consumo”, a mídia lança mão de propagandas e estratégias de marketing que ditam padrões de comportamento e influenciam o consumidor a aderir aos “modismos” e ao consumismo desenfreado, sem a menor preocupação com o descarte daquilo que não interessa mais e com as consequentes agressões ao ecossistema.

O aumento da produção demanda maior uso de matéria-prima e consequente escassez da mesma com degradação ao meio ambiente, com prejuízos ao sistema econômico. Tais fatores deram luz a novos pensamentos de um consumo consciente.

## Metodologia

O presente estudo tem como objetivo a área de moda, do marketing e o desenvolvimento sustentável. Por isso, trata-se de uma pesquisa exploratória, através de pesquisa em livros, revistas e sites. O estudo foi apresentado em 4 (quatro) etapas:

- 1) Conceito do que é moda e sua representatividade na sociedade;
- 2) Conceito do que é marketing e a evolução do segmento verde desenvolvendo a responsabilidade social;
- 3) Apresentar a moda como linguagem, a sua relação com os meios de comunicação e

a sociedade, refletidos na sua indústria e os novos padrões de consumo;

4) Formalização de um relato de experiência.

Tendo sido atendidas as 3 (três) primeiras etapas, o estudo prossegue, então, com a etapa de número 4 (quatro), com a realização de uma experiência proposta em sala de aula tendo em vista as reflexões teóricas que são propostas.

## Abrindo a porta da sustentabilidade: customização

Roupas, sapatos, acessórios. A cada temporada, novas tendências a serem seguidas: tecidos com novas texturas, cores e estamparias mais atuais, couro, lona, o clássico, o esportivo. Nessa roda viva, o descarte é a ordem a ser seguida a cada estação. Nesse contexto, a moda não é nada sustentável, indutora do consumismo e do desperdício. Será?

Uma jovem “antenada” nos estilos e tendências do vestir-se bem, mas, consciente do futuro do planeta e com o pensamento voltado para sustentabilidade, tem aí um contraponto. Para obedecer à ditadura da moda, segui-la como se deve, demanda recursos financeiros e a perda de nossa liberdade. Poucos tem como gastar além do que podem para se enquadrar nessa realidade

e se sentir melhor. Então, a necessidade dá asas à criatividade e a customização torna-se uma opção. Palomino (2002) explica que:

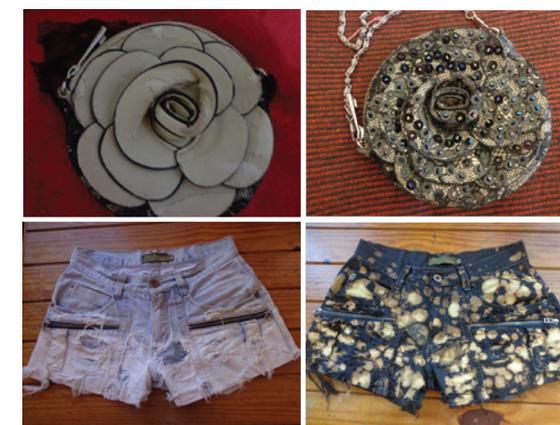
*O processo apareceu como reação à entediante logomania de fins da década de 90, quando tudo o que importava precisava vir com marca de grife. Alguém chamou isso de moda de duty free, já que o nome da maison devia estar em letras garrafais, como nas peças à venda nessas lojinhas de aeroporto. Naquele momento, vivia-se a glorificação do status e de uma moda calcada em ícones da riqueza.*

(PALOMINO, 2002, p.49)

Mas, o que é customização? Do inglês *customization*, é empregada no sentido de personalização, adaptação, adequação. Ou seja, é adaptar ou adequar algo de acordo com o gosto ou necessidade de alguém, alterando de forma que sirva melhor, transformando uma peça ou objeto deixando-a nova e única. Assim, quando customizamos estamos reaproveitando materiais, evitando assim que eles sejam jogados fora, além de ser muito mais barato dar uma nova roupagem à uma peça do que comprar outra. Palomino (2002, p.49) argumenta que: “Em rigor, a palavra “customização” nem existe em português. Vem da expressão inglesa *custom made*, que significa “feito sob medida”. O verbo *to customize* é “fazer ou mudar alguma coisa de acordo com as necessidades do comprador”.

## Relato de Experiência

Dentro desses parâmetros, há algum tempo, uma experiência de vida, advinda da necessidade e gosto próprio, levou-me ao mundo da customização. Iniciei criando peças pessoais, transformando peças “démódé”<sup>3</sup>, inutilizadas e descartadas, em atuais, reciclando e reutilizando peças próprias, peças de familiares, peças que trocava com as amigas, peças compradas em brechós, e tudo mais que via a oportunidade e me vinha a criatividade para customizar. Meu estilo tornou-se apreciado por amigos e por conhecidos que se agradaram da ideia, e com isso, passaram a solicitar o meu trabalho em suas roupas.



<sup>3</sup>Palavra de origem francesa, muito usada no mundo da moda e quer dizer: algo antigo, velho, fora de moda que não se usa mais.

Figura 01: Bolsa e short customizados por Brenda Giovana Brum  
Fonte: Acervo pessoal

A partir disso, a customização se tornou algo muito presente na minha vida, não

apenas como um hobby ou uma forma de trabalho, mas também, como uma forma de pensar e agir, exercitar minha criatividade de forma ainda mais consciente, de caráter ético e responsável, com uma constante busca pelo ecologicamente correto.

A customização é uma atividade que molda o caráter de uma pessoa e se tornou uma atividade tão presente no meu dia a dia, que também fez parte de minhas atividades na faculdade. Em criação de um projeto acadêmico em parceria com um colega de classe, Fábio Werneck, apresentado na disciplina de Gestão de Mídias Sociais ministrada pela professora Daniella Costantini (Faculdade Redentor – Campos (RJ)), nasceu o “Era Uma Vez Brechó”. Neste projeto, iniciado no mês de maio de 2014, foram utilizadas peças de segunda mão que foram reaproveitadas e customizadas; passaram por processos de lavagens, tingimentos, cortes; e novas modelagens. Criamos uma identidade, um slogan para a marca e promovemos essa ideia através de canais de divulgação online, nos utilizando de mídias sociais, como Blog, fanpage no Facebook e no Twitter.

O maior objetivo desta iniciativa, além de promover uma solução de reaproveitamento, é mostrar como tais possibilidades são bastante tangíveis em nosso cotidiano, de modo que qualquer pessoa poderia adotar tal solução para si, sem maiores dificuldades, reduzindo, assim, o desperdício, e novos

investimentos em mais roupas.

Espera-se, ainda, que tais ideais possam inspirar e ser adotados por todos os públicos possíveis, numa movimentação de criatividade, sustentabilidade e consciência. É certo que o planeta agradece.



**Figura 02:** Projeto de identidade da marca “Era Uma Vez Brechó” criado para projeto acadêmico da disciplina Gestão de Mídias Sociais da professora Daniella Costantini: etiquetas, Blog, página no Facebook, Twitter.



**Figura 03:** Customização de calças jeans transformadas em shorts com técnicas de tingimento, bordado, colagem.  
**Fonte:** Acervo próprio

A preservação ambiental, não é mais uma luta apenas para ambientalistas e ecologistas, mas para todos os seres humanos. Embora tenham ocorrido diversas iniciativas na última década, o cenário atual está chegando a um ponto crítico. Se não forem intensificadas as ações para promover a preservação ambiental, a vida no planeta Terra estará cada vez mais comprometida, as gerações futuras estarão com seus dias contados.

O antropocentrismo deve dar lugar ao

biocentrismo, onde se valoriza todas as formas de vida do planeta Terra, considerando que cada vida tem um valor importante, portanto deve ser respeitada pelos humanos.

O produto do vestuário de moda exerce forte influência sobre as pessoas. Assim, propor produtos desenvolvidos com um apelo ecológico é um meio de estimular e consolidar o desenvolvimento sustentável e o consumo consciente. O marketing é peça fundamental na venda e na propagação de qualquer produto ou serviço, e com isso, através da situação que vivemos devemos nos utilizar não só mais, de um marketing comum, mas sim, nos engajarmos cada vez mais, na utilização de um marketing verde. Se as pessoas são o que vestem, então que, sejam vestidas de forma conscientemente sustentável.

## REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. *Imagem e Moda*. Trad. Ivone Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- *Elementos de Semiologia*. Trad. Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1964
- COBRA, Marcos. *Marketing e Moda*. Senac Editora, 2007.
- DICIONÁRIO Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Mirador Internacional, 1980.
- GARCIA, Carol. MIRANDA, Ana Paula. *Moda é Comunicação*. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2005

LIPOVETSKY, G. *O império do efêmero*: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo, Cia das Letras, 1989.

PALOMINO, Érika. *A moda*. São Paulo: Publifolha, 2002.

SOLOMON, Michael R. *O Comportamento do Consumidor*: comprando, possuindo e sendo. Tradução: Luís Claudio de Queiroz Faria. Porto Alegre. Bookman, 2011.

SOUZA, Adriana Gomes. *Responsabilidade Social Empresarial*: Ética ou marketing? Rio de Janeiro. Symergia, 2011.

VENTURA, Magda Maria. *O estudo de caso como modalidade de pesquisa*. Revista SOCERJ, 2007, ed. Setembro-outubro.



# Desafios e Possibilidades da Atuação do Orientador Educacional na Prática Educativa

*Challenges and Possibilities of Guidance Counselor in Educational Practice*

Erica Costantini das Chagas Ribeiro Pacheco<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Mestre em Políticas Sociais  
– Universidade Estadual do  
Norte Fluminense  
ecostantini@gmail.com

## RESUMO

Este artigo tem como objetivo discutir a importância do Orientador Educacional no trabalho pedagógico da escola e os desafios encontrados por ele em sua atuação na prática educativa, assim como suas possibilidades de trabalho junto à escola rumo a promoção de uma educação de qualidade. Pensando na grande importância da Orientação Educacional no contexto educativo, este trabalho contribui para uma compreensão mais abrangente da atuação deste profissional hoje.

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa e apresentado um relato de experiência no qual buscou-se compartilhar e discutir as possibilidades de ação do Orientador Educacional, numa perspectiva integradora.

Pode-se concluir que apesar do conhecimento restrito acerca das suas funções e sua não obrigatoriedade nas escolas perante a lei, o Orientador Educacional tem muito a contribuir para uma educação de qualidade.

**Palavras-chave:** Orientação Educacional. Prática Educativa. Desafios. Possibilidades.

## ABSTRACT

This article aims to discuss the importance of Guidance Counselor in the educational work of the school and the challenges encountered by him in his work in educational practice, as well as their employment opportunities by the school towards the promotion of quality education. Thinking about the great importance of Educational Guidance in the educational context, this work contributes to a more comprehensive understanding of the performance of this professional today.

A literature search of qualitative approach was performed and presented an experience report in which we sought to share and discuss the Guidance Counselor action possibilities, an integrative perspective.

It can be concluded that despite the limited knowledge about their functions and not compulsory in schools before the law, the Guidance Counselor has much to contribute to quality education.

**Keywords:** Educational Guidance. Educational Practice. Challenges. Possibilities.

## Introdução

Muito tem se discutido na literatura sobre a gestão na educação como um conceito amplo, superando o enfoque tradicional da administração, com foco em uma gestão democrática e que contribua com a melhoria da qualidade do ensino.

Quando pensa-se em gestão, inicialmente faz-se referência à figura do gestor/diretor, contudo é importante ressaltar que o gestor faz parte de uma equipe gestora que o auxilia na função de efetivar a aprendizagem significativa dos alunos. Logo, os profissionais que compõem a equipe gestora são: o diretor, o coordenador pedagógico, o orientador educacional e o supervisor de ensino.

A ação desta equipe deve ser integrada e integradora. Deve pautar-se por atitudes, direções e objetivos comuns que estabelecerá a coerência interna necessária para se garantir a unidade preconizada. (LUCK, 2002).

Para isso, o trabalho da equipe gestora se intensifica no que diz respeito não só a aprendizagem na sala de aula, mas ao trabalho da escola como um todo, suas relações e atitudes com a comunidade e problemas educacionais, sociais, econômicos e culturais. Ou seja, a escola educa em seu comportamento perante às demandas da sociedade.

A escola deve estar apta a acompanhar as mudanças socioeconômicas e culturais

da sociedade brasileira. Este é o desafio da gestão da escola e da atuação dos profissionais que a promovem. Pensando nisso, neste trabalho faremos referência a um destes diversos profissionais que fazem parte desta equipe da escola: o Orientador Educacional.

Tem-se tornado cada vez mais necessária e importante a Orientação Educacional nas escolas, sendo esta uma função complementar ao processo de ensino-aprendizagem, de natureza não docente, técnica e pedagógica que exercida no ambiente escolar, tem objetivo auxiliar o processo de educação dos alunos. (GIACAGLIA; PENTEADO, 2010).

Este trabalho justifica-se pela necessidade de estudos que tenham o interesse de conhecer e refletir sobre o trabalho pedagógico da escola, seus elementos e profissionais que nela atuam. Pensando na grande importância da Orientação Educacional no contexto educativo, este trabalho poderá contribuir para uma compreensão mais abrangente da atuação deste profissional hoje.

O objetivo do trabalho é discutir a importância do Orientador Educacional no trabalho pedagógico da escola e os desafios encontrados em sua atuação na prática educativa, assim como suas possibilidades de trabalho junto à escola rumo a promoção de uma educação de qualidade.

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica

de abordagem qualitativa e apresentado um relato de experiência no qual busca-se compartilhar e discutir as possibilidades de ação do Orientador Educacional.

## Breve Caracterização da Orientação Educacional

A Orientação Educacional no Brasil, percorreu um longo caminho comprometido com a educação e se apresentou de diversas formas de acordo com a política vigente. Assim como a educação acompanha a sociedade da época a que pertence, o processo de Orientação Educacional tem estreita relação com o seu tempo e com as tendências pedagógicas vigentes. (GRINSPUN, 2003).

O caráter da Orientação Educacional no Brasil hoje se amplia e se preocupa com a formação consciente do aluno, pois:

*(...) o cerne da questão não é mais o ajustamento do aluno à escola, família ou sociedade, e sim a formação do cidadão para uma formação mais consciente no mundo em que vive. A orientação, hoje, está mobilizada com outros fatores que não unicamente cuidar e ajudar os alunos com problemas.*

*(ibid, 2003, p.13).*

É importante destacar com essa fala que o Orientador Educacional não está isento de trabalhar com alunos e famílias com proble-

mas, com ações de prevenção e orientação, mas se insere um caráter pedagógico de formação para a cidadania participativa e consciente das responsabilidades e papel do mundo em que vivemos. Possui um caráter mediador junto aos demais educadores, atuando com todos os protagonistas da escola.

Enquanto objeto de estudos, a Orientação Educacional teve uma curta existência histórica. Sendo assim, não há uma definição permanente e consensual sobre ela. Entretanto, pode-se dizer que se trata de uma orientação de caráter educacional. (GIACAGLIA; PENTEADO, 2010).

Certamente, esta ideia não traduz a magnitude deste profissão e a sua contribuição para o desenvolvimento dos alunos e da educação como um todo.

Penteado (1976), define a Orientação Educacional como um:

*(...) processo sistemático, contínuo, complexo; é uma assistência profissional realizada através de métodos e técnicas pedagógicas e psicológicas, que levam o educando ao conhecimento de suas características pessoais e das características do ambiente sociocultural, a fim de que possam tomar decisões apropriadas às perspectivas maiores de seu desenvolvimento pessoal e social.*

*(apud GIACAGLIA; PENTEADO, 2010).*

A partir das necessidades do desenvolvimento integral do aluno: física, intelectual, social, emocional, moral, vocacional e profissional, percebeu-se a necessidade de um profissional que não só atendesse, mas orientasse os alunos. A escola não atua somente na transmissão do saber científico, mas também no desenvolvimento social e cultural de seus educandos. Nesta perspectiva, o papel do Orientador Educacional é orientar o aluno no conhecimento pessoal e do ambiente sociocultural onde está inserido, a fim de que este tome decisões acertadas e reflexivas mediante ao seu desenvolvimento pessoal e social. (OLIVEIRA et.al, 2011).

Esse ambiente sociocultural em que o aluno está inserido extrapola o espaço escolar, e caminha rumo a comunidade.

Villon (2008) diz que o trabalho do Orientador Educacional na atualidade deve ser o de favorecer a aproximação entre a escola e a comunidade, desvelando os papéis e a influência que diversas instituições, tais como clubes, indústrias, comércios locais, associações, clubes, etc. exercem na comunidade. Preconiza a liberdade de extrapolar o espaço escolar indo rumo à comunidade escolar. A autora evidencia, desta forma, que o campo de atuação do Orientador Educacional não se limita à microestrutura escolar. (apud SPRICIGO, 2012, p.188).

Com isso, é possível apontar que a Orien-

tação Educacional se faz necessária na escola, como mediação entre o aluno e o meio social, promovendo a ligação família e escola.

## O Trabalho Coletivo do Orientador Educacional na Escola

Segundo Vagula (2014), o perfil atual contempla um profissional que valoriza o trabalho coletivo, agrupando os alunos, professores, pais, funcionários, toda a comunidade escolar e que baseia seu trabalho em postulados filosóficos e teóricos recentes:

*Com a intenção de desvelar a complexidade do mundo atual, necessita ter a consciência das relações que pretende desenvolver com a finalidade de levar o coletivo a compreendê-la. Para isso, deve considerar que toda prática pedagógica expressa uma concepção filosófica, sociedade e de mundo. Para compreendermos sua atuação nas escolas, vamos acompanhar também um pouco do seu percurso ao longo da história.*

(*ibid*, p.2)

O Orientador Educacional, além de orientar os alunos, planeja, coordena e implementa ações na escola e comunidade.

O Serviço de Orientação Educacional – SOE é um serviço do qual os orientadores educacionais são considerados titulares

e principais responsáveis e o local onde se concentram e organizam as atividades nos estabelecimentos escolares, bem como os seus pertences (GIACAGLIA; PENTEADO, 2010).

## Acompanhamento ao Aluno e ao Professor

Toda a atenção da escola deve estar voltada para o aluno. A escola existe por ele e para ele. Para Luck (2002), a sua organização deve levar em consideração o fim a que a escola se destina:

*(...) a criação de condições e de situações favoráveis ao bem-estar emocional do educando, e o seu desenvolvimento em todos os sentidos: cognitivo, psicomotor e afetivo, a fim de que o mesmo adquira habilidades, conhecimentos e atitudes que lhe permitam fazer face às necessidades vitais e existenciais. (p.63)*

Tendo dito isto, é importante a reflexão de que o aluno quando chega a escola traz consigo um emaranhado de questões emocionais, culturais, psicológicas, comportamentais e biológicas. Todavia, ele não chega sozinho. Ele traz consigo sua família e histórias de vida. Nesta complexidade, podemos afirmar que é um ser em formação e necessita de um olhar multidisciplinar.

No processo de promoção de condições

para o atendimento eficaz do aluno, o professor é de suma importância. (LUCK, 2002) As atitudes, práticas e desempenhos dele promovem um impacto significativo no educando, influenciando na imagem que os educandos formam da escola, do processo educativo e da imagem de si mesmos.

Junto aos professores, o Orientador Educacional deve buscar a efetivação do projeto político pedagógico da escola, discutir suas práticas avaliativas, evasão, repetência, recursos físicos e materiais, metodologias empregadas e todo tipo de questões técnico-pedagógicas da escola (GRINSPUN, 2006).

Logo, cabe ao orientador educacional, em sua prática educativa com os professores, assessorá-los no acompanhamento e compreensão de sua turma, encaminhando e avaliando as relações entre os alunos e a escola, bem como buscar uma ação integrada com a coordenação pedagógica e os professores, obtendo a melhoria do rendimento escolar, por meio de bons hábitos de estudo. (LONGO; PEREIRA, 2011)

## O Trabalho com os Pais e/ou Responsáveis e Comunidade

Em um cenário onde a educação integral predomina, e os alunos passam um grande número de horas na escola, tem ficado a car-

go da escola o ensino de disciplina e valores, e não somente a transmissão dos conhecimentos, como tradicionalmente ocorria.

Giacaglia e Penteado (2010), apontam que, no que se refere a família – a primeira e principal instituição educativa – o despreparo dos pais e a crescente necessidade da mulher se ausentar de casa para o trabalho, tem contribuído para que os responsáveis tenham menos condição e disponibilidade para a orientação das crianças e adolescentes.

O Orientador Educacional é o profissional encarregado da articulação entre escola e família. Assim, cabe a ele a tarefa de contribuir para a aproximação entre as duas, planejando momentos culturais em que a família possa estar presente, junto com seus filhos, na escola. Cabe também ao orientador educacional a tarefa de servir de elo entre a situação escolar do aluno e a família, sempre visando a contribuir para que o aluno possa aprender significativamente (PASCOAL, et. al., 2008 apud VAGULA, 2014).

### Junto a Direção e Demais Funcionários

Trabalhando junto aos funcionários da escola, o orientador deve colaborar na valorização das tarefas dos funcionários e todos os segmentos da escola, procurando traba-

lhar a autoestima, a identidade profissional e suas atribuições para o bom funcionamento da escola. Para construirmos uma escola de qualidade, precisamos de um projeto coletivo, que tenha a participação de todos e contar com o a equipe pedagógica enquanto líderes desse processo. (GRINSPUN, 2006).

## Desafios e Possibilidades

### Desafios na Atuação Profissional

Todos as profissões enfrentam desafios frente a sua atuação. No trabalho de gestão de pessoas estes desafios podem se intensificar devido a diversos fatores que são subjetivos e em certos casos invisíveis.

De uma forma ampla, pode-se iniciar citando a necessidade de uma gestão eficaz: aqui me refiro a figura do diretor que tem plena ciência de sua importância enquanto àquele que lidera, motiva, comunica e instrui pessoas sobre como desempenhar as atividades para atingir os objetivos. Quando isto não ocorre, grande parte do processo se compromete, pois a liderança não está atingindo o esperado.

Luck (2002) aponta a escola como uma organização sistêmica aberta, em um conjunto de elementos (pessoas, estrutura de relacionamento, ambiente físico, etc.) que

interagem e se influenciam mutuamente. Qualquer mudança destes elementos produz mudanças nos outros elementos. Vale ressaltar que podem ser mudanças positivas e negativas, sendo muitas vezes inconscientes:

*A interinfluência será tanto mais forte quanto maior proximidade e relacionamento tiverem os elementos. Essa interinfluência ocorre, quer tenhamos consciência dela ou não; e o entendimento de como ela funciona na escola, é sobremaneira importante, a fim de que esta possa exercer equilibradamente sua função educativa. (p.10).*

É importante destacar que o clima emocional do trabalho, o estabelecimento de prioridades de ação, assim como o tipo de relacionamento professores-professores, professores-alunos, escola-comunidade dependerão da atuação da equipe gestora.

Tecer caminhos considerando o clima escolar e a cultura da escola é um grande desafio. Mediar esta relação de influência é uma das tarefas do Orientador Educacional. Esta relação não se dá somente dentro de escola, ela ocorre com a comunidade ao seu redor, atuando na melhoria desta comunidade através da educação das crianças, adolescentes e jovens e ao mesmo tempo recebendo influência da comunidade.

Pode-se afirmar que a melhoria da escola e da educação como um todo está direta-

mente relacionada à qualidade e habilidade de seus professores. Dito isto, deve ser feita uma parceria com os professores no sentido de acompanhar o seu trabalho e oferecer o suporte necessário para um trabalho educativo de excelência.

Este trabalho de consultoria pode ser realizado não só com os professores, mas também aos pais e com as pessoas da escola que tem contato com os educandos para um melhor entendimento e atendimento das necessidades do educando nos aspectos cognitivos, psicomotores e afetivos.

Outro desafio que se impõe na atuação do Orientador Educacional, apontado por Giacaglia e Penteado (2010), é a delimitação de suas atribuições quando em ação conjunta aos outros profissionais da escola. A equipe técnico-pedagógica que trabalha na escola é formada pelos especialistas em educação que também se formaram nas diversas habilitações do curso de pedagogia, logo, se não bem administrado, pode gerar uma inversão de funções. A autora sugere que esta delimitação favorecerá a melhor compreensão dos respectivos papéis, maior facilidade na execução, controle e avaliação das tarefas, além da melhor integração entre a equipe.



## Possibilidades de Atuação da Orientação Educacional: Relato de Experiência do Trabalho Integrado Com a Comunidade Escolar

Segundo Luck (2002), a Orientação Educacional pode e deve prestar grande enriquecimento na construção de um processo educacional amplo e pleno. Esse enriquecimento não é promovido ou realizado sozinho, como já apresentado, ele se dará de forma integrada à toda equipe técnica-pedagógica da escola.

O Relato de Experiência presente neste trabalho se justifica pela possibilidade de apresentar exemplos de como o trabalho do Orientador Educacional integrado à equipe escolar pode alcançar o objetivo maior de promover o aprendizado dos alunos e interação entre família e escola, tendo como foco a parceria dos mesmos.

O projeto descrito a seguir foi realizado pelo Serviço de Orientação Educacional da Creche Municipal Professor João Rodrigues Pinto, no município de São João da Barra, estado do Rio de Janeiro, onde atuo como Orientadora Educacional há três anos.

O público atendido pelo Serviço de Orientação Educacional é de Creche – 4 meses a 3 anos e Educação Infantil – 4 a 5 anos.

O trabalho com projetos a serem realizado pelo Orientador Educacional nesta faixa

etária, pode ser orientado com base em datas comemorativas elencadas em calendário oficial do qual já conhecemos, como por exemplo - dia das mães.

A seguir foi descrito como se desenvolveu a proposta de ação do TEMA: AFETIVIDADE, com o foco no trabalho integrado.

### Projeto “Um por todos e todos por um - Afetividade”

Este projeto foi pensado pela equipe técnica da instituição – Orientadora Educacional, Pedagoga, Psicopedagoga e contou com o apoio da Direção, Assistente Social e Professores, Secretaria e funcionários de apoio – limpeza e cozinha.

O objetivo foi trabalhar valores como: amor, amizade, zelo, carinho e solidariedade. Na intenção de trabalhar estes valores, agregamos três datas importantes na comunidade em questão: o aniversário de dois anos da instituição, o Dia do Abraço e o Dia do Desafio:

- Aniversário da Creche: celebrar o aniversário de uma instituição é celebrar o trabalho dos que nela atuam. É reconhecer o esforço e elevar a autoestima da comunidade escolar. Esta ação renova os laços afetivos e as relações interpessoais;

- O Dia do Abraço é comemorado em diversas culturas e promove o incentivo às

relações afetivas entre as pessoas através do abraço;

- O Dia do Desafio também bastante comemorado tem como objetivo estimular a prática do exercício físico em todas as idades.

Inicialmente pensamos em uma forma lúdica de fazê-lo, pois o público alvo destas ações foram crianças de 4 meses a 5 anos de idade.

As atividades do projeto se iniciaram com a confecção de um boneco com braços gigantes, colocado na porta frontal da instituição, com o objetivo de abraçar a todos que passassem ou entrassem por ali.

Construímos com os alunos, um mural comemorativo de aniversário. Alguns alunos representaram suas turmas registrando suas mãos em desenhos de balões de aniversário, deixando ali a sua marca na história da instituição. Este mural trazia a seguinte frase: “Vamos abraçar a creche no dia do seu aniversário. Aqui é lugar de gente muito feliz”. Com esta ação, integramos o tema Aniversário e o Dia do Abraço.

Ainda nesta ação, recepcionamos os pais e alunos no horário da entrada das aulas e todos juntos cantamos parabéns. Uma festa foi organizada com bolo, cachorro quente e pipoca, não esquecendo também de uma homenagem a gestão da escola e seus funcionários.



**Figura 01:** Boneco gigante na porta frontal e mural comemorativo  
**Fonte:** Acervo Pessoal



**Figura 02:** Recepção dos pais e alunos pela equipe  
**Fonte:** Acervo Pessoal



**Figura 03:** Homenagem aos gestores e a todos os funcionários  
**Fonte:** Acervo Pessoal

Dando continuidade ao projeto, desenvolvemos junto aos alunos dinâmicas e atividades. Trabalhamos o livro “*Ainda bem que tudo é diferente*”, que conta a excelência de sermos diferentes uns dos outros e ainda assim nos relacionarmos bem, celebrando o amor e a amizade. Esta história foi contada para todas as turmas, incentivando o abraço coletivo entre os colegas de classe.

**Figura 04:** Contação da história  
**Fonte:** Acervo Pessoal



**Figura 05:** Abraço coletivo entre os alunos  
**Fonte:** Acervo Pessoal



Além da contação da história, outras atividades foram desenvolvidas, como desenhos com o tema amizade, como mostram os registros abaixo.



**Figura 06:** Aluno de um ano pintando uma corrente de amigos  
**Fonte:** Acervo Pessoal



**Figura 07:** Registro do que mais gosto de fazer com meus amigos – alunos de dois anos  
**Fonte:** Acervo Pessoal



**Figura 08:** Desenhando o amigo – alunos de três anos  
**Fonte:** Acervo Pessoal



**Figura 09:** Entrega dos materiais com os alunos de 4 a 5 anos  
**Fonte:** Acervo Pessoal

O trabalho que se propõe trabalhar a integração, não pode deixar de lado, a relação família e escola no processo de aprendizagem dos alunos. Promovemos assim, no Dia

do Desafio, uma Gincana Solidária, na qual arrecadamos alimentos e materiais de higiene para o Asilo São João Batista, localizado no mesmo município.

Encerrando as atividades do projeto, comemorando o Dia do Desafio, promovendo um circuito de atividades e brincadeiras.



**Figura 10:** Brincadeiras no Dia do Desafio  
**Fonte:** Acervo Pessoal

Com este projeto alcançamos resultados bastante satisfatórios. Com a execução do mesmo pudemos favorecer o fortalecimento dos vínculos entre os alunos e funcionários e promover a mobilização da comunidade dentro e fora da escola.

Junto aos alunos incentivamos e disseminamos de forma lúdica, o vínculo com a escola e demais colegas, e o sentimento de pertencimento àquela instituição.

Com os professores foi possível também criar e /ou fortalecer os laços com toda a

equipe, fortalecendo também o vínculo com a instituição. Foi reconhecido também o trabalho de cada profissional, sendo trabalhado a autoestima.

Sem o apoio da direção e entendimento da melhoria na qualidade das relações e da prática pedagógica, os objetivos não teriam sido alcançados.

## Considerações Finais

Ao longo de todo o trabalho pôde-se constatar a importância de uma gestão educativa democrática que supere as simples rotinas burocráticas.

É muito relevante a reflexão sobre a função da escola e o seu trabalho pedagógico e de todos os seus sujeitos. Através desta reflexão existe uma grande oportunidade de aprimorarmos nossas ações, tendo como ponto de partida os desafios encontrados neste processo.

Retornando ao objetivo proposto e justificativa deste trabalho, os mesmos se confirmam quando mediante os autores estudados, pudemos conhecer e refletir sobre a importância da Orientação Educacional no contexto educativo e a compreensão mais abrangente da atuação deste profissional hoje.

Viu-se que a Orientação Educacional percorreu um longo caminho de compro-

metimento com a educação e política vigente e até hoje esta relação é percebida. Conclui-se que nos dias de hoje, o Orientador Educacional está buscando a formação consciente de todos os alunos, não somente daqueles que necessitam de um atendimento especializado. Ele está preocupado com o desenvolvimento pessoal, físico, emocional, moral, profissional, vocacional, cognitivo, além de sua felicidade e bem estar.

Este trabalho aponta fortemente para o fato de que o seu trabalho não se restringe somente ao acompanhamento dos alunos. O professor é uma peça chave no processo de ensino e aprendizagem. O Orientador Educacional deve assumir o papel mediador juntos aos educadores. É necessário ainda observar que deve-se urgentemente buscar junto aos professores, a superação da ideia de que o Orientador Educacional deve voltar seu trabalho unicamente aos alunos e suas famílias. Isto gera, em alguns casos, um entrave neste relacionamento.

Neste processo de acompanhamento dos alunos e consultoria aos professores, as relações extrapolam o espaço escolar e avançam para a comunidade dentro e fora da escola, sendo necessário múltiplos olhares do Orientador Educacional.

Pode-se perceber também com este estudo que a parceria escola e família é um campo amplo de atuação do Orientador Educacional. A comunidade precisa estar

presente no planejamento e nas decisões da prática pedagógica.

Contudo, o que presencia-se hoje nas escolas é uma inversão de valores na qual a escola tem se visto obrigada a ensinar não somente os conteúdos, como também disciplina e valores. E a família não tem estado presente.

Os alunos estão cada vez mais horas no ambiente escolar, por diversos motivos. Faz-se assim, cada vez mais necessária uma escola preparada, com um equipe coesa para atender às novas necessidades impostas a ela.

Uma questão que merece ser abordada também para reflexão é o pouco conhecimento ou inexistência do Orientador Educacional nas escolas. A própria lei em vigência, não garante sua obrigatoriedade, isso faz com que em muitas escolas outro profissional exerça essa função, o que compromete este trabalho que tem atribuições tão precisas.

Conclui-se também a necessidade para além da formação, de uma personalidade que atenda aos requisitos apresentados e uma conduta ética satisfatória.

Espera-se que o Relato de experiência tenha contribuído para percepção da amplitude de ações que Orientador Educacional pode realizar.

Logo, pode-se perceber os desafios que se impõem à Orientação Educacional quando

fala-se de sua atuação e interação junto a escola e seus profissionais.

## REFERÊNCIAS

GIACAGLIA, Lia Renata Angelini; PENTEADO, Wilma Millan Alves. *Orientação Educacional na prática*. 6ª edição. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

GRINSPUN, Mirian Paura Sabrosa Zippin (org.). *Supervisão e Orientação Educacional: perspectiva de integração na escola*. São Paulo, 2003.

GRINSPUN, Mirian Paura Sabrosa Zippin. *A orientação educacional, conflitos de paradigmas e alternativas para a escola*, 3. ed. São Paulo: Cortez 2006.

LONGO, Maristela; PEREIRA, Zelandia Cecconi. O papel do orientador educacional na promoção do relacionamento interpessoal entre alunos e professores contribuindo no processo ensino aprendizagem. IN: *Revista PERSPECTIVA*, Erechim. v.35, n.132, p.183-196, dezembro/2011

LUCK, Heloísa. *Ação Integrada: Administração, Supervisão e Orientação Educacional*. Editora Vozes, 2002. 20ª edição.

OLIVEIRA, Anna Karollina de Souza Oliveira. Et.al. Gestão, coordenação e orientação educacional: trabalho integrado para o bom funcionamento da escola. IN: *Revista Pesquisa & Criação* - Volume 10, Número 1, Janeiro/Junho de 2011: 51-66

SPRICIGO, Fabrício. O ORIENTADOR EDUCACIONAL: Atuação, formação profissional e dilemas enfrentados pelo Pedagogo Escolar com o fim das habilitações em Pedagogia. IN: *Revista Linhas*. Revista do Programa de Pós-Graduação em



Educação. Florianópolis, v. 13, n. 01, p. 187 – 205,  
jan. / jun. 2012

VAGULA, Edilaine. *Orientação educacional:*  
desafios e possibilidades na práxis pedagógica:  
curso de pós-graduação em gestão e organização  
da escola. Londrina: UNOPAR Virtual, 2009. 23p.



# “Quem Ama Cuida e Educa”: A Experiência com um Grupo de Pais de Uma Creche Municipal no Interior da Bahia

*“Who Loves Cares and Educates” Experience With a Parent Group of a Municipal Nursery Within the Bahia*

Áurea Lina Angélica Batista Oliveira<sup>1</sup>, Daniely Martins dos Santos Ferraz<sup>2</sup>, Patrícia Serra dos Reis Rios<sup>3</sup>, Edi Cristina Manfroi<sup>4</sup>

## RESUMO

A atividade de extensão realizada em uma creche municipal de Vitória da Conquista, no interior da Bahia, foi manejada por três graduandas do sétimo semestre do curso Psicologia da Universidade Federal da Bahia, juntamente com uma Professora Doutora em Psicologia do Desenvolvimento Edi Cristina Manfroi. A atividade se tratava de um grupo com os responsáveis das crianças, indicados pela coordenação da Creche, para orientar e desenvolver práticas educativas parentais saudáveis e autoritativas. Os encontros aconteceram uma vez por semana e durava uma (1) hora cada encontro do grupo. Os cuidadores eram organizados em círculo para uma “roda de conversa” e assim discutiam-se temáticas a respeito de práticas parentais, baseados no livro de Lídia Weber (2014), “Eduque com Carinho”. Apesar de não comparecer até o último encontro do grupo, todos os responsáveis convidados, o grupo obteve resultado positivo com aqueles que permaneceram, proporcionando maior envolvimento e cooperação na rotina escolar e da casa das crianças, melhorando a auto-estima de pais/avó e filhos/neto, como também a relação entre os mesmos.

**Palavras-chave:** Práticas Parentais. Creche. Desenvolvimento Infantil.

## ABSTRACT

The extension activity occurred in a municipal daycare of Vitória da Conquista, in the countryside of Bahia, was managed by three internship students of the seventh period of the psychology graduation in the Federal University of Bahia, with a professor with doctorate in Developmental Psychology Edi Cristina Manfroi. The activity was an encounter with carers, indicated by the daycare, to orientate and develop healthy and authoritative educative parenting. The encounters happened once a week for an hour each. The cares were organized in circles and then it was discussed parenting, based on the book by Lidia Weber (2014), “Eduque com Carinho”. Although not all the guests have attended to every meeting, the group obtained positive results with the remaining ones, providing greater involvement and cooperation from the children on the school and household, improving self-esteem of parents and kids, as well the relationship between them.

**Keywords:** Parenting. Daycare. Child Development

<sup>1</sup>Graduanda do 9º semestre de Psicologia UFBA/IMS-CAT  
Aurea\_alevea@hotmail.com

<sup>2</sup>Graduanda do 9º semestre de Psicologia UFBA/IMS-CAT  
dany\_msf@hotmail.com

<sup>3</sup>Graduanda do 9º semestre de Psicologia UFBA/IMS-CAT  
patriiciarios@hotmail.com

<sup>4</sup>Orientadora- Professora Doutora de Dedicção Exclusiva da UFBA/IMS-CAT  
edicristinam@gmail.com

## Introdução

O presente trabalho trata-se de um Relatório de Experiência sobre um Grupo de Práticas Parentais, oriundo de um Projeto de Extensão do PIBIX, que foi realizado no âmbito da graduação em Psicologia, na Universidade Federal da Bahia, campus de Vitória da Conquista, conduzidos por 3 graduandas do sétimo semestre do curso e supervisionadas por uma docente, para um grupo de pais dos alunos de uma creche, o grupo denomina-se “Quem Ama Cuida e Educa”.

Trabalhos realizados na área de desenvolvimento infantil e práticas parentais na educação de seus filhos demonstram que as principais preocupações dos pais passam pelo nível estrutural, através de organizações de associações e conselhos, priorizando a preocupação com o direito ao ensino e como se dá a transferência do mesmo, e não com o desenvolvimento infantil (BHERING e NEZ, 2002). Ou seja, os cuidadores vêm a instituição de ensino apenas como fonte de transmissão de informação e não como ambiente propício para o desenvolvimento de diferentes características sociais, cognitivas e afetivas importantes para o desenvolvimento saudável das crianças.

A creche hoje é um local bastante procurado pelos pais, apresentando um número expressivo de crianças matriculadas; deste modo modelo vigente da creche precisa ser

reestruturado e repensado, modificando sua função assistencialista e fortalecendo sua função psicopedagógica, educacional como também de orientação.

Assim, a demanda apresentada pelos pais da Creche foi essencialmente a promoção de uma melhor interação com os filhos, bem como sua compreensão quanto ao desenvolvimento dos mesmos, proporcionando uma implicação dos pais no processo de desenvolvimento de seus filhos, gerando uma educação de qualidade para os mesmos.

Dessa forma, foi considerada importante uma discussão com os pais sobre sua influência na educação, ensino e desenvolvimento físico e psicológico do seu filho, através de uma orientação parental, demonstrando que a creche é um local democrático e que precisa do auxílio das duas esferas de convivência infantil, a escola e a família, pra funcionar em prol das crianças.

Portanto, o objetivo do grupo “Quem ama Cuida e Educa” foi fornecer subsídios importantes para o desenvolvimento de comportamento parental positivo que pudessem contribuir na mudança de comportamento dos filhos e a manutenção dos ganhos adquiridos pela criança, buscando assim conscientização do papel dos pais no desenvolvimento das crianças e possibilitando o envolvimento e a participação dos mesmos na organização e no funcionamento da creche, assim como incentivar os mesmos a

assumirem posturas mais críticas quanto ao seu envolvimento com a instituição e com a comunidade.

## Desenvolvimento

O surgimento da creche está relacionado com as transformações nas estruturas e nas organizações sociais e familiares. O seu início foi na época da industrialização, nas redondezas das vilas operárias, e com características assistencialistas, na qual sua preocupação principal era com a higiene, alimentação e segurança das crianças, não com o desenvolvimento e a educação. Segundo Dupret e Pacheco (2004, pg. 104) “as creches aparecem como fruto dos movimentos operários e da preocupação médico-sanitarista com as condições de vida das populações mais pobres”.

Com a crescente entrada das mulheres no mercado de trabalho, a creche passou a ser essencial e a sua procura passou a ser maior. Desta forma começou a ser repensada em suas prioridades e suas estruturas, e hoje a creche é vista como lugar auxiliador no desenvolvimento das potencialidades infantis.

A creche é um local onde as crianças mantêm contato com outras pessoas que não são seus familiares, podendo desenvolver assim sua socialização. Os profissionais desta instituição precisam estar atentos ao seu

papel no desenvolvimento infantil.

*O momento em que a criança passa a ir para a creche está marcado pelo instante da separação da família e, daí para frente, o tempo que ficará distante dela. Nesse sentido, a creche representa um espaço privilegiado para oferecer à criança oportunidades e alternativas que estimulem suas potencialidades, já que ela (criança) estará em interação constante com outros sujeitos que interferirão em seu desenvolvimento*

*(DUPRET E PACHECO, 2004, pg.110).*

A entrada e a permanência de uma criança na creche têm consequências positivas e negativas para a criança, porém a educação infantil não pode ser responsabilidade apenas dos profissionais pedagógicos.

Estudo (FERREIRA, ALVES & VÍTOR, 2008) em Psicologia do Desenvolvimento mostra que os primeiros anos de vida são aqueles em que o indivíduo aprende todas as habilidades básicas que determinarão as aprendizagens específicas ao longo de sua vida. Revela-se então a grande importância de familiares e creches/pré-escolas promoverem situações complementares e significativas de aprendizagem e convivência que realmente vão de encontro às necessidades e demandas das crianças. Apesar de muitos pais ingressam seus filhos na creche com a consciência de que ali eles irão aprender tudo e não precisarão realizar seu papel de educadores em casa.



Para melhor desenvolvimento da criança, é necessário e importante existir uma relação entre os pais e a instituição (creche). Os pais têm o mesmo objetivo que a creche no que tange o desenvolvimento infantil. De acordo com Bhering e Nez (2002, pg. 64) “criar condições, ambientes e atividades favoráveis para o desenvolvimento da criança é um dos objetivos (e desejos) comuns de ambas as instituições. A família e a escola dividem e partilham suas responsabilidades no que diz respeito à educação e a socialização das crianças”.

A instituição familiar tem um papel essencial no comportamento infantil. As condutas da criança são aprendidas, primeiramente, no âmbito familiar, tendo este último forte influência no desenvolvimento global do indivíduo. Sendo assim, a importância dos pais no contexto da creche é essencial e indiscutível, como a união das duas instituições pode proporcionar condições complementares e expressivas de aprendizagem e socialização para as crianças.

Um dos aspectos estudados e que demonstra grande influência no desenvolvimento social, cognitivo e afetivo das crianças é a maneira como os pais educam seus filhos. Todos os pais utilizam um conjunto de técnicas e estratégias que objetivam o desenvolvimento pró-social das crianças.

As Práticas Educativas Parentais são compreendidas como técnicas e artifícios

que os pais utilizam para orientar os comportamentos de seus filhos. Segundo Antoni, Ceconelo e Koller (2003, p. 46) estas práticas “referem-se às estratégias utilizadas pelos pais para atingir objetivos específicos em diferentes domínios (acadêmico, social, afetivo) sob determinadas circunstâncias e contextos”.

Para Gomide (2003) as práticas parentais podem desenvolver comportamentos anti-sociais ou comportamentos pro sociais. As primeiras são conhecidas como práticas negativas são elas: negligência, abuso físico e psicológico, disciplina relaxada, punição e monitoria estressante. Já as segundas, as que possibilitam comportamentos pro social, são conhecidas como práticas positivas, as quais se destacam o monitoramento positivo e comportamento moral.

As práticas negativas podem gerar filhos medrosos, apáticos, sem autonomia e desinteressados (GOMIDE, 2004). A negligência é a principal prática negativa, sendo ela definida como ausência de supervisão e desinteresse dos pais pela vida de seus filhos, por descaso, falta de atenção, afeto e amor. A monitoria negativa é caracterizada pela fiscalização estressante por parte dos pais, além de repetições exageradas de instruções. Esta prática pode ter como consequência o controle psicológico, que impede a autonomia psicológica do filho, gerando sentimento de angústia.

A disciplina relaxada é definida como o não cumprimento dos pais diante de uma regra estabelecida pelos mesmos. Os genitores estabelecem regras e diante de atitudes dos filhos não fazem valer as regras (GOMIDE, 2004). A punição psicológica é utilizada pelos cuidadores quando estes não refletem sobre a situação e os seus atos e agem dependendo do seu humor. Isso faz com que os filhos aprendam a discriminar e reagir de forma diferente diante do humor dos pais, e não diante a ação que foi punida. Como consequência desta punição, não há extinção do comportamento indesejado, já que ora é punido, ora não. (GOMIDE, 2003).

Por outro lado, às práticas positivas tem como objetivo desenvolver características que aumentem o repertório saudável da criança. O monitoramento positivo envolve atenção e conhecimento acerca de onde seus filhos se encontram quando estão fora do ambiente familiar e sobre quais atividades eles exercem. Esta prática também inclui o afeto, amor e carinho, principalmente quando a criança precisa de apoio e ajuda em suas necessidades básicas do seu desenvolvimento (GOMIDE, 2004). Segundo Maia e Willians (2005, p.97) “uso adequado da atenção e distribuição de privilégios, o adequado estabelecimento de regras, a distribuição contínua e segura de afeto, o acompanhamento e supervisão das atividades escolares e de lazer” fazem parte das

práticas educativas parentais positivas. Pais que utilizam estas estratégias influenciam de forma mais efetiva as crianças, promovendo um controle parental firme desde a infância (PACHECO 2004).

O comportamento moral são as atitudes dos pais em relação à transmissão das crenças, dos valores e da moral para seus filhos. A transmissão é realizada através do diálogo, da conversa e dos exemplos. Esta forma de disciplina caracteriza-se por direcionar a atenção da criança para as consequências de seu comportamento às outras pessoas e para as demandas lógicas da situação, ao invés das consequências punitivas para ela mesma (ANTONI, CECCONELO & KOLLER, 2003).

A afetividade dos pais em relação às crianças facilita o desenvolvimento e a internalização de normas sociais. Portanto, quando há uma relação segura com os pais, as crianças aprendem a ser empático, a expor seus sentimentos, refletir sobre seus desejos, sobre o certo e o errado e se sentem seguras para manter uma relação fora do contexto familiar.

## Metodologia

O grupo “Quem a Ama Cuida e Educa”, ocorreu na Escola-Creche municipal na cidade de Vitória da Conquista, no interior



do estado da Bahia, em um bairro de vulnerabilidade social.

Participaram do grupo, inicialmente, 15 cuidadores primários que foram selecionadas pela Coordenadora da creche, mas com o passar dos encontros alguns destes foram desistindo, restando duas mães na faixa etária entre 25 a 38 anos, e uma avó de faixa etária de 65 anos. A escolaridade de todos os participantes era o ensino fundamental incompleto, a renda individual apresentada pelos pais variava aproximadamente de um salário mínimo. A idade das crianças era de 3 a 6 anos, sendo dois do sexo masculino e um do sexo feminino. A faixa etária foi delimitada pelas monitoras juntamente com a supervisora. Os pais foram convidados pessoalmente pela coordenação da creche a participar de um grupo de orientação a pais, segundo o critério de inclusão, a frequência e a disponibilidade dos pais.

As características das queixas dos cuidadores relativas aos filhos ou netos eram relacionadas à agressividade, desobediência e o comportamento de “birra” apresentado pelas crianças,

Para a realização e a finalidade do encontro, foi utilizado um Roteiro de Entrevista Não-Estruturada para Avaliação Inicial, tendo como objetivo recolher dados sobre a relação entre pais e filhos. A entrevista era composta por duas questões abertas, uma referente às queixas apresentadas pelos

pais em relação a seus filhos, e a segunda sobre a maneira como eles lidavam com tais problemas.

Em um segundo encontro foi aplicado o Inventário de Estilos Parentais (GOMIDE, 2003), que requer habilidade de leitura e escrita para seu preenchimento, e por esse motivo cada monitora ficou com um participante para auxiliá-lo no preenchimento. Este inventário é construído em duas versões, uma para os pais e outra para a criança, formado por 42 situações em que os participantes têm que responder com qual frequência elas ocorrem (sempre, às vezes, nunca), estas situações indicam qual estilo parental os pais utilizam como padrão na criação de seus filhos (punição física, negligência, monitoria negativa, monitoria positiva, comportamento moral, punição inconsciente e disciplina relaxada).

Além desses, foi utilizado também um Roteiro de Entrevista Não-Estruturada para Avaliação Final, contendo duas perguntas abertas. A primeira procurava avaliar as práticas educativas parentais, as habilidades sociais educativas e o enfrentamento a estressores que vão além da relação pais-filhos relativos ao casamento, família de origem, estudo e auto-cuidado, que os pais teriam desenvolvido durante a intervenção. A segunda pergunta questionava sobre as transformações apresentadas pelas crianças após sua participação no grupo, de

acordo com a percepção dos pais.

Os Encontros do grupo “Quem Ama Cuida e Educa” foram realizados em uma sala selecionada pela coordenação da creche, com mesas, cadeiras e almofadas. Os materiais utilizados foram divididos em três grupos; **1)** materiais de papelaria, que incluía papel sulfite, canetas, lápis, entre outros; **2)** material de mídia: câmera de celular, notebook; **3)** material didático: Folhetos e Folders.

O grupo teve características psicoeducativas, com o objetivo de desenvolver práticas educativas parentais saudáveis e autoritativas. Os participantes ficavam em círculo durante todo o grupo, e o mesmo ocorreu até o 15º encontro, cada sessão durava cerca de 60 minutos, com periodicidade semanal (terças-feiras). Embora cada encontro abordasse um tema específico o qual estava encadeado com a temática dos encontros seguintes, era realizada após cada sessão e durante as supervisões uma análise breve do processo terapêutico do grupo. Esse procedimento facilitou o planejamento das sessões que prosseguiram, com ajustes que atendiam às demandas do grupo.

O grupo foi monitorado por três estudantes do sétimo semestre de graduação em Psicologia. No primeiro encontro, como já supracitado, estavam presentes pouco cuidadores (15 no total) que apresentaram seus nomes, o nome das respectivas crianças que estudavam na creche e o motivo de ir para

o grupo. As monitoras explicaram e reforçaram do que se tratava o grupo aos pais, tirando dúvidas sobre o objetivo do grupo e sobre os horários, sendo que anterior a aquele momento a coordenação da creche informou aos responsáveis sobre o grupo.

O tempo do primeiro encontro foi de aproximadamente uma hora, os responsáveis aproveitaram este momento para “desabafar” sobre as suas concernentes relações pais-filhos, como também pais-creche. Contudo, nos próximos encontros, os participantes compreenderam esta relação (pais-filhos e pais-creches), como também as mudanças ocorridas durante esta fase das crianças.

O segundo encontro foi iniciado com o vídeo “As crianças são os que vêm”, que prosseguiu com uma breve roda de conversa sobre o tema em questão, e a exemplificação de alguns responsáveis. No final do segundo encontro iniciou aplicação do Inventário de Estilos Parentais (IEP) e foi finalizado no terceiro encontro. Aplicar o Inventário de Estilos Parentais (IEP) (GOMIDE, 2003) teve o intuito de definir as temáticas que norteariam o grupo. Utilizou-se dois dias para esta aplicação, pois alguns responsáveis faltaram o segundo encontro, comparecendo somente terceiro. As monitoras explicaram o IEP e orientaram os cuidadores na leitura, como também os auxiliaram em qualquer dúvida.

Do quarto ao décimo quinto encontro foram discutidas temáticas baseadas no livro “Quem ama educa” de Lidia Weber (2014). Ocorreram doze (12) temas, cada um trabalhado em cada encontro, o último tema foi exposto e discutido no encerramento do grupo, onde estavam presentes os responsáveis e seus filhos/neto.

O primeiro tema foi “amor incondicional”, que se tratava de como demonstrar o amor para as crianças e como essa demonstração é essencial para o desenvolvimento saudável das mesmas. Explicou-se que esse comportamento não significa somente tecer elogios, como também orientar, ensinar, expor críticas construtivas e separar a criança do comportamento inadequado que esteja realizando-a.

O segundo tema foi sobre os “princípios dos comportamentos”, onde falava sobre genética e comportamentos aprendidos, demonstrando a importância da orientação parental para definição do comportamento da criança nesta fase do desenvolvimento (3 a 6 anos). Nesse encontro após as explicações teóricas e orientações, as mães e avó exemplificaram comportamentos dos seus filhos e neto.

O terceiro e quarto temas dos encontros foram planejados norteando a fase do desenvolvimento da criança e o que é esperado para a mesma. Explicou-se aos responsáveis nestes momentos sobre “regras, castigo,

sobre as brincadeiras e a bagunça” realizada pelas crianças como também a função de cada um dos termos acima. No quarto tema tem relatamos sobre o “autoconhecimento” e a importância desse princípio para saber qual estilo de pai eles encaixam-se. Após a orientação e a definição dos estilos os responsáveis explanaram sobre quais estilos adequavam-se; e seguido a este momento foi realizado um direcionamento sobre as consequências e “erros” dos estilos.

O oitavo encontro teve como tema (5º tema) “Comunicação Positiva”, no qual discorre sobre a importância dos pais se comunicarem de forma clara, devendo esta adequar-se à idade do seu filho. Pode ser expressa de forma verbal, através da fala e não verbal, especialmente quando se quer transmitir emoções, sabendo articular as expressões faciais. As mães e avós relataram episódios no qual não souberam articular de forma coerente o que falavam com suas expressões faciais, o que, por vezes, gerou confusão na criança. As monitoras ressaltaram que uma boa comunicação inclui o saber ouvir e, principalmente, saber ouvir com qualidade, ou seja, dar atenção quando se ouve.

O nono encontro (6º tema) norteou-se pela temática “Usar Consequências Positivas: Reforçar, Elogiar, Valorizar”, que diz respeito aos pais apresentarem consequências ao comportamento adequado do seu

filho. As mães e avós relataram que notavam mais os aspectos negativos do que positivos, prestando mais atenção nos filhos quando eles fazem algo de errado. Dessa maneira, as monitoras mostraram que é necessário reforçar o comportamento positivo do filho, aumentando as chances de que o mesmo comportamento se repita.

O décimo encontro (7º tema) versa sobre o “Ser consistente”, pois além de apresentar regras claras para o seu filho, os pais devem ter consistência. Caso contrário, a inconsistência é um dos piores comportamentos dos pais e traz consequências desastrosas que culminam no que se chama de “problemas de comportamento” na criança. As mães e avó explanaram que o cumprimento das regras dependia do seu estado de espírito, ou seja, se estivesse bem humorado deixavam passar o castigo ou, em casos contrários, aplicavam as regras e as consequências ainda com maior dureza.

O décimo primeiro encontro foi embasado pelo tema (8º tema) “Não usar punição corporal, mas consequências lógicas”. A punição física não é eficiente como método para se eliminar um comportamento inadequado, pelo contrário, acaba gerando medo na criança, além de aumentar a probabilidade da agressividade no mesmo. As monitoras explicaram que uma boa disciplina positiva, como o diálogo, as dicas verbais com lembretes, deve ter mais atos de

prevenção do que de punição.

O décimo segundo encontro (9º tema) versou sobre o “Ser um modelo moral”, no qual ressalva que os pais não devem se comportar de uma maneira que reprovariam em seus filhos. Dessa forma, foi reforçado que para uma criança pequena, é natural imitar as pessoas mais próximas. Isto é uma forma de aprendizado. A criança pequena imita sem pensar sobre as consequências de seu comportamento.

O décimo terceiro encontro (10º tema) abordou sobre o “Educar para a autonomia”, ou seja, primeiro dê raízes e depois, asas. Destarte, educar com qualidade e de maneira positiva compreende duas atitudes aparentemente antagônicas: estar envolvido e deixar a criança encontrar o seu próprio caminho. As monitoras trabalharam no sentido de desconstruir a crença construída pelos pais de que a criança não deve ter autonomia, pois não possui “maturidade” suficiente para isso. As mães e avós não conseguiam correlacionar que podem amar incondicionalmente e estimular as crianças a pensar que “elas” pertencem a sua própria vida, e que no futuro precisam ser autônomos.

O décimo quarto encontro constou como 11º tema, e foi uma pergunta: “O que já sei sobre Prática Parental?”, que versou em uma dinâmica na qual os pais respondiam perguntas sobre os encontros anteriores.

Nessas perguntas tinham que responder Verdadeiro(V) ou Falso (F) e justificarem a resposta. Todo o encontro teve um clima muito divertido e dinâmico, as responsáveis respondiam os quizzes e exemplificavam justificando as suas respostas. Com um saldo positivo no final do encontro para as mães e avó. No momento da finalização foi passado um feedback para os responsáveis sobre o grupo e a evolução das mesmas.

O último encontro (12º tema) pautou-se em uma confraternização de encerramento com as mães e avó, juntamente com seus filhos e neto. O tema que norteou o encontro foi “Os 12 mandamentos da criança para seus pais” com o intuito de fazer com que os pais compreendam que seu filho possui necessidades em cada fase da vida. Desse modo, as monitoras reforçaram novamente de forma sucinta todos os temas abordados nos encontros anteriores. Foi construída, também, uma lista de regras, de forma a ficar claro aos filhos e neto que também possuem deveres que devem ser cumpridos. Foi pedido um feedback dos pais para as monitoras e para o grupo (Vide figura I e II).



Figura 01



Figura 02

Finalizando ressalta-se que os temas dos encontros foram escolhidos segundo demanda apresentada pelas próprias participantes do grupo “Quem Ama Cuida e Educa”. Posteriormente, discutiremos os resultados do grupo e o efeito do uso dessa metodologia.

## Resultado

Os dados coletados no grupo foram analisados e avaliados a partir do relato dos participantes, através das entrevistas, da observação nos encontros do grupo e a partir do inventário de práticas parentais (GOMIDE, 2003). A primeira parte considerou as melhoras apresentadas pelos participantes (mães e avós). E a segunda parte consistiu nas melhoras apresentadas pelos filhos. Antes da intervenção os participantes utilizavam práticas educativas predominantemente negativas e após o programa o uso dessas práticas foi reduzido. As práticas negativas (a classificação proposta por Gomide, 2004), foram utilizadas para essa categorização ressaltando que esta segunda parte foi relatos das mães e avó.

No primeiro encontro realizado observou-se que a maioria dos cuidadores presentes compareceu por acreditar que se tratava de uma reunião sobre creche, aproveitando o momento para realizar reclamações sobre professores, métodos e coordenação. Quando foi reforçado pelas monitoras que aquele encontro se tratava de uma orientação voltada para os responsáveis primários sobre suas práticas parentais, percebeu-se falta de interesse em continuar frequentando as próximas reuniões por parte dos mesmos, já que esses responsabilizavam a creche por qualquer aprendizado das crianças.

Essa falta de interesse foi confirmada no segundo encontro quando compareceram apenas três cuidadores. Apesar do objetivo do grupo ter sido atingir maior número de participantes, decidiu-se continuar com essa quantidade de pessoas, pois as três interessadas acreditavam que a educação infantil não era responsabilidade somente da creche, demonstrando precisar de orientação e vontade de compreender e aprender, para uma melhor relação com as crianças, de acordo com os seus relatos. O resultado desse momento foi positivo, devido ao fato dos participantes compreenderem e concordarem com o que estava sendo dito e explicado pelas monitoras, além de mostrarem motivação por mudança.

Os resultados da aplicação do IEP (Inventário de Práticas Parentais) nesse segundo e no terceiro encontro demonstraram que os pais confundiam educação com punição. Enquanto que os participantes iam respondendo, eles também explicavam cada marcação, o que faziam e deixavam de fazer, contribuindo com a compreensão das monitoras sobre suas práticas parentais. Nas perguntas que se referiam à punição, a maioria das marcações eram às vezes castigavam ou batiam em seus filhos, ao invés de conversar, entender o motivo daquele comportamento e explicar os comportamentos adequados ou inadequados.

Diante estes resultados, deram-se

seguimentos aos outros encontros e as temáticas já explicadas à cima. Todo final das discussões os responsáveis se mostravam mais motivados, agradecidos e dispostos a por em prática o que estava sendo aprendido. Nas reuniões os mesmos relatavam experiências novas com seus filhos/netos e mudanças, práticas antes usadas e que após as discussões evitavam realizar.

O foco principal do grupo era orientar os responsáveis diante a educação das crianças matriculadas na creche em questão, porém tinham cuidadores que possuíam outros filhos que não frequentavam a instituição, transferindo o que estava sendo aprendido para a educação desses também, expondo resultados positivos diante esses também.

O objetivo do último encontro foi avaliar o comportamento dos responsáveis diante os seus filhos/netos, e vice-versa. Foi realizado um encerramento com os participantes e suas crianças, onde houve atividades em que pôde ser observadas melhorias e mudanças. Pediu-se para os responsáveis escreverem em uma folha o que gostaria que as crianças mudassem, depois pediu-se que os primeiros explicassem para os segundo o que escreveram. Outra atividade foi os responsáveis falarem para as crianças o que gostam nela e demonstrar apoio em suas dificuldades. As crianças mostraram-se compreensivas e carinhosas diante as medidas dos adultos, ao final abraçaram e

prometeram que mudariam.

Ao final as monitoras deixaram os cuidadores a vontade com as crianças para comer e brincar, com a finalidade dos primeiros se aproximarem e terem momentos de lazer com os segundo. Para finalizar e encerrar o grupo, os responsáveis pediram a palavra para elogiar e agradecer as monitoras. De acordo com os seus discursos, comportamentos de punição diminuíram e que a relação com as crianças estavam melhorando.

Diante essa experiência, pode concluir que, embora as relações familiares sejam importantes, os pais geralmente recebem pouca preparação, além da própria experiência como pais, produzindo-se a maior parte da aprendizagem durante a realização da tarefa por meio do ensaio e erro. O surgimento de problemas comportamentais e emocionais em crianças tem motivado o desenvolvimento de intervenções dirigidas aos pais, tais como o treinamento de pais ou grupo de orientação (Olivares, Mendez&Ross, 2005), e estes pode culminar em mudanças no comportamento dos participantes dos grupos, como foi visto no grupo “Quem Ama Cuida e Educa”.

Além da percepção positiva sobre mudanças no comportamento parental, os responsáveis também avaliaram positivamente as mudanças das crianças em questão, relatando melhoras nas atividades acadêmicas, no desenvolvimento de ha-

bilidades sociais e no desenvolvimento de cuidados em prol da própria saúde (como escovar dentes e tomar banho). Dessa forma, observa-se consistência entre a literatura e os resultados obtidos: o treinamento de pais altera positivamente a qualidade das relações entre pais e filhos e reduz problemas de comportamento na criança (Pinheiro et al., 2006).

## Discussão

Os resultados do grupo mostraram que os objetivos do programa foram alcançados. A análise dos resultados permite concluir que as participantes apresentaram mudanças significativas na maneira de compreender o desenvolvimento e agir de acordo com as necessidades das crianças, diminuindo as práticas educativas parentais negativas e aumentando consideravelmente as práticas positivas.

Os depoimentos relatados pelas mães durante os encontros revelaram a importância da troca de informações, ao passo que as situações vivenciadas por cada um possibilitaram novas discussões. Essa troca de experiências permitiu o compartilhamento acerca dos eventos cotidianos e dos impasses que a responsabilidade de educar uma criança proporciona. Dessa maneira, o grupo foi para além da simples troca de

informações, já que configurou-se como canalizador das fantasias, angústias e medos que perpassam a maternidade.

Como já ressaltado neste relato, a amostra do estudo é composta por mães com baixo nível de escolaridade, sendo esta variável responsável, em alguns casos, pelo insucesso dos cuidadores na escolha das práticas parentais. Muitos utilizam o abuso físico e psicológico como principal método de educação dos filhos. Nos depoimentos, nota-se que simplesmente reproduzem os métodos que também foram utilizados pelos seus pais quando eram crianças. Destarte, as monitoras trabalharam no tocante de desconstruir a crença sustentada pelas mães que a punição física ainda é o procedimento mais eficaz, à medida que demonstraram que práticas parentais positivas quando bem empregadas de forma consistente e duradoura produzem resultados mais satisfatórios. Percebe-se que o autoconhecimento dos pais é primordial para o sucesso da relação que instituem com os filhos, ao passo que, como abordado na literatura, o comportamento dos filhos é, por vezes, reflexo do comportamento dos pais.

Os resultados apresentados revelam que há pontos em comum nas mudanças relatadas pelas mães, tais como, aumento de diálogos com os filhos, preocupação em lhes dedicar mais tempo, em compreender seus pontos de vista e buscar impor limites.



Nota-se, então, uma mudança de pensamento das mães a respeito de sua própria postura como educadora, uma vez que apresentavam, no início dos encontros, práticas parentais autoritativas, no qual limite e afeto eram tratados em níveis antagônicos. Durante o grupo de orientação, as mães de sentiram responsáveis em mediar às trocas de experiências e os ganhos dos encontros para os demais cuidadores das crianças, tais como, pai, avós, tios, a fim de promover um aumento das habilidades sociais educativas não só seu, mas de todos os responsáveis pelos cuidados do filho.

Porém, todas essas alterações observadas não significam que as concepções sobre suas funções de mãe e sobre os papéis de seus filhos no processo educativo tenham sido completamente alteradas. Foi possível observar que o grupo desencadeou um processo de mudança, em pleno andamento, quando suas atividades se encerraram.

Outro quesito gerador de mudança durante o grupo foi o enfretamento de estressores externos, uma vez a maioria das mães desempenhavam outros papéis, como profissionais, esposas, dona de casa. Devido à dupla jornada (trabalho-família) muitas mães aplicavam as práticas educativas de acordo com o seu humor do dia. Desse modo, foi evidenciado pelas monitoras que a educação dos filhos ocorre de forma contínua, devendo ser construída diariamente,

mesmo com a sobrecarga de atividades. Notou-se que quando as mães controlaram o seu ‘temperamento’, através de uma postura firme e consistente, os filhos compreendiam melhor a punição empregada.

No decorrer do grupo de orientações, foi frequente o desconhecimento, por parte das mães, a respeito das características do desenvolvimento infantil, bem como das influências dos ambientes sobre o comportamento da criança. Tal desconhecimento levava as mães, em sua maioria, a atribuírem exclusivamente à criança a responsabilidade sobre os problemas que estavam apresentando e a colocarem rótulos negativos em relação a ela, o que poderia agravar ainda mais o problema. Diante desse quadro, optou-se por desenvolver uma forma de grupo operativo que pudesse fornecer suporte a essas famílias que demandam apoio e escuta.

A organização e a oferta de grupos de orientação de pais visavam atender a uma demanda da creche. As mães encontravam-se em angústia, pois havia preocupações de várias naturezas em relação aos filhos, tais como, “será meu filho normal?”, “terá uma solução esse problema que estou vivendo?” “Meu filho não me obedece de feito nenhum”. Nesse contexto, o grupo “Quem Ama Cuida e Educa” representou um acolhimento que visava fornecer suporte e esclarecimento inicial sobre os fatores, presentes

nos diferentes ambientes, relacionados aos problemas que as mães traziam.

As limitações estão na amostra reduzida, sendo assim é necessário que se amplie a amostra, o que é uma dificuldade quando envolve atividade de extensão e grupos com pais, pois a frequência e aceitação é baixa, como também ressalta-se a grande penúria de mais estudos com grupos experimentais parecidos para aumentar os resultados, e desenvolver uma possível generalização.

## Considerações Finais

O trabalho realizado proporcionou aos pais um maior envolvimento e cooperação na rotina escolar e da casa dos filhos, melhorando a auto-estima de pais e filhos, como também a relação entre os mesmos. Os resultados observados demonstraram que o grupo de orientação de práticas parentais foi avaliado como benéfico para a melhoria das relações interpessoais, incluindo a relação com os filhos, com o cônjuge e para o aumento no repertório de solução de problemas e auto-cuidados, tanto nos pais quanto nos filhos, segundo relatos dos participantes.

A variedade de resultados positivos obtidos com o programa multimodal, focado no desenvolvimento de práticas educativas parentais saudáveis, habilidades socioedu-

cativas, justifica uma nova formação de outro grupo de práticas parentais, para outros lugares (creches).

Os ganhos advindos com novos estudos na área poderão fortalecer a tecnologia empregada em serviços preventivos ou de tratamento em saúde mental, o que poderá interessar não somente a clínicos e pesquisadores, mas também a gestores em políticas públicas de educação, saúde e assistência social à infância.

Um dos desafios do grupo foi e manter a presença dos pais nos encontros, seja por questões de horário de trabalho concomitante, recursos financeiros ou comprometimento pessoal. Tanto a experiência prática quanto a literatura nos apontam que muitos pais querem, mas se sentem incapazes ou não sabem o que fazer para ajudar.

As aprendizagens com a família funcionam como uma plataforma de lançamento para outras aprendizagens necessárias a vida da criança e nesse sentido, atitudes familiares de envolvimento, compreensão e ajuda se tornam fundamentais, pois essas crianças encontram-se fragilizadas psicologicamente, dificultando seu progresso, e podem chocar com as crenças já desenvolvidas por eles ao longo da vida.

A experiência vivida com o grupo “Quem Ama Cuida e Educa” nos fez perceber a importância de se formar um profissional qualificado nesta área, com domínio de

conteúdo, e capaz de trabalhar com as diferenças existentes no meio de trabalho, podendo ser uma creche, ou uma sala de aula, uma escola como pode ser um todo, ou mesmo a sociedade de forma geral. Podemos concluir com isto, o trabalho realizado funciona como uma forma de inclusão dos estudantes universitários à realidade e vivência de uma creche, principalmente na orientação parental. Visto que esse contato é de fundamental importância para a formação do psicólogo, recém ingressado na profissão.

## REFERÊNCIAS

ANTONI, C. de; CECCONELLO, A. M.; KOLLER, S. H. *Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar*. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 8, num. esp., p. 45-54, 2003.

BASCO, M. R.; THASE, M. E.; WRIGHT, J. M. *Aprendendo a Terapia Cognitivo-comportamental*. São Paulo: Artmed, 2006

BEHERING, E.; NEZ, T. B. de. *Envolvimentos de pais em creche*: possibilidades e dificuldades de parceria. Psicologia: Teoria e Pesquisa. Jan-Abr 2002, Vol. 18 n. 1, pp. 063-073

DEL PRETTE, A. DEL PRETTE, Z. (2001). *Psicologia das relações interpessoais*: vivências para o trabalho em grupo. Petrópolis: Vozes.

DUPRET, L.; PACHECO, A, L, P, B. *Creche*: Desenvolvimento ou Sobrevivência? Psicologia USP, 2004, 15(3), 103-116.

GOMIDE, P. I. C. (2003). Estilos parentais e comportamento anti-social. In A. Del Prette & Z. A. P. Del Prette (Orgs.), *Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem* (pp.21-60). Campinas: Alínea.

GOMIDE, P.I.C. Estilos Parentais e comportamento anti-social. (2003). In A. Del Prette. Z. Del PRETTE (ORGS.). *Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem*: questões conceituais, avaliação e intervenção (21-60). Campinas: Alínea.

GOMIDE, P.I.C. (2004). *Pais presentes, pais ausentes*. Petrópolis: Vozes.

WEBER, Lídia. (2007). *Eduque com carinho*. 4ª Edição. Curitiba. Ed. Jurúa.

FERREIRA, P. L., VÍTOR, R. R. R., & ALVES, S. C. A. (2008). *Intervenção Psicossocial em Creche*: Relato De Experiência.

MARTURANO, E. M., & LOUREIRO, S. R. (2003). O desenvolvimento sócio-emocional e as queixas escolares. In A. Del Prette & Z. A. P. Del Prette (Orgs.), *Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem* (pp.259-291). Campinas: Alínea.

PACHECO, J. T. B.; *A construção de comportamento anti social em adolescentes autores de atos infracionais*: uma análise a partir das práticas educativas e estilos parentais. Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Setembro, 2004.

PINHEIRO, M. I. S., HAASE, V. G., DEL PRETTE, A., AMARENTE, C. L. D., & DEL PRETTE, Z. A. P. (2006). Treinamento de habilidades sociais educativas para pais de crianças com problemas de comportamento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19 (3), 407-414.

PORTO, P.; *Orientação de pais de crianças com fobia social*. Revista Brasileira de Terapias Cognitivas, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, jun. 2005.



Título **Revista de Extensão UENF**  
Projeto Gráfico, Capa e Diagramação **Diego Melo Gomes**  
Editoração Eletrônica **Diego Melo Gomes e Tadeu André Peixoto da Silva**

Formato **220 X 220 cm**  
Fontes **Família Tipográfica Asap**  
Número de páginas **142**

A Revista de Extensão da UENF, com periodicidade quadrimestral, tem como objetivo divulgar resultados de ações extensionistas (artigos científicos e relatos de experiências), de forma a provocar um maior interesse das entidades públicas e privadas no exercício da formulação de políticas públicas, embasadas em conhecimento científico e dirigidas para o desenvolvimento regional.

